

Banca em Análise

Performance anual do sector em Angola, Novembro 2011

Um crescimento
sustentado
Assenta numa visão
rigorosa

Deloitte.



CABINDA
(2 BALCÕES)



ZAIRE
(1 BALCÃO)



UIGE
(6 BALCÕES)



BENGO
(2 BALCÕES)



KWANZA NORTE
(5 BALCÕES)



LUANDA
(83 BALCÕES)



MALANJE
(2 BALCÕES)



LUNDA NORTE
(3 BALCÕES)



LUNDA SUL
(1 BALCÃO)



KWANZA SUL
(5 BALCÕES)



BENGUELA
(10 BALCÕES)



HUAMBO
(5 BALCÕES)



BIÉ
(4 BALCÕES)



MOXICO
(3 BALCÕES)



HUÍLA
(10 BALCÕES)



NAMIBE
(1 BALCÃO)



CUNENE
(2 BALCÕES)



KUANDO KUBANGO
(1 BALCÃO)



O CRESCIMENTO CHEGA A TODA A ANGOLA.

Novas agências em Chongoroi, Bocoio, Catete, Balombo, Alto Hama, Cacuso, Bailundo, Solar de Alvalade, Talatona, Cazenga II e Lucala.

O Banco BIC tem um compromisso: ajudar todos os angolanos a crescer. Por isso, também já chegou perto de si. Quer seja particular ou empresa, vai ter ao seu dispor os melhores produtos e serviços com um atendimento rápido, especializado e eficiente. Agora já sabe, o que deseja para a sua vida ficou mais fácil com o Banco BIC ao seu lado.



BancoBIC

Crescemos Juntos

www.bancobicao



Crescimento rigoroso

A Deloitte tem o prazer de apresentar a 6ª edição do estudo Banca em Análise. Neste trabalho compilamos informação pública sobre o sector bancário angolano e analisamos a evolução do sistema financeiro e os desafios que se colocam aos agentes económicos. Os resultados de 2010 demonstram a capacidade do sistema financeiro angolano continuar a crescer. Neste ano, o total dos depósitos de clientes no sector apresenta um crescimento de 14% face a 2009, sendo de destacar o contínuo reforço do peso dos depósitos a prazo. Por outro lado, o valor do crédito a clientes cresceu 16%. O desenvolvimento do negócio traduziu-se no aumento do total dos activos das instituições financeiras em 20% face a 2009. Para o sistema financeiro o ano foi ainda marcado por alterações significativas no enquadramento regulamentar, que obrigaram à implementação de processos de gestão cada vez mais rigorosos. Destacamos as necessidades de reporte financeiro associadas ao novo plano de contas, o limite de exposição em moeda estrangeira, a atingir de forma gradual, e a maior ponderação do crédito em moeda estrangeira para efeitos do cálculo dos fundos próprios mínimos regulamentares.

Os resultados do sector financeiro são atingidos no ano em que a economia nacional, depois de uma ligeira contracção do PIB em 2009, regressa a taxas de crescimento positivas. Para 2010 o crescimento real da economia angolana situa-se nos 4,5% e a última projecção do governo para 2011 é de 3,7%. Estes valores são sobretudo suportados pelo desenvolvimento dos sectores não petrolíferos. Assim, se a exploração petrolífera ainda é o motor da economia angolana, é nos sectores não petrolíferos que se assiste a um maior crescimento e dinamismo.

Estamos, no entanto, num momento de incerteza sobre os cenários de desenvolvimento da economia mundial, ao qual Angola não é imune. Neste contexto, é fundamental que o sector financeiro continue a crescer de forma sustentada e assente em processos de gestão cada vez mais rigorosos, de modo a consolidar o seu papel de facilitador do desenvolvimento da economia nacional.

Rui Santos Silva
Country Managing Partner
Luanda, 3 de Novembro de 2011

Novembro 2011

Banca em Análise

Propriedade

Deloitte & Touche – Auditores, Lda

Edifício KN10, Rua Kwamme Nkrumah, 10 - 2º

Luanda, República de Angola

Tel. + 244 222 679 600

Fax + 244 222 679 690

www.deloitte.pt

Concepção, redacção, edição,

produção gráfica e pré-impressão

Editando – Edição e Comunicação Lda.

Rua Joaquim Bonifácio, 21 - 5º

1150-1195 Lisboa

Tel. + 351 213 584 460

Fax + 351 213 584 461

editando@editando.pt

www.editando.pt

Impressão

IDG - Imagem Digital Gráfica, Lda.

Nesta edição



Banca em Análise 2011

- 04 Entrevistas**
A opinião e as perspectivas de quinze responsáveis de bancos que operam em Angola
- 50 Enquadramento Macroeconómico**
A economia mundial continua a atravessar um dos períodos mais complexos da história, dificultando a avaliação de causas e consequências. O ano de 2010 ficou marcado por sucessivos sinais de aceleração e de abrandamento
- 57 Economia Angolana**
Enquanto país exportador de petróleo, Angola foi dos mais afectados pela crise financeira internacional, mas também dos que mais depressa a ultrapassou. A aceleração iniciou-se a partir do 2º trimestre de 2009 e manteve-se ao longo de 2010
- 61 Estudo Banca em Análise**
Em 2010 o sector bancário angolano continuou a apresentar sinais de dinamismo e de crescimento. Os principais agregados de depósitos e crédito voltaram a crescer significativamente, embora a um ritmo mais moderado do que em anos anteriores
- 74 Demonstrações Financeiras dos Bancos**

M



6%
Taxa anual

DEPÓSITO A PRAZO "SPECIAL ONE"

VALOR MÍNIMO DE ABERTURA 500 USD
PRAZO ATÉ 180 DIAS
TAXA DE JURO ATÉ 6%

www.millenniumangola.ao



**DEPÓSITOS HÁ MUITOS,
MAS "SPECIAL ONE"
SÓ HÁ UM**

Millennium
Angola

Em rápido crescimento



A regulamentação do sistema financeiro angolano tem registado melhorias significativas, aproximando-se, a passos largos, dos padrões e das exigências internacionais. Os resultados de 2010 demonstram a capacidade do sistema financeiro para crescer, diversificar a sua actividade e impulsionar a economia.

o aumento dos montantes disponíveis no mercado de divisas, através do sistema de leilões do BNA, e para a descida das taxas de juro do kwanza, que permitiu reduzir de forma substancial o custo do crédito. Globalmente, estas medidas influenciam positivamente o mercado financeiro em geral e os bancos em particular, o que num contexto mundial de incerteza fortalece a economia nacional.

A médio e longo prazo o sentimento é de optimismo, alicerçado nas perspectivas de crescimento de Angola. Afinal, "cresce a economia e cresce, de igual modo, o sistema financeiro, criando um ciclo de progresso e de modernização", como afirmou um dos CEO de um dos 15 bancos comerciais entrevistados nesta edição da Banca em Análise. Mas o sistema financeiro angolano tem pela frente alguns importantes desafios, entre eles o da modernização e da introdução de novos produtos e serviços, capazes de responderem ao que o mercado necessita: operações mais elaboradas, mais complexas e de dimensão internacional.

Marcado pelo início da recuperação da economia angolana, 2010 foi um ano de crescimento para os bancos angolanos. Foi também um ano de desafios face às alterações de política monetária e de enquadramento regulamentar ditadas pelo Banco Nacional de Angola, com destaque para as reduções dos coeficientes das reservas obrigatórias (constituídas em moeda nacional e estrangeira), para a redução da taxa de redesconto das operações monetárias com o banco central, para





**SERÁ APENAS
DINHEIRO OU
SIGNIFICA
ALGO MAIS?**

HÁ RIQUEZA E RIQUEZA.
MAS UMA NÃO VIVE
SEM A OUTRA.



BANCO ESPÍRITO SANTO ANGOLA



BANCO OFICIAL DO PLANETA TERRA UNESCO

para a Educação,
a Ciência e a Cultura.



BANCO ESPIRITO SANTO ANGOLA

www.besa.ao

Banco Africano de Investimentos

Expansão sustentada



Hélder de Aguiar,
Administrador
Executivo

Afastado o espectro da crise cambial, o BNA iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade do BAI?

O ano de 2010 foi marcado pelo esforço de consolidação da posição de liderança no mercado bancário angolano, pela presença cada vez mais efectiva em todo o território nacional, pela expansão internacional sustentada e pelo lançamento de produtos inovadores.

Como é que as rubricas depósitos e crédito a clientes se comportaram?

Os recursos de clientes cresceram 1%, passando de USD 7,31 mil milhões em 2009 para USD 7,38 mil milhões em 2010. Os depósitos de clientes representaram 72% do activo líquido, enquanto as captações com títulos e valores mobiliários representaram 15% em 2010. Durante o ano de 2010, registou-se um aumento do peso dos depósitos a prazo relativamente ao total dos recursos de clientes, que passou de 10% em 2009 para 19% em 2010.

O crédito sobre clientes do BAI situou-se nos USD 2.476 milhões, o que representou uma diminuição de 19% (menos USD 593 milhões) relativamente ao exercício anterior, e em 30% do total de activo líquido, menos 7 pontos percentuais do que em 2009. A diminuição do crédito sobre clientes no exercício findo em Dezembro de 2010 está relacionada com o facto de o Estado ter regularizado as dívidas com os bancos comerciais. Parte da dívida regularizada foi titularizada.

Crédito a particulares cresceu 27% em 2010. Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares e a empresas?

O crédito concedido a clientes particulares situou-se em USD 331 milhões em 2010, montante que representa um crescimento de 27% relativamente a 2009 (USD 277 milhões). Em 2010, os créditos concedidos a particulares representaram 12% do total da carteira. Espera-se que em 2011 os produtos de crédito dirigidos ao segmento de particulares mantenham a tendência de crescimento. Durante o ano de 2010 o crédito concedido a empresas representou 88% do total do crédito concedido, face aos 91% registados em Dezembro de 2009. Para 2011 espera-se que as empresas continuem a ser muito importantes na carteira de crédito dos bancos.

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é uma vantagem?

O actual estágio do rácio de transformação dos bancos em Angola representa, certamente, uma oportunidade para o investimento privado face às taxas de crescimento da economia nacional. No entanto, constrangimentos derivados de factores externos, como a fragilidade do sistema judicial angolano, os riscos associados à falta de contabilidade organizada das instituições, a reduzida fiabilidade da informação, o funcionamento pleno da central de riscos e outras particularidades do próprio sistema financeiro angolano dificultam o aumento do rácio de transformação.

O BAI tem como principais desafios o aumento da carteira de clientes, a expansão da rede comercial e a continuação da expansão internacional do negócio bancário de forma sustentada.

Qual o cenário esperado para 2011? E de que forma as perspectivas de crescimento da economia angolana, a dois dígitos em 2012, alteram a estratégia do BAI?

Em 2011 comemoramos o 15º aniversário e deveremos registar mais um marco importante: a entrada em funcionamento do novo edifício da Academia BAI. Para os tempos que se avizinham, e sempre com a visão de se tornar um grupo financeiro angolano de referência, afirmando-se como um dos pilares do desenvolvimento da economia nacional, capaz de atrair, desenvolver e reter os melhores profissionais e proporcionar um retorno atractivo para os seus accionista, o BAI tem como principais desafios o aumento da carteira de clientes, a expansão da rede comercial e a continuação da expansão internacional do negócio bancário de forma sustentada. Apesar da revisão em baixa das perspectivas de crescimento da economia angolana, em 2011, o BAI irá manter a sua estratégia de crescimento, não deixando de estar atento às novas oportunidades de negócio e às exigências do mercado.

Que áreas e segmentos de negócio são prioritários para a actividade do BAI?

O BAI tem procurado desenvolver serviços e soluções financeiras orientados para um posicionamento forte ao nível local e regional (banca de retalho, corporativa e de investimento). O BAI continuará a alargar a sua rede de agências, respondendo às necessidades das comunidades, e a desenvolver modelos para a correcta segmentação dos seus clientes. Como exemplo salienta-se a criação do BAI Micro Finanças, destinado aos pequenos e micro negócios. No exterior, o BAI vai apostar na internacionalização do negócio bancário, privilegiando a sua presença em mercados com fortes relações comerciais e de investimento com Angola, quer autonomamente quer através de alianças com instituições que contribuam para a realização dos objectivos de negócio do banco e dos seus clientes.

De que forma deverá evoluir a banca nacional?

A banca angolana está em rápido desenvolvimento. A regulamentação do sistema financeiro tem vindo a observar melhorias significativas e a aproximar-se das normas e padrões internacionais. Os bancos continuam a crescer e a oferecer serviços cada vez mais orientados para as necessidades dos seus clientes. Há ainda um longo caminho a percorrer para nos aproximarmos dos melhores *standards* da região e dos mercados mais maduros e desenvolvidos.

Presença nos principais mercados financeiros

A internacionalização continua a ser um vector fundamental na estratégia do BAI?

O BAI continuará a reforçar a sua capacidade para se tornar um canal privilegiado de comércio internacional e de investimento estrangeiro de e para Angola, adaptando a sua estratégia às especificações de cada mercado. Foi neste contexto que o BAI abriu em Abril de 2010 o escritório de representação na África do Sul, passo esse que poderá mesmo culminar na criação de um banco, tornando-o um *regional player*. Perspectivamos a abertura de escritórios de representação em grandes mercados financeiros mundiais.

Como estão a correr as operações em Portugal e em Cabo Verde? E quais as perspectivas para o final deste ano?

O Banco BAI Europa, em Portugal, continua a desenvolver a sua actividade segundo um padrão de elevada prudência, mantendo como prioridade a gestão do capital, da liquidez e dos riscos de crédito a que tem estado exposto, embora procurando diversificar as aplicações em função de oportunidades de negócio que têm surgido. Em Cabo Verde, onde iniciou actividade em 2008, tem como principal segmento alvo as empresas, mas serve também os particulares, emigrantes e investidores externos. Com mais de 70 colaboradores e um total de cinco agências, serve mais de 3500 clientes. Em 2010, o activo líquido aumentou 2.4 mil milhões de escudos cabo-verdianos (74 %) face ao ano anterior, fixando-se em 5.6 mil milhões de escudos cabo-verdianos. O produto bancário atingiu 190 milhões de escudos cabo-verdianos, tendo as margens financeiras e complementares contribuído em 84% e 16%, respectivamente.

Que outros mercados internacionais vê como atractivos a médio e longo prazos e porquê?

O banco quer estar presente nos grandes mercados financeiros mundiais. Para isso perspectiva a abertura de escritório de representação no Reino Unido, na Ásia (Hong Kong ou Singapura), na América (Brasil e EUA), com o objectivo de manter uma posição forte na ponte das relações de comércio internacional e investimento estrangeiro de e para Angola.

Banco BIC

Maior rede privada de Angola



Fernando Mendes Teles, Presidente do Conselho de Administração

Afastado o espectro da crise cambial, o BNA iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade bancária?

O ano de 2010 foi razoável para o sector bancário angolano, apesar das condicionantes provocadas pelos efeitos da crise financeira internacional, visíveis no atraso dos pagamentos do Estado às empresas. Já o ano de 2011, quer pela resolução de uma parte significativa desses mesmos pagamentos, quer pelas medidas menos restritivas, em que se destaca a redução das reservas obrigatórias sobre a moeda nacional de 25% para 20%, permitiu um aumento generalizado da liquidez das instituições financeiras.

Como é que as rubricas depósitos e crédito a clientes se comportaram?

Os depósitos de clientes apresentaram, desde Julho de 2010 até à presente data, uma tendência crescente, que permitiu contrariar a tendência decrescente verificada, essencialmente, no 1º semestre de 2010. No período compreendido entre 30 de Junho de 2010 e 30 de Junho de 2011, o volume de depósitos captado pelo

Banco BIC foi superior a mil milhões de USD.

O crédito a clientes aumentou cerca de 6%, em 2010, mantendo-se a tendência de crescimento para este ano, embora caracterizada por uma maior liquidez das empresas.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares e a empresas?

De uma forma geral, quer para os particulares quer para as empresas, a tendência deverá ser de crescimento.

O aumento da liquidez, conjugado com um menor volume de oferta de títulos de dívida pública e do Banco Central, tem levado à redução sucessiva das taxas de juro do mercado angolano. Isto resultará em custos de financiamento menores para as empresas e para os particulares.

No crédito a particulares tem-se reforçado a aposta no crédito ao consumo, no crédito automóvel e no crédito à habitação. No crédito às empresas, para além do crescimento dos produtos habituais, como as contas correntes e os financiamentos, a aposta recairá no crédito especializado, sobretudo, ao nível do *leasing* e do *factoring*.

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é uma vantagem?

Os bancos angolanos são, no geral, bastante sólidos e dispõem, regra geral, de uma boa capacidade de auto-financiamento, o que permitiu atenuar o impacto da crise mundial sobre o sistema financeiro angolano. No entanto, face ao reforço sucessivo da situação macroeconómica de Angola, é expectável uma maior aposta no crédito a clientes, que irá provocar, à partida, um aumento do rácio de transformação dos depósitos em crédito. Para uma adequada gestão do risco de crédito é necessário tomar algumas medidas, como a melhoria da qualidade de gestão empresarial (nomeadamente ao nível da informação financeira); o reforço das garantias recebidas ou, no caso das operações que envolvam serviços prestados ao Estado, que o mesmo seja o garante de que os contratos sejam pagos no banco destinatário conforme contratado; a melhoria das condições para a criação de hipotecas para o crédito imobiliário; e o pleno funcionamento da CIRC.

Fruto do crescimento dinâmico e consolidado que tem registado, o Banco BIC é actualmente a maior rede bancária privada em Angola. A expansão é para continuar dentro e fora do país.

**Crédito ao sector primário é prioritário
Qual o cenário esperado para 2011? E de
que forma as perspectivas de crescimento da
economia angolana, a dois dígitos em 2012,
alteram a estratégia do Banco BIC?**

O mais relevante será o crescimento do sector não petrolífero e nós estamos disponíveis para promover e incentivar o investimento primário em Angola. Estamos presentes em 64 dos 163 municípios do país, com 155 agências, o que equivale a dizer que o banco representa actualmente a maior rede bancária privada em Angola. E, mesmo com o investimento que já efectuamos, persiste a necessidade de alargamento a outros municípios, o que releva a importância da criação de incentivos fiscais, dada a reduzida rentabilidade esperada do investimento nestes municípios. Acreditamos que esta expansão irá atrair mais investimentos e contribuir para o desenvolvimento das localidades onde se instala. São também conhecidos alguns dos nossos objectivos de crescimento em Portugal, onde se integra a recente aquisição do BPN. Outros mercados estão em estudo, com o objectivo de acompanhar as principais relações comerciais de Angola, actualmente existentes ou com potencial de crescimento.

Que áreas e segmentos de actividade são prioritários na vossa actividade?

Para além do investimento em infra-estruturas, é fundamental o investimento na agricultura, na pecuária e na indústria, para reduzir a dependência externa de Angola ao nível das importações alimentares. O Banco BIC, por via do crédito, está disponível para apoiar estes projectos. A aposta na qualidade do serviço é também uma preocupação constante, daí que seja essencial investir em novas tecnologias e na formação dos nossos quadros.

Como caracteriza a banca nacional e a posiciona no contexto africano?

A revista African Business reconheceu quatro bancos angolanos e entre estes o Banco BIC, com apenas seis anos de existência, numa listagem dos 50 maiores bancos de África, onde constavam bancos com mais de 50 anos de existência. A banca angolana é, muito provavelmente, depois do sector do petróleo, o sector de actividade mais moderno em Angola. Apesar disso, temos consciência de que ainda há um longo caminho a percorrer.

Edifício sede em Talatona

O Banco BIC inaugurou recentemente o seu edifício sede, em Talatona, o qual congrega todas as direcções que estavam espalhadas pela cidade, nos 10 andares que compõem o edifício. Desta forma, o banco vai conseguir prestar um serviço personalizado e permanente ao cliente. Actualmente, o banco conta com mais de 500 mil clientes e 1437 colaboradores e espera abrir, até ao final do ano, mais 18 agências bancárias, perfazendo um total de 170 pontos de atendimento em todo o país.

De que forma deverá evoluir a banca nacional?

Existe uma tendência natural para a especialização da banca angolana, na qual, por exemplo ao nível do crédito, é expectável uma maior aposta em produtos como o *leasing* ou o *factoring*. Outras áreas de negócio poderão aparecer, a médio prazo, tais como a gestão de activos, o mercado de capitais e o mercado de dívida, entre outros.

Que facto importante da actividade do Banco BIC destacaria no ano de 2011?

A inauguração da sede, em Talatona, e a aquisição do BPN, em Portugal. São dois importantes investimentos, dos quais se espera uma importante criação de valor para o Banco BIC.

Que repercussões terá para o Banco BIC Angola a aquisição do BPN pelo Banco BIC Português?

Esta aquisição permitirá o reforço do posicionamento estratégico do Banco BIC, ao nível da sua internacionalização, e o fortalecimento das relações económicas entre Portugal e Angola, através da dinamização dos fluxos entre os dois países.

A crise está a mudar os paradigmas da banca em todo o mundo. Como é que os bancos angolanos podem tirar partido das alianças internacionais?

Dada a juventude da banca angolana, as alianças estratégicas poderão ser um veículo mais rápido para se chegar a outros mercados e uma forma de ganhar *know-how* e experiência.

Banco Caixa Totta de Angola

Resultados superam objectivos



Daniel Chambel,
Presidente da
Comissão Executiva

O ano de 2010 foi marcado pela recuperação da economia angolana, o que permitiu ao Banco Central aliviar a política monetária. Foi um contexto favorável para a banca, em geral, e para o Caixa Totta, em particular?

As medidas introduzidas pelo BNA têm tido como alvo um conjunto de objectivos globais, dos quais destaco: a dinamização do mercado de crédito; a melhoria do nível de transparência na concessão crédito; o aumento do peso do kwanza face ao dólar no mercado de crédito ('desdolarização'); a protecção ao consumidor de produtos e serviços financeiros e o aumento da taxa de bancarização e consequente redução da economia informal. No global, estas medidas irão influenciar positivamente o mercado financeiro em geral e os bancos em particular, designadamente no médio/longo prazo.

Como evoluíram os depósitos e o crédito concedido em 2010?

No exercício económico de 2009, o Caixa Totta registou um crescimento dos depósitos de 35,76% e um aumento do crédito líquido a clientes de 8,15%. Em 2010, o crescimento foi significativamente superior, tendo-se registado taxas de crescimento de 53,4% e de 19,03%, respectivamente. Estes valores permitem-nos concluir que o Caixa Totta mantém a sua trajectória de crescimento sustentado, em sintonia com a estratégia aprovada pelos seus accionistas.

Em termos de carteira de clientes, qual o potencial de evolução previsto para os segmentos de particulares e de empresas?

De acordo com o Plano Estratégico para o triénio 2010/2012, o Caixa Totta continuará a conceder um forte enfoque ao segmento de empresas, área em

que possui competências reconhecidas no mercado e suportadas pelo apoio dos seus accionistas financeiros, a Caixa Geral de Depósitos e o Santander Totta. No entanto, o processo de planeamento estratégico é dinâmico. É assim que, associado à expansão da Plataforma de Distribuição (em 2009 estava presente em quatro províncias, em 2010 em oito capitais provinciais e, actualmente, está presente em nove províncias) e ao aprofundamento do relacionamento comercial com empresas e instituições, o Caixa Totta tem abordado o segmento de particulares com produtos inovadores e dirigidos, em especial aos colaboradores das referidas empresas e instituições.

Financiamento à indústria é aposta de longo prazo. Quais os segmentos de negócio prioritários para a actividade do Caixa Totta?

Tradicionalmente, o Caixa Totta é focado nas empresas exportadoras, ou seja, petrolíferas e diamantíferas. Enquadrado no Plano Estratégico, o banco tem ampliado a sua actuação aos sectores da logística, da distribuição, da hotelaria, da indústria transformadora e de bebidas. Tratando-se de uma aposta de longo prazo, o banco irá investir nestas áreas, tanto ao nível da carteira de crédito como ao nível da formação, do desenvolvimento de competências internas e aquisição de instrumentos que permitam um melhor conhecimento e domínio destes sectores. Temos uma visão de mercado de longo prazo que acarreta investimento e respeito pela matriz institucional dos accionistas, a Caixa Geral de Depósitos, o Santander e a Sonangol.

Alguns bancos começam a conquistar reconhecimento internacional. Qual o papel da banca angolana no contexto regional?

Os bancos angolanos já possuem dimensão relevante no contexto africano. No ranking 'TOP 200 Banks in Africa 2010' elaborado pela The Africa Report, estão presentes um número significativo de bancos angolanos, pelo que, até pela própria credibilização destes prémios, impõe-se que sejam contemplados os bancos angolanos.

O sistema financeiro angolano chegou a registar taxas de crescimento próximas de 100%. Para que os bancos angolanos respondessem a este desafio de acompanhamento de mercado, realizaram, com sucesso, mudanças significativas nas suas estruturas internas e na respectiva estratégia de abordagem ao mercado, que dificilmente seriam implementadas pelos bancos de outras praças financeiras do continente.

O Caixa Totta mantém um crescimento sustentado. Em 2010 os depósitos cresceram 53,4% e o crédito concedido aumentou 19%.

Levamos os seus **Negócios a bom porto.**

Nova agência no **Namibe.**



Investir no Presente. Conquistar o Futuro.


Caixa Totta
Banco Caixa Geral Totta de Angola

Assim, julgo que estamos perante um facto objectivo que justifica a atribuição dos prémios em referência. O reconhecimento internacional poderá servir para abrir as portas dos grandes bancos internacionais, sobretudo dos que ainda não têm ligações accionistas internacionais. Por outras palavras, pode ser uma alavanca para o desenvolvimento de parcerias internacionais em projectos diversos, incluindo os de infra-estruturas, que são intensivos no consumo de capital e longos nas maturidades.

Qual foi o acontecimento mais marcante do sector em 2010?

Destacaria a estabilidade cambial e a política de desdolarização da economia. Foram introduzidas restrições à concessão de crédito em USD. Por conseguinte, são requisitos à concessão de crédito em USD, entre outros, a necessidade de estarmos perante empresas exportadoras ou de possuírem receitas em USD. Adicionalmente, mantêm-se as expectativas no que concerne à alteração da regulamentação cambial para o sector petrolífero. Refiro-me à esperada alteração legislativa que impeça as empresas petrolíferas e seus fornecedores de domiciliarem a quase totalidade das suas receitas junto de bancos no exterior. É uma situação de excepção, que, admito, se justificava no passado mas que hoje, com a paz e com a capacidade demonstrada pela banca angolana, não mais se justifica. Até porque e ao contrário de outros países – como o Brasil ou a África do Sul, por

exemplo – em Angola qualquer empresa ou particular pode ter uma conta em USD ou euros. Temos, aliás, o exemplo do sector diamantífero, que assim já opera e sem qualquer problema em termos de qualidade de serviço e capacidade de resposta. Este tema é muito importante, pois o seu avanço rápido irá permitir gerar mais poupança junto da banca local para financiar o investimento privado, a custos mais competitivos para o sector produtivo.

A nível mundial, a saída da crise implicará um novo paradigma para o sector bancário. Em que medida os bancos angolanos podem beneficiar da concretização de parcerias internacionais?

A crise de liquidez permitiu relembrar aos bancos os conceitos primários, mas basilares, do risco associado ao negócio bancário, nomeadamente a diversificação da carteira de crédito, a partilha equilibrada dos riscos, a partilha de riscos com bancos que melhor conhecem ou dominam determinados negócios, e a prática de maturidades controladas ou ajustadas ao *funding*. No que se refere especificamente à necessidade de partilha de riscos com bancos que melhor conhecem determinados negócios, existe um 'oceano' de oportunidades a ser explorado no capítulo do desenvolvimento de negócios partilhados com bancos internacionais, designadamente ao nível das PPP e, posteriormente, no âmbito do mercado de capitais com a operacionalização da Bolsa de Valores e Derivados de Angola (BVDA).

Futuro da banca nacional

Daniel Chambel, presidente do Conselho de Administração do Caixa Totta, considera que o desempenho da banca angolana será superior ao da economia em geral. Em termos de segmentos de clientes, aponta como principais linhas de tendência:

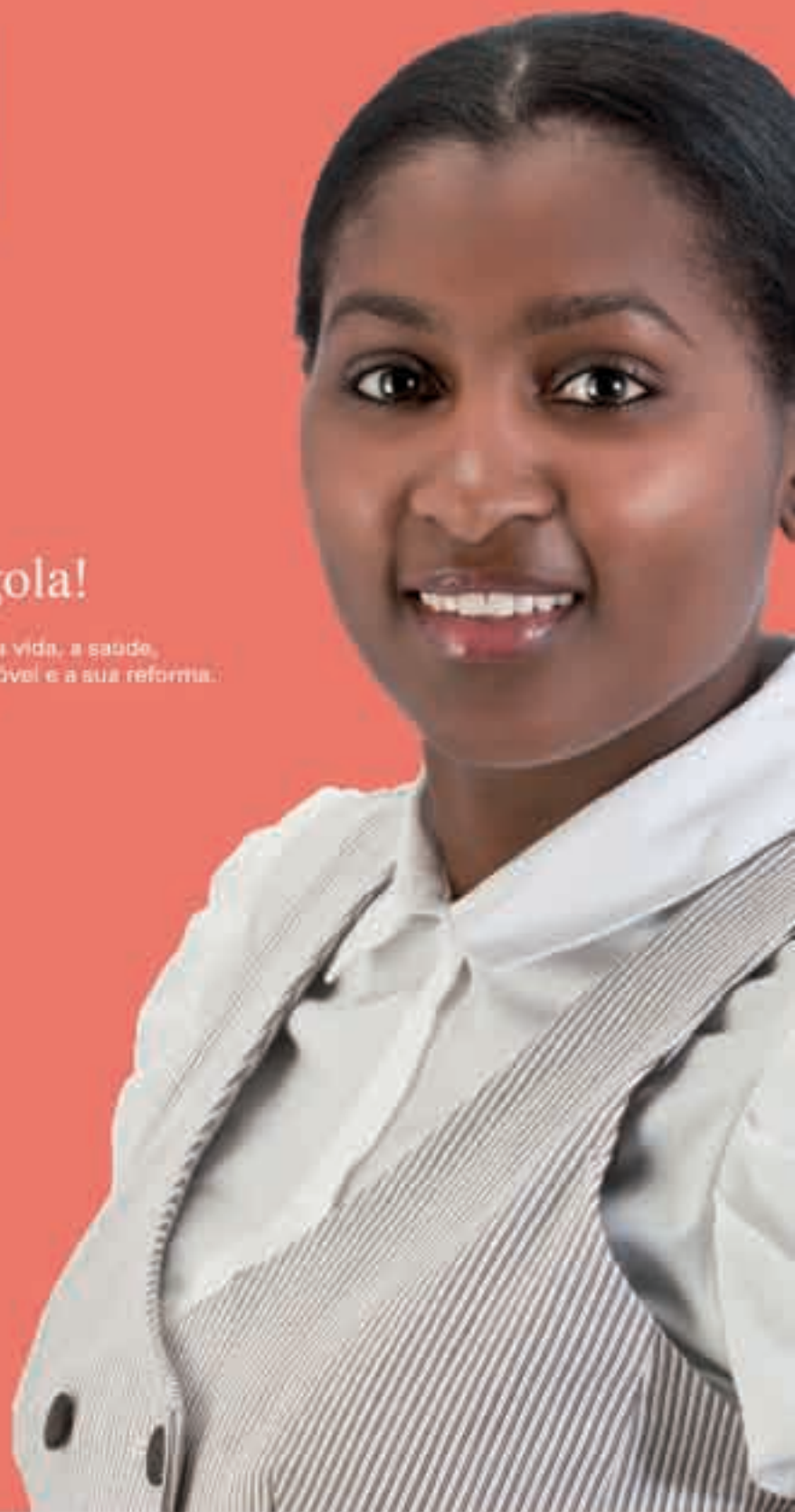
- Banca de Particulares
Com a implementação da Central de Riscos, pelo BNA, e o aparecimento de produtos imobiliários a serem transaccionados a preços competitivos (ex. cidade de Kilamba Kiaxi), os bancos irão desenvolver e introduzir produtos de crédito hipotecário de longo prazo, estruturados com base em rendimentos do trabalho (classe média) e tendo por referência uma 'taxa de esforço'.
- Banca de Empresas
Deverá ocorrer uma mudança no paradigma da banca nacional. Esta terá que ampliar o seu escopo

de actuação. Assim, será igualmente necessário abordar o longo prazo (4 a 10 anos), em paralelo com produtos de curto/médio prazo (1 a 3 anos), para que possa participar na estratégia nacional de desenvolvimento que visa a substituição das importações pela produção nacional. O longo prazo supra identificado (4 a 10 anos) é a maturidade necessária para acomodar a implementação dos projectos e a consequente geração de *cash flows* para suportar os juros e o reembolso dos empréstimos. No entanto, será igualmente necessário que se desenvolva o mercado de capitais, designadamente o mercado de dívida (papel comercial, Empréstimo Obrigacionista e outros instrumentos). O empréstimo obrigacionista dará aos bancos acesso às fontes de financiamento de longo prazo (nomeadamente pelo prazo da respectiva aplicação) estáveis e preços competitivos (ou formados pelo mercado).



AAA é mais Angola!

AAA protege tudo o que tem valor para si: a vida, a saúde,
a família, o trabalho, o negócio, a casa, o automóvel e a sua reforma.
O amanhã começa agora.



A vida é imprevisível e incerta. Mas a AAA é um mundo de certeza.
Um mundo de protecção financeira.

Presente em 5 províncias: Luanda, Huila, Namibe, Huambo e Bié.

Brevemente em todo o país: Cabinda, Zaire, Malange, Uíge, Lunda Sul, Lunda Norte, Moxico, Kwanza Sul, Kwanza Norte, Benguela e Kwando Kubango.

Fax: 222 691342 | Telefone: 222 691200

www.aaa.ao

Câmara de Compensação Automatizada de Angola

A EMIS, SA, é o operador da Câmara de Compensação Automatizada de Angola (CCAA), um mecanismo central de processamento através do qual os participantes (bancos e outras instituições financeiras) trocam instruções e/ou instrumentos de pagamento ou outras obrigações financeiras.



A CCAA encontra-se regulada pelo Aviso N.º 01/09 de 24 de Março, do BNA e comporta os seguintes subsistemas:

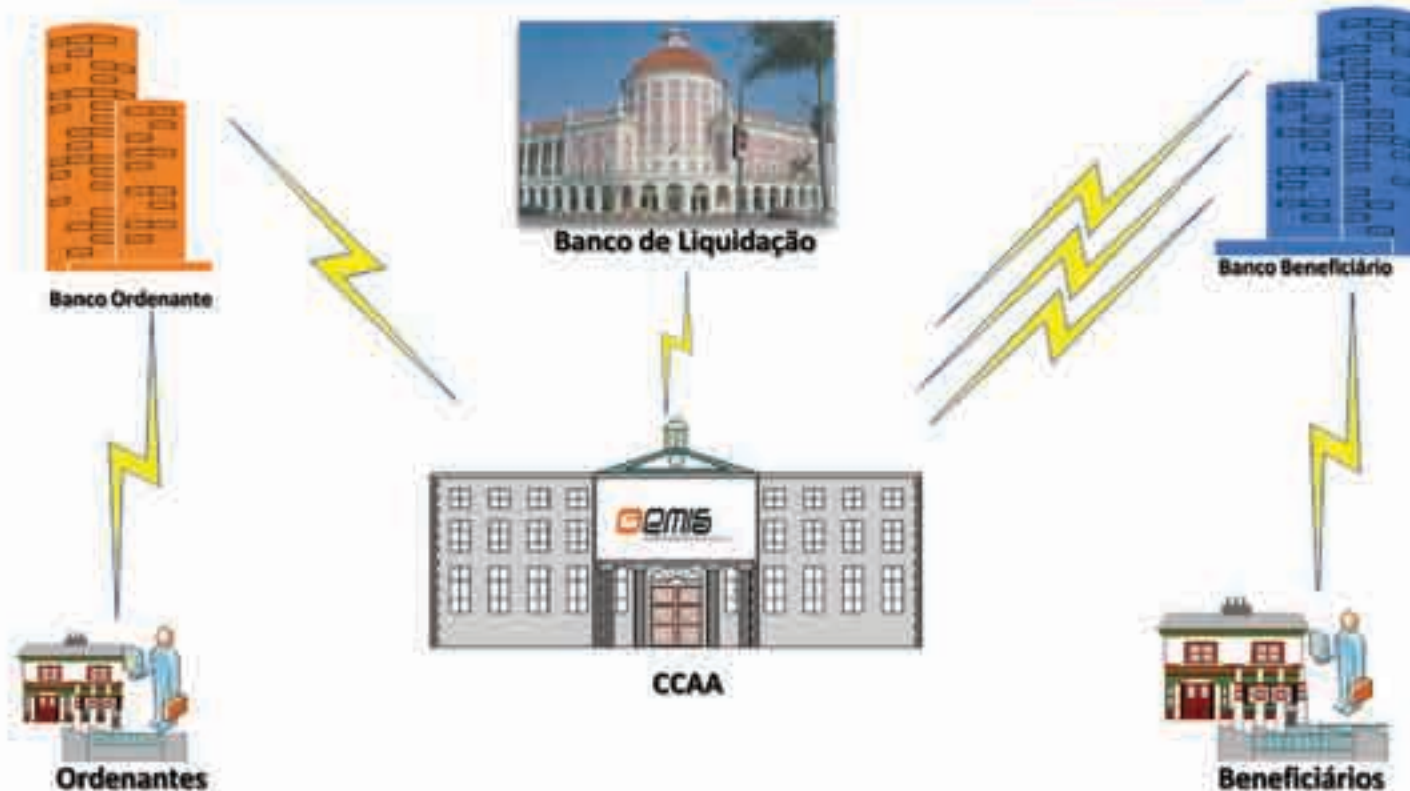
- Subsistema MULTICAIXA
- Subsistema de Transferências a Crédito
- Subsistema de Compensação de Cheques
- Subsistema de Débitos Directos

STC - Subsistema de Transferências a Crédito

que assegura o processamento de transferências de fundos ordenadas pelos pagadores, com liquidação em tempo diferido, do resultado líquido da compensação multilateral das transferências a crédito enviadas e recebidas pelos participantes;

SDD - Subsistema de Débitos Directos

assegura o processamento de transferências de fundos iniciadas pelos beneficiários dos pagamentos, com liquidação do resultado líquido da compensação multilateral das instruções de Débito enviadas e recebidas pelos participantes;



Banco Comercial Angolano

Confiar nas oportunidades



Filipe Martins,
Presidente da
Comissão Executiva

Afastado o espectro da crise cambial, o BNA iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade do BCA em 2010?

No decorrer deste ano têm-se verificado alterações significativas ao nível de algumas rubricas. Contudo, a evolução do crédito e dos depósitos não foi igual. No final de 2010 tínhamos uma carteira de depósitos no montante global de 205 milhões de USD, dos quais 40% eram depósitos em kwanzas. Neste momento, a carteira, sob a nossa gestão, subiu mais de 56% e a sua estrutura alterou-se, sendo que a maior fatia é constituída por kwanzas, que representam 52% do total. Quanto aos créditos, as alterações são mais subtis. Implementámos uma série de critérios de grande rigor na análise e aprovação das operações, tanto nos créditos a particulares como no crédito a empresas, que fizeram com que o volume global da carteira não crescesse conforme o esperado. Mas, a maior variação verificou-se no crédito às empresas, sobretudo no crédito à tesouraria de curto prazo, que estava a ser utilizado como financiamento de médio e longo prazo sem amortização do capital. Optámos por reformular essas contas correntes, propusemos às empresas a sua liquidação e a sua substituição por formas de apoio mais adequadas às suas necessidades, como por exemplo a atribuição de *plafonds* para abertura de cartas de crédito de apoio às importações.

Que evolução regista o Crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

Os produtos colocados à disposição dos clientes são essencialmente o crédito à habitação, o crédito automóvel e o crédito ao consumo, os quais procuramos aprimorar, conferindo-lhes finalidades específicas: crédito para estudantes universitários, adiantamento de salários ou crédito para mobilar a casa. No entanto, penso que no futuro iremos assistir a algumas alterações no tipo de produtos que irão estar à disposição dos particulares, porque à medida que o nível de vida e o rendimento disponível das nossas populações aumenta, aumentam também as suas necessidades de crédito e as necessidades de uma maior sofisticação dos produtos financeiros. E iremos, em minha opinião, assistir a uma progressiva ligação dos produtos de crédito aos produtos de poupança e ao *cross-selling* bancário com apoio de linhas de crédito.

Para as empresas, os produtos básicos de crédito (apoio à tesouraria, apoio às importações e ao investimento) também já existem. E, tal como no segmento de particulares, vamos assistir ao melhoramento de alguns produtos, nomeadamente no apoio ao investimento e na diversificação dos instrumentos financeiros passíveis de utilização pelas empresas. Estes processos estão já em estudo e em breve estarão disponíveis. Por exemplo, o *forfaiting*, o *renting*, o *factoring*, as operações de *hot money* e o *leasing*. Neste último caso, considero que a eventual possibilidade das empresas poderem efectuar operações de *lease-back* imobiliário permitirá a renovação e o relançamento de muitas indústrias, que, actualmente, estão tecnicamente falidas. O crescimento do crédito ficará sempre dependente da capacidade de avaliação do risco das operações. Felizmente que um dos factores que condicionava a análise de risco da banca está a ser ultrapassado pela recente criação da Central de Risco de Crédito, do BNA.

Confiante nas oportunidades do mercado angolano, o BCA aposta numa estratégia de diversificação dos seus produtos, apoiada na inovação.

"Felizmente que um dos factores que condicionava a análise de risco da banca está a ser ultrapassado pela recente criação da Central de Risco de Crédito, do BNA".

Investir na formação

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é uma vantagem, sobretudo se atendermos ao contexto mundial actual?

Esta característica do mercado financeiro angolano tem sido apontada como um dos atractivos para a banca estrangeira poder vir a investir no nosso país.

Mas se, por um lado, estes factores parecem uma vantagem, por outro são factores de preocupação.

Todo o *funding* tem custos e se não existem alternativas para a aplicação dos mesmos, acabam por ter um peso negativo nos índices de rentabilidades dos bancos.

Além disso, as aplicações e os investimentos possíveis no actual grau de desenvolvimento do mercado não são muitos e as taxas dos instrumentos de investimento alternativos, postos à disposição do mercado pelo BNA, sofreram fortes quedas recentemente.

Qual o cenário esperado para 2011? E de que forma as perspectivas de crescimento da economia angolana, a dois dígitos em 2012, alteram a estratégia do BCA?

A aposta na expansão da rede de balcões e outros canais de distribuição de produtos financeiros visa corresponder a esta dinâmica de crescimento da economia. Importa, também, realçar que à banca é colocado o grande desafio de aumentar a bancarização

da população, para que os recursos disponíveis fluam por intermédio do sector bancário e sejam colocados de forma consistente e articulada ao serviço do desenvolvimento económico do país.

Até agora os grandes fornecedores de *funding* aos bancos, os grandes depositantes, têm sido as empresas. Acredito que esta relação se irá alterar. Tudo dependerá do ambiente macroeconómico ser atractivo e do investimento público, que será indutor do investimento privado de qualidade, tanto nacional como estrangeiro. Este facto, conjugado com outras medidas que assegurem a equidade, permitirá o incremento da taxa de poupança dos particulares.

Que áreas e segmentos de actividade são prioritários na vossa actividade? Para onde serão canalizados os novos investimentos?

As premissas orientadoras da nossa acção assentam nos seguintes eixos estratégicos: desenvolvimento do capital humano e aumento das competências e da eficiência; aperfeiçoamento e modernização da infra-estrutura tecnológica e operacional; aumento da capilaridade do banco à escala nacional; desenvolvimento e diversificação da oferta de produtos e serviços; e melhoria da imagem do banco.

São estas as áreas para as quais canalizamos os nossos investimentos, com destaque para a componente formativa. Fazendo nós parte da indústria dos serviços bancários, em que a competitividade e a inovação constituem os seus elementos diferenciadores, o nosso enfoque terá de assentar na excelência dos serviços prestados. Por isso, os nossos quadros deverão ser dotados de conhecimentos relevantes.

“ACABAMOS DE CUMPRIR MAIS UMA ETAPA NO CRESCIMENTO E AFIRMAÇÃO DO BCA”

MISSÃO

Criação de valor para os accionistas, total empenhamento na valorização contínua dos colaboradores com a finalidade de prestação de um serviço de excelência aos clientes. Relacionamento salutar com todos aqueles que nos ajudam a crescer, consolidar o prestígio e a nossa reputação e contribuir para o esforço nacional de crescimento e modernização económica.

VISÃO

Ser um Banco Universal de referência em Angola reconhecido por empresas e particulares como moderno, eficiente, dinâmico e inovador.

VALORES

Os principais valores que o BCA adoptou para ser uma instituição forte e sólida são:

- Atenção ao cliente: Agimos em função das necessidades dos nossos clientes;
- Confiança: Propomos soluções eficazes e construímos relações comerciais duradouras;
- Competência: Trabalhamos com rigor, profissionalismo e eficiência;
- Integridade: Somos motivados pela ética e pela cultura da responsabilidade;
- Inovação: Temos sempre os olhos postos no futuro.

BCA, UMA NOVA DIMENSÃO

Banco Comercial Angolano

Sede: Av. Comandante Valódia, nº 83-A
Luanda, Angola

Tel: (+244) 222 448 800/42/48/49

Fax: (+244) 222 449 516

www.bca.co.ao

Banco Espírito Santo Angola

O melhor resultado de sempre



Álvaro Sobrinho,
Presidente da
Comissão Executiva

De que forma o cenário de recuperação da economia angolana influenciou a actividade da banca, de uma forma geral, e a actividade do BESA, em particular?

Impulsionada pela estabilização financeira e pela retoma do investimento privado, a economia angolana tem vindo a apresentar uma evolução positiva face à recessão verificada em 2009. Neste processo, a banca desempenha um papel fundamental e é por isso que o Banco Espírito Santo Angola, apesar das condições adversas a nível internacional e da estagnação que se viveu durante 2010, deu continuidade à trajectória de consolidação da sua posição como grupo financeiro multi-especialista. Fruto desta visão estratégica, o BESA registou em 2010 a sua melhor *performance* de sempre desde o arranque da sua actividade, há quase uma década. No final do exercício de 2010, o activo líquido do banco ascendeu a 7.892 milhões de USD, representando um crescimento de 23% face ao ano anterior, e o resultado líquido do exercício, calculado em 331 milhões de USD, representou um crescimento homólogo de 57%. Em 2011 o banco continuará a sua actividade em conformidade com essa estratégia, tendo em atenção, como até aqui, a necessária adaptação a factores exógenos.

2010 foi um ano de forte crescimento para o BESA, que registou a sua melhor performance de sempre, com o resultado líquido do exercício a cifrar-se nos 331 milhões USD, representando um crescimento homólogo de 57%.

Como se comportaram as rubricas depósitos e crédito a clientes?

Apesar de ter uma das menores redes comerciais e uma pequena base de clientes, face aos seus principais concorrentes, durante o exercício de 2010 o BESA reforçou o seu apoio aos agentes económicos, nomeadamente aos que fazem parte da sua base de clientes e/ou estão abrangidos pelo seu *target*, através de uma maior abertura na concessão de crédito, a qual, todavia, não pôs em causa a política criteriosa de gestão de risco que sempre assumimos. Esta estratégia permitiu o aumento desta rubrica em 54%, totalizando a 31 de Dezembro 3.713 milhões de USD. Num contexto de fraca liquidez no mercado nacional, o banco diversificou as fontes de *funding*, tendo alavancado o balanço em 131%, o que representou um acréscimo de 36%, em termos homólogos. Estas tendências mantiveram-se durante 2011.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

A nível do crédito a particulares, o BESA irá investir sobretudo no crédito à habitação, motivado pela realidade dos rendimentos financeiros das famílias interessadas em ter casa própria e pela esperada melhoria nas estruturas legais e administrativas nacionais. Paralelamente, lançámos novos produtos ao nível de cartões de crédito, ajustados às necessidades específicas de cada cliente. Relativamente à banca de empresas, a actividade está essencialmente direccionada para o estabelecimento de parcerias comerciais de valor acrescentado mútuo, quer com as grandes e médias empresas a operar em Angola quer no apoio às empresas e empresários estrangeiros (portugueses, brasileiros, espanhóis, mexicanos e alemães) que estão a expandir a sua actividade para Angola. No segmento de banca de investimento temos actuado na identificação de oportunidades de negócio nas áreas de *project and corporate finance*, bem como na concretização das respectivas soluções. Esta área está dotada de todas as infra-estruturas necessárias à sua autonomização, dando origem, assim que devidamente licenciado pelo Banco Central, ao arranque do primeiro banco de investimento de direito angolano.

Crescimento da taxa de transformação gera maior competitividade

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é, face ao contexto mundial actual, uma vantagem?

Em 2010 o rácio de transformação de depósitos em crédito foi de cerca de 131%, o que compara com os 97% de 2009. Este aumento da taxa de transformação traduziu-se na alavancagem do Balanço do banco, num clima macroeconómico de pouca liquidez via política monetária restritiva, sendo reflexo da decisão do BESA de continuar a apoiar o processo de reconstrução nacional e os agentes económicos. Adicionalmente, a alavancagem dá uma vantagem competitiva forte ao banco em termos de rentabilidade, num contexto em que era esperada a baixa das taxas de referência dos instrumentos de execução da política monetária do governo.

Que áreas e segmentos de actividade vê como prioritários na vossa actividade? Para onde serão canalizados os novos investimentos?

O BESA irá continuar a investir na sua consolidação como grupo financeiro multi-especialista, apostando em novas áreas de negócio, com o objectivo de reforçar a sua posição de liderança do mercado. A BESAACTIF, Sociedade Gestora de Fundos de Investimento, participada do BESA, tem já em comercialização dois fundos, o BESA Património - Fundo de Investimento Imobiliário, e o BESA Opções de Reforma - Fundo de Pensões. Adicionalmente, para além de um segundo fundo imobiliário em constituição, estão em processo

de licenciamento uma sociedade de *leasing*, uma sociedade de *factoring* e uma sociedade corretora. Na área de *project finance* está actualmente também em fase de licenciamento a criação de um banco de investimento de direito angolano, que irá permitir uma maior capacidade de resposta às solicitações que actualmente temos e criar uma situação jurídica que responda convenientemente ao que o mercado angolano hoje necessita: operações mais elaboradas, mais complexas e de dimensão internacional.

Em sua opinião, de que forma deverá crescer e evoluir a banca nacional?

Com o aumento do investimento, do emprego, da dinâmica empresarial (com especial destaque para a produção nacional emergente) e de consumo, a banca vai assumir uma importância crescente no desenvolvimento económico e social e, enquanto agentes financeiros, devemos apoiar esse crescimento e proporcionar os instrumentos financeiros adequados para uma economia moderna e sustentável. A economia cresce, e cresce, de igual modo, o sistema financeiro, criando um ciclo de progresso e de modernização. Os próximos anos serão determinantes para o sector bancário angolano e determinarão a consolidação da estrutura económico-financeira do país. E esta estabilidade trará mais oportunidades para crescermos como grupo financeiro e darmos seguimento à nossa estratégia de crescimento a longo prazo.

Prémios internacionais reconhecem alta performance

Em 2011 a revista Internacional Global Finance distinguiu o BESA, pela quarta vez consecutiva, como 'Best Bank in Angola', na lista dos 'Best Emerging Market Banks Africa 2011', um prémio que elege as melhores instituições bancárias a operar em vinte e dois mercados emergentes do continente africano. O banco foi ainda premiado como 'Best Trade Finance Bank 2011' em Angola, pelo desempenho positivo no segmento de clientes multinacionais e fomento do comércio internacional. Também a revista internacional World Finance atribuiu este ano ao BESA o prémio de 'Best Commercial Bank in Angola 2011', no âmbito dos 'World Finance Banking Awards 2011'.

"Estes prestigiantes reconhecimentos internacionais validam o desempenho e a performance do banco e o projecto de consolidação do BESA como grupo financeiro", sublinha Álvaro Sobrinho, presidente da Comissão Executiva. Paralelamente à sua estratégia de crescimento e fomento económico, o BESA tem sido precursor na promoção do desenvolvimento sustentável de Angola. Nomeado Banco Oficial do Planeta Terra UNESCO, pelo Instituto do Planeta Terra, o BESA tem sido um participante activo nas iniciativas do Instituto, sendo um dos impulsionadores da criação de um Centro de Excelência UNESCO em Angola, para formação avançada em Ciências da Terra.

MAIS DO QUE **CRÉDITO**, NOVAS OPORTUNIDADES DE **NEGÓCIO**.

Mais do que um agente financiador, o BDA é um instrumento para o desenvolvimento, diversificação e sustentabilidade da economia angolana. Para isso, actua em todo o país, promovendo negócios e parcerias em sectores diversos como da Agricultura, da Indústria, dos Transportes, da Pecuária, dos Serviços, do Comércio e Distribuição. O BDA oferece condições de financiamento favoráveis, que se traduzem em um grande número de novas oportunidades de negócio e milhares de postos de trabalho para os angolanos. Conheça os novos programas e identifique as suas oportunidades.



BDA

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE ANGOLA

Uma visão de futuro.

Tel. 222.692 800/330 792/334 860/390.760

Fax. 222.396 901

End. Av. 4 de Fevereiro, nº113 - Luanda.

www.bda.ao

BDA

Financiar a modernização agrícola



**Teodoro da
Paixão Franco,
Presidente do
Conselho de
Administração**

2010 foi um ano de recuperação para a economia angolana. Como evoluiu a actividade do BDA?

A introdução de medidas menos restritivas por parte do BNA tem tido uma influência positiva na banca em geral, na medida em que aumenta a liquidez dos bancos comerciais e concomitantemente os recursos para concessão de créditos. De forma particular, como é do conhecimento de todos, a crise económica e financeira mundial afectou consideravelmente a economia angolana devido à queda dos preços nos mercados internacionais dos seus principais produtos de exportação (petróleo e diamantes), afectando as dotações do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND), que é a principal fonte de financiamento do banco, e conduzindo, consequentemente, a uma redução na sua actividade creditícia. Entretanto, a recuperação que se observa na economia angolana desde 2010 teve repercussões positivas no BDA, na medida em que se começa a observar um aumento dos recursos financeiros provenientes do FND, permitindo a aprovação de um maior número de projectos.

Quantos projectos de investimento foram, entretanto, financiados e qual o montante global de financiamento aprovado?

Embora a actividade do BDA tenha sido positiva, a concessão de crédito conheceu uma acentuada redução, face ao ano anterior. Aprovámos 49 projectos, num montante global de financiamento de 74.350.814 de USD, e prestámos atenção especial à organização interna, designadamente à afinação de processos e de rotinas e à formação do pessoal técnico e administrativo.

A análise de risco é crucial. Esse montante de financiamento corresponde a que taxa média de aprovação?

É de todo conveniente esclarecer que a tecnologia de crédito do BDA, devido às suas especificidades e às exigências da entidade de supervisão bancária, é diferente da dos demais bancos que operam na nossa praça. Daí que após a manifestação de interesse em investir, a entidade candidata passa obrigatoriamente por um processo de análise de risco cliente para sabermos quem é, como se comporta e que nível de exposição de risco o BDA poderá/deverá assumir junto desse cliente. E só posteriormente avaliamos o risco do projecto. Isto faz com que o processo seja aparentemente moroso. Mas, ainda assim, estamos no caminho certo porque actuamos fundamentalmente no médio e longo prazos.

Efectivamente, dão entrada muitos projectos no BDA. Mas nem todos estão em condições de serem aprovados ou porque o cliente é de elevado risco ou porque o projecto de investimento não se apresenta bem concebido ou dentro dos níveis de viabilidade requeridos. Em alguns casos, o BDA auxilia os promotores a reformularem os seus projectos de investimento.

Tendo por base estes procedimentos, a taxa média de aprovação foi, em 2010, de 26%, uma vez que nos foram apresentados 192 projectos e que destes apenas foram aprovados 49.

O reforço da qualificação dos empresários nacionais é um desafio importante para a expansão da actividade do BDA?

As maiores deficiências residem na capacidade de concretização, na capacidade de gestão e, também, na falta de ousadia e visão para o negócio. Numa só palavra, no elevado défice de empreendedorismo. Temos feito um esforço financeiro considerável, agregando uma componente de assistência técnica e de gestão aos projectos de investimento por nós financiados, como forma de salvaguardar os interesses do banco e dos empresários, capacitando-os com técnicas modernas de produção e de gestão.

Facilmente se pode constatar uma forte concentração do financiamento em algumas províncias, o que resulta da qualidade e da dimensão do tecido empresarial, quantidade e qualidade de empresas de consultoria, acesso a assistência técnica especializada, serviços bancários, dimensão e estruturação do mercado. Estas distorções estruturais são próprias do nosso país mas

Num ano de contracção do volume financiado, os projectos agrícolas são uma aposta decisiva, absorvendo 58% do total do crédito aprovado.

têm de ser vencidas. E instituições como o INAPEM podem desenvolver um papel importante, desde que dotadas de recursos para o efeito.

Como antecipa a aceleração do crescimento angolano em 2012 e com que efeito na vossa actividade?

A recuperação económica do país, fortemente induzida pela produção do petróleo e de diamantes, augura perspectivas positivas para a actividade creditícia do BDA em 2012, dado que o crescimento económico influencia o aumento e a regularidade das dotações do Fundo Nacional de Desenvolvimento, que é a principal fonte de financiamento do banco, como já referi.

A recente aprovação da Lei de Apoio às Micro e Pequenas Empresas é um passo importante para o fortalecimento do sector privado angolano?

Esta Lei, apesar de aprovada, não está ainda em vigor devido à sua não publicação até ao momento. Mas é óbvio que a reputamos de grande importância, não propriamente para a actividade ou funcionamento do BDA, mas para a economia nacional em geral. Sobretudo, porque as PME são empresas que geram emprego e rendas generalizados, e que não exigem capital intensivo para poderem funcionar. Por via dessa Lei e da sua regulamentação, criar-se-ão novos incentivos financeiros, que por certo impulsionarão o surgimento e a consolidação duma malha empresarial nacional mais vasta e mais sustentada.

Financiamento Aprovado por Sectores (2010)				
Sector	Projs.	Emprego	USD	%
Agricultura	1	49	8.646.200	12%
Hotelaria e Turismo	1	155	6.768.881	9%
Indústria Transf.	5	331	24.261.276	33%
Mecanização Agrícola	42	338	34.674.457	47%
Total Acumulado	49	873	74.350.814	100%

Financiamento Aprovado por Províncias (2010)				
Sector	Projs	Emprego	USD	%
Benguela	2	78	10.969.239	15%
Bié	3	24	2.131.057	3%
Bengo	3	189	10.545.218	14%
Cunene	1	8	656.355	1%
Malanje	2	16	1.528.410	2%
Moxico	1	72	3.471.923	5%
Uíge	5	40	3.362.771	5%
Luanda	3	171	8.195.166	11%
Lunda-sul	1	8	2.068.706	3%
Lunda-norte	3	24	2.303.348	3%
Huíla	5	81	11.587.985	16%
Kwanza sul	13	106	12.113.864	16%
Kwanza norte	1	8	737.351	1%
K. Kubango	4	32	3.031.498	4%
Zaire	1	8	821.540	1%
Huambo	1	8	826.384	1%
Total Acumulado	49	873	74.350.814	100%

Quais foram os acontecimentos-chave do BDA em 2010?

2010 não foi um bom ano económico-financeiro para Angola nem para o BDA. Todavia, destaco positivamente as iniciativas que conduziram à aprovação e operacionalização do Programa de Fortalecimento dos Pequenos e Médios Produtores Agro-Pecuários. Esta linha de crédito de 350 milhões de USD, destinada a facilitar o acesso ao crédito dos camponeses e dos pequenos produtores, foi, sem dúvida, um facto de elevada relevância económica, com resultados palpáveis, sobretudo, na componente do crédito agrícola de campanha. Não só pela enorme adesão que gerou, como também pelo envolvimento da banca comercial neste processo. Dou relevância a este facto porque estamos perante um programa cujo alcance é bastante profundo, inclusive ao nível do resgate da dignidade das pessoas do meio rural, no relançamento da actividade produtiva por parte dos pequenos produtores e porque os seus resultados são perenes, tangíveis e visíveis. Acresce que a receptividade com que este programa foi recebido, criou a necessidade e o fundamento para a existência do Programa de Promoção do Comércio Rural, que brevemente complementará o primeiro.



Nova forma de pagamento

Rápida, Simples e Cómoda



**“PARA PAGAMENTO DO AVISO DE COBRANÇA DE PRÉMIOS
DE SEGUROS COM REFERÊNCIA MULTICAIXA .”**

Finibanco Angola

Expandir a rede de balcões



**António Couto
Lopes, Presidente da
Comissão Executiva**

Afastado o espectro da crise cambial, o BNA iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade do Finibanco Angola?

A nossa moderada dimensão em Angola fez com que não fôssemos muito afectados pelas crises nacionais e internacionais. Isentos de 'gorduras' dimensionais, conseguimos ser flexíveis na nossa actuação. Nascemos em Angola no auge da crise internacional e temos sabido lidar, com contenção e com uma conservadora gestão de risco de crédito, com as diferentes condicionantes de forma ponderada, com o objectivo de preparar melhores dias.

O factor petróleo não pode ser ignorado. Após uma acentuada queda de preços em 2009, recuperou em 2010, o que augura, igualmente, uma recuperação da anterior dinâmica da economia angolana mas agora de forma mais consistente e menos especulativa.

Como é que as rubricas depósitos e crédito a clientes se comportaram? Houve diferenças significativas face a 2009?

Em 2010, os depósitos duplicaram em relação ao ano anterior. O crédito concedido a empresas e a particulares tem vindo a manter volumes crescentes.

A gestão prudente tem sido estratégica na dinâmica de crescimento e na consolidação do Finibanco Angola.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

Muito em breve haverá balcões Finibanco em mais 10 localidades do país, o que significa que estaremos mais próximos do mercado, quer empresarial quer dos particulares. Julgamos que as sinergias existentes em matéria de crédito são bastante elevadas pois não há crescimento sem apoio às empresas e não há vendas/compras sem o apoio a particulares. Tencionamos promover este equilíbrio, mantendo um elevadíssimo controlo sobre o risco inerente a estas operações.

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é uma vantagem?

Existe uma elevada preocupação em manter os bancos com rácios de liquidez elevados. Passou-se de uma fase de alguma liberalização do crédito para uma de maior contenção. A descida acentuada da taxa remuneratória da dívida pública pressionou os bancos a canalizarem mais financiamentos para o sector económico, o que se traduzirá num maior apoio à actividade económica.

De que forma as perspectivas de crescimento da economia angolana alteram a estratégia do Finibanco?

Para o final do ano de 2011 perspectivamos um crescimento orgânico acima de 50%, dado o baixo patamar de que partimos. Em 2012, com o nível de crescimento económico esperado, perspectiva-se a expansão do banco de modo a conseguir a cobertura geográfica de quase todo o país.

Capital social vai chegar aos 150 milhões de USD. Foi anunciado um aumento de capital no valor de 30 milhões de USD. Já foi aprovado? Quando é que vai ser concretizado?

O aumento do capital social em 30.000.000,00 de USD foi já aprovado em Assembleia Geral e a sua realização ocorrerá até ao final do ano em curso.

Para além do Banco Central recomendar aos bancos comerciais que aumentem gradualmente, e ainda até ao final deste ano, o respectivo capital social para o mínimo de 50.000.000,00 de USD e, no próximo ano, para 100.000.000,00 de USD, é intenção do Finibanco chegar, a muito curto prazo, aos 150.000.000,00 de USD de capital social, de forma a poder suportar a expansão orgânica que tem programada.

De que forma deverá evoluir a banca nacional?

Deverá seguir um processo próximo das diversas actividades económicas, servindo ou funcionando como consultor e, ao mesmo tempo, influenciando financeiramente, de modo a poder colaborar específica e casuisticamente no apoio às iniciativas produtivas.

Que facto importante da actividade do Finibanco destacaria no ano de 2011?

A abertura do capital do FNBA a um accionista angolano, pois irá possibilitar o aumento significativo do volume de negócios e a cobertura bancária do espaço global angolano.

Finibanco Angola

Relação



Proximidade



SEDE

Travessa Engrácia Fragoso, nº 24 r/c - Luanda
Tel: 222 636 020 - 222 696 026 - 222 636 048
Fax: 222 636 031 - Área Comercial: 222 636 091/58
E-mail: geral@finibancoangola.co.ao
Website: www.finibancoangola.co.ao
Swift Fbcoaolu

Agência da Mulemba

Agência de Viana

Agência do Huambo

Agência de São Paulo

Agência do Morro Bento



Banco de Fomento Angola

Crescimento da rede é prioridade



Emídio Pinheiro,
Presidente da
Comissão Executiva

Afastado o espectro da crise cambial, o BNA iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade bancária?

Os anos de 2009 e 2010 foram particularmente difíceis não só para os bancos como também para a comunidade empresarial em geral. Com o restabelecimento dos principais equilíbrios macro-económicos, as autoridades puderam encontrar um contexto mais favorável para aliviar as tensões que se foram acumulando.

Destaco duas:

- O maior volume de divisas vendidas aos bancos, através do sistema de leilões do BNA, que permitiu servir com mais rapidez e mais generalizadamente os clientes que tinham responsabilidades perante o estrangeiro;
- A descida das taxas de juro do kwanza, que permitiu reduzir de forma substancial o custo do crédito e, portanto, torná-lo mais acessível, está a penalizar com significado a poupança remunerada. Este é, de resto, um tema a seguir, sendo esperadas novas medidas, já que não parece aconselhável manter o mercado interbancário com taxas muito abaixo da inflação, como é o caso hoje em dia.

Como é que as rubricas depósitos e crédito a clientes se comportaram? Houve diferenças significativas face a 2009?

O ano de 2010 tem sido marcado por fracos crescimentos dos depósitos e do crédito. No essencial,

o BFA manteve a sua quota de mercado no que respeita aos Depósitos e, fruto da redução das oportunidades de novos investimentos sustentados e da redução das necessidades de financiamento do Estado, reduziu ligeiramente a sua quota de mercado no Crédito.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

O financiamento a particulares, no que respeita a crédito automóvel para viaturas novas, e crédito pessoal (consumo), habitualmente destinado a obras de beneficiação ou restauro das residências, e aquisição de equipamentos e mobiliários diversos, tem vindo a crescer em linha com o crescimento da economia e da bancarização, tendo mais recentemente beneficiado da redução das taxas de juro do kwanza.

O BNA proibiu que este tipo de modalidades de crédito, bem como todas as de curto prazo, possam ser denominadas em dólares americanos. É, quanto a nós, uma medida positiva, que mitiga o risco de crédito oriundo de variações cambiais.

O grande desafio no segmento de particulares é o crédito à habitação. O país ainda não dispõe dos recursos necessários para que os bancos possam gerir adequada e sustentadamente créditos desta natureza. Embora já haja muito trabalho produzido, o facto é que neste momento a Central de Riscos de Crédito ainda não está operacional e esse é um factor crítico para a correcta gestão do risco de crédito e para a decisão de operações.

Ao nível do sector empresarial, pensamos que, uma vez ultrapassado este período de estabilização macroeconómica, há bases para o relançamento do investimento privado e, por isso, estamos optimistas quanto a esta matéria.

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é, face ao contexto mundial actual, uma vantagem?

O baixo rácio de transformação de depósitos em crédito não só é uma vantagem para os bancos em termos da sua solidez, como também é um requisito para se operar em Angola. No essencial, os bancos apenas podem contar com os depósitos que captam para conceder crédito, já que o recurso a financiamento externo é muito limitado. Para além disso, o BNA apenas disponibiliza instrumentos de gestão de liquidez em kwanzas. Do lado do dólar, que representa cerca de 50% do volume de depósitos do sistema, em que

O BFA tem vários projectos estruturantes em curso, que visam melhorar o funcionamento do banco. Estão a ser criadas novas funcionalidades com o objectivo de proporcionar e garantir uma maior eficácia e mais segurança em todas as operações realizadas.



não há instrumentos de gestão de liquidez no mercado interno e o acesso ao mercado externo é muito limitado ou mesmo impossível, o rigor na gestão das aplicações e na gestão da liquidez ainda terá de ser maior.

Qual o cenário esperado para 2011? E de que forma as perspectivas de crescimento da economia angolana, a dois dígitos já em 2012, alteram a estratégia do BFA?

A desaceleração do crescimento da economia mundial, adicionada à proliferação de indicadores de risco, não é benéfica para Angola, na medida em que o preço do petróleo continua a ser a variável mais importante no crescimento nominal da economia angolana.

No entanto, as previsões apontam todas para que o crescimento da economia angolana em 2012 seja mais forte do que em 2011, e é também com isso que contamos no nosso planeamento.

Quanto à nossa estratégia, no essencial mantém-se: alargar a nossa rede quer em número de pontos de venda quer em termos de segmentação e de modelos de serviço. Nesta matéria temos vários projectos estruturantes em curso, que irão melhorar o modo de funcionamento do banco, e estamos a trabalhar arduamente em conjunto com a EMIS para a criação de novas funcionalidades que irão melhorar a eficácia e a segurança com que as operações são realizadas.

**BFA no ranking da African Business
Habitúamo-nos a ver alguns bancos angolanos distinguidos nas principais publicações especializadas, muitas até com projecção mundial. Como caracteriza a banca nacional e a posiciona no contexto africano?**

O mercado bancário é hoje, possivelmente, o mais competitivo e mais modernizado que existe em Angola e, de certo modo, este cenário e o facto do país ser hoje uma porta aberta para o mundo, desperta o interesse dessas revistas. É claro que para isso contribuem também os resultados positivos da actividade e o posicionamento no próprio sistema financeiro nacional.

No contexto africano, aquele que mais nos interessa para efeitos comparativos, o BFA é referenciado no TOP 100 da revista African Business em 32º lugar em termos de Fundos Próprios, o 7º na zona sul de África e o 1º no que diz respeito aos bancos angolanos. É um resultado que muito nos orgulha.

Um dos desafios que o sistema enfrenta é a sua internacionalização no sentido de poder aumentar os negócios que faz com contra-partes estrangeiras, nomeadamente no que diz respeito a linhas de crédito. Estas referências ajudam sempre a criar uma atmosfera positiva numa actividade em que o rigor da gestão e a qualidade do balanço continuam a ser as palavras chave.

Em sua opinião, de que forma deverá crescer e evoluir a banca nacional?

No seu conjunto, o sistema bancário angolano irá continuar a crescer em volume em função do crescimento do PIB nominal e do processo de bancarização, o qual depende, no essencial, da criação de emprego e da formalização da economia.

Atraídos por este potencial de crescimento e pelos resultados que os bancos têm apresentado nos últimos anos, o número de instituições financeiras a operar em Angola cresceu muito e já ultrapassa as duas dezenas, o que torna o sector muito competitivo.

Tem, no entanto, outros desafios:

- Introdução de nova regulamentação que visa alinhar as práticas bancárias do sistema angolano com as normas internacionalmente aceites;
- Modernização e introdução de novos produtos e serviços mais sofisticados e complexos, que exige níveis organizacionais e sistemas de informação eficazes e recursos humanos com muito boa formação.

Banco Keve

Entra no crédito ao consumo



Rui Costa Campos,
Presidente
do Conselho
de Administração

Afastado o espectro da crise cambial, o BNA iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade do Banco Keve?

Em 2010 o BNA continuou a sua política activa de manutenção da estabilidade da taxa de câmbio como suporte fundamental para a confiança do mercado e da redução da taxa de inflação. Para a manutenção do câmbio contribuiu tanto o crescimento das receitas fiscais do sector petrolífero, devido ao aumento do preço do petróleo nos mercados internacionais, e das reservas internacionais, como a aplicação frequente da política de *outlier* nos leilões de divisas (exclusão de propostas com taxas fora de mercado). Foi assim possível ao BNA aumentar a oferta de divisas em 2010 e, embora não pudesse sempre satisfazer a procura, essa oferta teve um reflexo positivo na actividade bancária. Do lado monetário, as taxas de juro de referência em kwanzas (redescoto, mercado interbancário e títulos de curto prazo) mantiveram-se em patamares muito elevados a maior parte do ano, o que se reflectiu no aumento das taxas de juro do crédito à economia praticadas pelos bancos. Por isso, foi muito importante a introdução de novas medidas de política monetária a partir de Novembro de 2010, porque, em conjunto com o início do pagamento das dívidas em atraso pelo governo, permitiu aumentar a liquidez no sistema bancário e a descida das taxas de juro de referência para níveis mais consistentes com a taxa de inflação.

“Em 2010 o aumento dos Depósitos foi superior ao do Crédito, mas, mesmo assim, abaixo das expectativas”, afirma Rui Costa Campos, presidente do Conselho de Administração do Banco Keve.

Como é que as rubricas depósitos e crédito a clientes se comportaram? Houve diferenças significativas face a 2009?

Em 2010 o aumento dos depósitos foi superior ao do crédito, mas, mesmo assim, abaixo das nossas expectativas. São crescimentos que reflectem o quadro económico e a política monetária seguida.

Em termos económicos, o pagamento da dívida interna em atraso por parte do Estado foi feito de modo muito concentrado no final do ano, o que permitiu o aumento significativo dos depósitos e a recuperação de algum crédito concedido a empresas com fornecimentos ao sector público (directos ou indirectos). Mesmo neste quadro económico, verificou-se um aumento na concessão de crédito ao longo do ano, nomeadamente através do financiamento de novas operações, aumento esse que, no entanto, foi inferior ao verificado em 2009. Em termos monetários, o coeficiente de reservas obrigatórias em kwanzas (principal moeda em que o banco opera) praticado na maior parte do ano (30%), o elevado grau de transformação dos depósitos em kwanzas em crédito, num contexto em que os bancos têm de cumprir limites de exposição cambial, limitou o maior crescimento da rubrica crédito.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

O Keve está mais focalizado na actividade das empresas e, por isso, o crédito a particulares tem um peso menor do que na média do sistema bancário angolano. Não obstante, temos vindo a verificar a crescente necessidade de desenvolver uma oferta direccionada para os particulares – e estamos a fazê-lo, muito embora, para já nos produtos dirigidos ao consumo. No que diz respeito às empresas, é previsível um aumento nas necessidades de crédito ao investimento, em especial em modalidades que permitam prazos mais longos.

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é uma vantagem, sobretudo se atendermos ao contexto mundial actual?

O baixo rácio de transformação reflecte aspectos específicos do país, entre os quais destaco o nível de reservas obrigatórias (20%, em média), o elevado peso dos depósitos à ordem (cerca de 55%), a dolarização e o seu impacto nos balanços dos bancos, a concentração da

O baixo rácio de transformação reflecte aspectos específicos do país, entre os quais o nível de reservas obrigatórias (20%, em média), o elevado peso dos depósitos à ordem (cerca de 55%), a dolarização e o seu impacto nos balanços dos bancos, a concentração da economia em alguns sectores de actividade e a dependência destes sectores relativamente a fornecimentos do exterior.

economia em alguns sectores de actividade e a dependência destes sectores relativamente a fornecimentos do exterior. Tendo em conta as necessidades de investimento e de financiamento a médio e longo prazos que a economia enfrenta, este rácio pode constituir uma vantagem, no sentido em que permite aumentar a capacidade de atracção de financiamentos externos com a intermediação do sistema bancário.

Nos últimos anos habituámo-nos a ver alguns bancos angolanos distinguidos pelas principais publicações internacionais da especialidade. Como caracteriza a banca nacional e a posiciona no contexto africano?

É um facto que a banca angolana está a despertar cada vez mais interesse a nível internacional, principalmente tendo em conta as elevadas potencialidades da economia no seu conjunto e, em particular, os elevados níveis de crescimento e de rentabilidade do sector. Penso que o reconhecimento internacional também advém muito dos esforços das autoridades no sentido de fazer evoluir o quadro legislativo e regulamentar do sistema financeiro em relação às práticas internacionais. Se tomarmos como referência alguns dos sistemas financeiros africanos mais desenvolvidos, como a África

do Sul ou mesmo as Maurícias, vemos que ainda temos muito para fazer. No entanto, estamos a dar os passos certos nesta direcção. O reconhecimento internacional é fundamental porque permite, por exemplo, maior acesso aos mercados internacionais.

Em sua opinião, como deverá crescer e evoluir a banca nacional?

Terá de evoluir no sentido qualitativo. Quero dizer com isto que deverá tornar-se mais inovadora, que deverá melhorar o acesso aos serviços de pagamentos, assim como aperfeiçoar as práticas de gestão. Em suma, terá de evoluir no sentido da melhoria contínua da qualidade dos serviços prestados.

Que facto importante para a actividade bancária destacaria do ano 2011? E porquê?

O arranque da implementação da Câmara de Compensação Automática de Angola (CCAA), pois irá facilitar os pagamentos ao mesmo tempo que promove a utilização da moeda nacional e aumenta a eficiência da economia. Pelo perfil do Keve, a automatização dos serviços de pagamentos no mercado interno é um aspecto crucial para aumentar a qualidade, a eficiência e a rentabilidade.

Banco Millennium Angola

Manter ritmo de crescimento



José Reino da Costa,
Presidente da
Comissão Executiva

De que forma o cenário de recuperação da economia angolana influenciou a actividade da banca, de uma forma geral, e a actividade do Millennium Angola, em particular?

Sob o impulso da reanimação do mercado petrolífero mundial a actividade económica em Angola revelou-se mais dinâmica em 2010. As receitas das exportações de petróleo foram mais robustas, tendo contribuído para uma situação mais equilibrada das reservas externas e das finanças públicas, cuja fragilidade em 2009 obrigou a uma travagem brusca nas políticas públicas de promoção do crescimento.

Para o sistema financeiro, 2010 foi um ano caracterizado por alguma falta de liquidez, nomeadamente de moeda estrangeira. A partir do segundo semestre assistiu-se a uma melhoria significativa das condições de mercado, em virtude do Governo ter resolvido uma parte dos atrasos dos pagamentos às empresas. Neste contexto, 2010 foi um ano muito positivo para o Millennium Angola. Alcançámos um crescimento acima da média do mercado, quer em recursos dos clientes quer no crédito, e melhorámos substancialmente os indicadores de produtividade e de *performance*.

Como se comportaram as rubricas depósitos e crédito a clientes? Houve diferenças significativas face a 2009?

No ano transacto a carteira de crédito ascendeu a 607 milhões de USD, o que representa um incremento de 34%, face a 2009. Os recursos atingiram o montante de 774 milhões de USD, registando um crescimento de 26%. No primeiro semestre de 2011, as carteiras de crédito e recursos continuaram a registar um crescimento consistente face ao período homólogo, com subidas de mais de 30% e mais de 50%, respectivamente.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

O crédito a particulares tem crescido significativamente, nomeadamente o crédito ao consumo, mas o crédito às empresas continua a ser o que tem maior representatividade, quer em relação ao crédito ao investimento quer em relação ao apoio à actividade diária das empresas. É natural que com o desenvolvimento do país, com o surgimento de uma classe média com maior capacidade de poder de compra e de consumo e, paralelamente, com o desenvolvimento do crédito à habitação, que o crédito a particulares possa vir a ter um crescimento mais acentuado no futuro próximo.

Meta de 100 balcões é prioridade

Qual o cenário esperado para este ano? E de que forma as perspectivas de crescimento da economia nacional alteram a estratégia do Millennium Angola?

Para 2011 prevê-se um crescimento da economia angolana de 3,7%. Espera-se um forte contributo do sector não petrolífero, assente na retoma do investimento público e privado, em especial na reabilitação de infra-estruturas, e na continuação da diversificação da actividade económica. Paralelamente, existe um optimismo em relação ao crescimento do sector petrolífero já que tudo aponta para que o preço médio do petróleo em 2011 se situe acima dos 100 USD/barril. Pensamos, pois, que estão criadas as condições para a estabilização macroeconómica, o que, com a progressiva liquidez da dívida do Estado às empresas, irá trazer maior liquidez ao sistema financeiro e maior confiança aos agentes económicos, o que terá um impacto positivo no desenvolvimento do país.

Mais de 100 mil clientes, uma presença em quase todas as províncias e mais de mil milhões de USD em recursos foram os objectivos já alcançados pelo Millennium Angola em 2011. Resultados que surgem na continuidade do forte crescimento registado no ano transacto.

Face a este cenário, os nossos planos de expansão da rede comercial mantêm-se. Nos próximos dois anos queremos atingir os 100 balcões e contamos ainda em 2011 estar presentes em todas as províncias.

Que áreas e segmentos de actividade são prioritários na vossa actividade?

O crescimento rentável do negócio, com grande enfoque na captação de novos clientes e na expansão da rede de retalho, continua a ser a nossa prioridade estratégica. Pretendemos voltar a dobrar o número de clientes activos, ultrapassando os 150 mil clientes e continuar a ganhar quota de mercado. Estamos confiantes que, com as perspectivas de evolução do mercado e com a equipa que temos, podemos continuar a crescer em 2011 com um ritmo elevado, à semelhança do que temos feito nos últimos anos.

Falta dimensão à banca nacional

Como caracteriza o sector financeiro angolano face ao contexto africano?

O sector financeiro é seguramente um dos sectores mais desenvolvidos do país, a par do petrolífero e, eventualmente, das telecomunicações. É um sector que nos últimos cinco anos tem feito grandes investimentos na sua modernização tecnológica, na formação de quadros e na expansão das redes comerciais, reflectindo a vitalidade espelhada nas oportunidades de desenvolvimento que se oferecem quer ao nível de parcerias e de investimentos quer ao nível do crescimento.

No contexto africano faltarão aos bancos angolanos a dimensão dos bancos da África do Sul ou da Nigéria, mas o ritmo de crescimento evidenciado pela banca angolana nos últimos anos e o seu potencial de desenvolvimento são muito positivos, pelo que nos próximos anos continuará a haver bancos angolanos bem posicionados nos *rankings* internacionais do sector.

Em sua opinião, de que forma deverá crescer e evoluir a banca nacional?

Através do apoio à economia, marcando presença num número cada vez maior de municípios, apostando em novas tecnologias que facilitem a vida aos clientes e, com isso, tornar os serviços financeiros acessíveis a mais pessoas. É natural que nos próximos anos possam surgir movimentos de consolidação, através de fusões e aquisições, o que não constituirá uma surpresa visto que ocorrem um pouco por todos os mercados.



Reconhecimento internacional fortalece a imagem

Em 2011 o Millennium Angola foi premiado pelas revistas World Finance e Euromoney, como 'Melhor Grupo Bancário em Angola' e 'Melhor Banco em Angola', respectivamente.

Duas distinções que premeiam a aposta contínua na inovação e diversificação do leque de produtos e serviços financeiros, o reforço da posição de mercado, a expansão da rede comercial, o crescimento, a eficiência e a solidez dos resultados. Elevam-se, assim, para seis as distinções internacionais já recebidas pelo banco depois de em 2010 ter sido considerado 'Banco do Ano', pela revista The Banker, 'Melhor Banco Estrangeiro em Angola', pela revista EMEA Finance. Esta mesma publicação elegeu-o em 2009 'Banco Mais Inovador'. O Millennium Angola foi considerado ainda 'Marca de Excelência', pela Superbrands. Um reconhecimento internacional que, segundo José Reino da Costa, presidente da Comissão Executiva, fortalece a "imagem da marca, é um estímulo para a equipa e contribui para o prestígio do banco junto dos seus clientes e outros *stakeholders*".

**BNI**

Banco de Negócios Internacional

Paixão pelo futuro de Angola



No BNI apoiamos as iniciativas das pessoas.
Dedicamos o nosso esforço a abraçar vontades.
A cumprir ambições. E a acreditar no País.

Cresça com o BNI.
Juntos faremos crescer Angola.

www.bni.ao

Banco de Negócios Internacional

Enfoque na área *corporate*



Mário A. Palhares,
Presidente
do Conselho
de Administração

Afastado o espectro da crise cambial, o BNI iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade do BNI Angola?

Tratou-se de um cenário que favoreceu a banca em geral, tendo-nos permitido manter o ritmo de crescimento que vínhamos seguindo. Não nos podemos esquecer que o BNI é um banco jovem, apenas com quatro anos, pelo que o seu posicionamento no mercado tem sido pautado por uma política de crescimento sustentado.

Como é que as rubricas depósitos e crédito a clientes se comportaram? Houve diferenças significativas face a 2009?

Comparativamente ao exercício anterior, os nossos depósitos cresceram 43%, tendo havido uma ligeira redução da carteira de crédito, numa política, face à nossa dimensão, de uma maior selectividade do mesmo.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

Apesar de termos uma carteira preferencialmente *corporate*, estamos a dinamizar a área de particulares, acompanhando com o crescimento da nossa rede, já espalhada pelo país, a própria evolução da taxa de bancarização da população. Esperamos que a recente introdução da 'Bankita', venha aumentar a taxa de bancarização, permitindo-nos crescer neste segmento.

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é uma vantagem, sobretudo se atendermos ao contexto mundial actual?

A banca angolana em geral e o BNI em particular têm um rácio de transformação, quando comparado com outras economias mais desenvolvidas, ainda reduzido, o que nos permite ter uma taxa de crescimento ainda por explorar.

Manter e, se possível, aumentar quota de mercado. Qual o cenário esperado para 2011? E de que forma as perspectivas de crescimento da economia angolana, a dois dígitos já em 2012, alteram a estratégia do BNI?

O nosso objectivo, conforme definido no nosso plano de trabalhos, acompanhando o crescimento da economia angolana, é o de manter a quota de mercado. Continuamos igualmente com a política de expansão geográfica, perspectivando, até final do corrente ano, termos em pleno funcionamento 50 balcões, dos quais seis integram Centros de Negócios.

Que áreas e segmentos de actividade são prioritários na vossa actividade?

Vamos continuar a manter o enfoque na área *corporate*, associado ao crescimento da rede, por via da inclusão bancária do universo de particulares ainda não bancarizados. Relativamente a investimentos, para além da inauguração da nossa nova sede e do crescimento da rede, continuaremos a investir em tecnologias, nomeadamente na nossa área de cartões e na banca *online*, e na melhoria da qualidade dos nossos serviços, por forma a termos maior eficiência no atendimento das necessidades dos nossos clientes e na formação contínua dos nossos colaboradores.

Que facto importante da actividade do BNI destacaria no ano de 2011?

O principal facto é a continuação da nossa taxa de crescimento e a melhoria da qualidade dos nossos serviços, privilegiando uma relação de proximidade com os nossos clientes, pois são eles que, ao acreditarem em nós, nos obrigam a ir superando, diariamente, os desafios que se nos colocam.

O aumento da rede de balcões e de centros de negócio, bem como da taxa de bancarização, através do produto Bankita, são algumas das apostas do BNI a curto e médio prazos.

Para além da inauguração da nova sede e do crescimento da rede, o BNI vai continuar a investir em tecnologias, nomeadamente na área de cartões e na banca *online*, e na melhoria da qualidade dos seus serviços.

Nos últimos anos habituámo-nos a ver alguns bancos angolanos distinguidos nas principais publicações especializadas, muitas até com projecção mundial. Como caracteriza a banca nacional e a posiciona no contexto africano?

É gratificante o posicionamento da banca angolana em geral, e de alguns bancos em particular, no sector bancário africano, conforme o último estudo da revista *The Banker*, o que nos permite olhar o futuro com optimismo.

O BNI mantém o interesse em entrar no mercado português ou a crise que este país atravessa levou ao adiamento do projecto? Neste contexto, estão a equacionar a entrada noutros mercados?

O interesse de princípio mantém-se, dispondo já de uma licença autorizada pelas autoridades de supervisão portuguesas. A conjuntura actual por que passa o mercado português leva-nos, numa óptica prudencial, a reanalisar o modelo de negócio, pois seria contraproducente não ter em conta este factor.

Como deverá crescer e evoluir a banca nacional?

A banca angolana não pode estar dissociada do próprio crescimento económico do país, principalmente quando a taxa de crescimento da economia angolana é superior à da maioria dos países africanos. Consequentemente, o crescimento do sector continuará a ser uma realidade nos próximos tempos.



A crise mundial está a mudar os paradigmas da banca a nível mundial. Neste contexto de mutação, de que forma os bancos de direito angolano podem tirar partido das alianças internacionais?

É evidente que a crise financeira internacional conduz a uma adequação dos mercados e a uma maior racionalização do acesso a *funding* e a linhas institucionais, pelo que todas as parcerias numa óptica *win-win* são bem vindas e o BNI, evidentemente, não deixará de estar atento às hipóteses que se lhe colocam.



ATLANTICO

Valores com Futuro



O ATLANTICO cresceu. E eu também.
Escolhi o banco que me dá segurança
e me liga ao mundo.
Descobri o rumo para a minha visão.

Uma nova força, uma nova marca,
para ir mais longe.

BANCO PRIVADO ATLANTICO

Banco Privado Atlântico

Reforçar a internacionalização



Carlos José da Silva,
Presidente
do Conselho
de Administração

Como é que a recuperação da economia angolana se repercutiu na actividade bancária?

O ano de 2010 foi marcado pela retoma da tendência de crescimento que marcou a economia no período pós 2002, interrompido em 2009 pelos impactos profundos da crise financeira internacional. O crescimento económico mais expressivo – em particular nos sectores exportadores – traduziu-se numa melhoria assinalável das reservas internacionais líquidas, criando o contexto macroeconómico que permitiu que as autoridades avançassem com medidas expansionistas de natureza monetária. Esta acção permitiu aliviar o cenário de reduzida liquidez que até àquele momento vigorava na economia. Estes factores permitiram que os bancos voltassem a ter um ambiente económico propício a executarem e a expandirem a sua principal função: remunerar e honrar os recursos dos seus depositantes e transformá-los no financiamento às famílias e às empresas com projectos viáveis e estruturantes.

Os indicadores de depósitos e crédito traduzem variações significativas face a 2009, altura em que a crise internacional interrompeu o ciclo de crescimento?

Observou-se um comportamento positivo no crescimento das rubricas de depósitos e de financiamento à economia, quer no ano de 2010 quer no primeiro semestre de 2011. Interpretamos estes factos como resultado da melhoria já referida do enquadramento económico do país.

Em relação ao ano de 2010, destacamos como positivo o aumento dos depósitos a prazo no sistema financeiro, um comportamento de poupança de longo prazo, que foi incentivado pelas campanhas proactivas dos bancos, orientadas para a poupança dos agentes económicos, mas que também é um sinal de que a cultura financeira da poupança se está a consolidar e isso é um indicador muito positivo para o país.

Como se distinguiram os segmentos de particulares e de empresas na vertente de crédito?

O volume de financiamento à economia no sector cresceu em média cerca de 17% em 2010. O ATLANTICO aumentou em mais de 50% o financiamento à economia face a 2010, reforçando a dimensão do seu compromisso de agente económico dinamizador dos projectos empresariais com valor e financiador dos projectos de habitação das famílias angolanas. Quanto à tipologia, observa-se uma concentração da oferta a particulares no crédito à habitação.

No financiamento às empresas, também se perspectiva uma tendência de crescimento. O mercado empresarial responderá positivamente aos critérios de reforço das regras de prudência e de exigências de garantias sólidas de suporte aos compromissos que têm vindo a ser introduzidos no mercado nacional, à semelhança da tendência mundial. Destaco ainda o aumento do crédito em moeda nacional, tendência essa que é fruto da legislação que as autoridades reguladoras do sector têm vindo a introduzir.

Angola deverá acelerar o ritmo de crescimento em 2012. Como é que este cenário optimista influenciará a estratégia do ATLANTICO?

O actual crescimento económico de Angola é um sinal de robustez da economia e representa a existência de sinais encorajadores para os agentes económicos. Saúdo a robustez do sector extractivo, no entanto, o focus do ATLANTICO vai no sentido de dinamizar os projectos empresariais que reforcem os níveis de desenvolvimento da economia produtiva nacional nos sectores não petrolíferos. Observo com satisfação uma tendência positiva de crescimento destes sectores, mas é sempre possível esperar e fazer mais para acelerar esse crescimento.

O ATLANTICO definiu uma estratégia específica de médio e longo prazos, que está a executar, e que prevê um expressivo crescimento da sua base geográfica, assegurando a presença em todas as províncias até final de 2012.

A expansão geográfica para todas as regiões do interior do país é, sobretudo, destinada a estarmos presentes na dinamização económica dessas regiões, as quais acreditamos serem as que têm maior potencial para o desenvolvimento de projectos agro-industriais e que vemos como componentes de base do desenvolvimento sustentado da economia de Angola.

O ATLANTICO aumentou em mais de 50% o financiamento à economia e ambiciona estar presente em todas as províncias até ao final de 2012.

Quais as áreas de investimento prioritário?

A banca de investimento, a corporativa e a banca de relação mantêm-se como os serviços chave do ATLANTICO. Nesse sentido, mantemos o focus no investimento na contínua melhoria da oferta de produtos e serviços a estes segmentos, assente essencialmente em quatro dimensões: alargamento da rede de centros ATLANTICO; alargamento da base de oferta, dos quais destacamos a criação das unidades de *leasing*, *factoring* e fundos de investimento; evolução e consolidação da plataforma tecnológica, com uma forte aposta na componente de canais electrónicos; a contínua formação nas melhores práticas de gestão bancária do nosso quadro de capital humano.

A banca angolana começa a merecer o reconhecimento internacional. Isso permite-lhe maiores ambições no contexto africano?

Considero que este reconhecimento nacional e internacional é o resultado do trabalho de rigor, profissionalismo e inovação que caracteriza o sector financeiro angolano em geral. Este é um sector muito aberto e concorrencial, estando presentes a operar em Angola vários grupos financeiros internacionais, que beneficiam da cultura de procedimentos, dos meios informáticos, dos produtos financeiros e das linhas de financiamento das suas casas mãe. Esta realidade concorrencial obrigou a que os principais bancos de origem nacional tivessem que assumir um desafio suplementar de vencerem neste mercado muito desafiante. No presente, cremos que mais do que ambicionarem serem bancos de referência regionais, os bancos nacionais estão a fazer um caminho estruturado de internacionalização e de reconhecimento como bancos que ambicionam alcançar os mais elevados padrões internacionais no que respeita à qualidade, ao serviço, ao rigor das metodologias de gestão e ao controlo do risco.

Rácio de transformação realista e prudente

Carlos Silva, presidente do Conselho de Administração do ATLANTICO, enfatiza a sólida tendência de crescimento sistematizado do rácio de transformação do sistema bancário angolano. “É um sinal que lemos como uma evolução consistente da confiança entre os agentes económicos. O actual rácio de transformação de depósitos em crédito é prudente, realista e um sinal de robustez do sistema financeiro nacional. Não observamos tendência para este rácio aumentar para níveis muito elevados porque:

- Os limites de reservas obrigatórias definidas pelo regulador assim o desencorajam;
- Os bancos nacionais não têm muitos instrumentos disponíveis que lhes permitam aceder a níveis de alavancagem;
- A presente crise financeira internacional veio demonstrar que o excesso de alavancagem aporta riscos de solvabilidade graves, em situações de *stress* do mercado interbancário.”

A internacionalização continua a ser um vector fundamental para o Atlântico? Como está a correr a operação em Portugal?

A expansão internacional apresenta-se como um dos vectores estratégicos do crescimento do Atlântico. A internacionalização iniciou-se em 2009 com a abertura do ATLANTICO Europa em Lisboa, operação que se tem revelado um importante contributo para o desenvolvimento global da actividade do grupo. Em linha com a estratégia estabelecida, estamos já a trabalhar no lançamento de operações na China e no Brasil.

Que outros mercados internacionais vê como atrativos a médio e longo prazos e porquê?

A estratégia de expansão internacional do ATLANTICO tem como linha de orientação a presença nos quatro vértices do losango, geografias que impactam com a geração de valor à economia angolana, apoiando assim o desenvolvimento dos laços económicos com esses países e com as suas empresas na relação com o mercado e as empresas angolanas.



telemóvel



placa USB



internet



favoritos



reciclagem



A única operadora de Angola com serviço de chamadas e internet no estrangeiro.

VIAJE COM O SEU UNITEL E LEVE A INTERNET SEMPRE CONSIGO

Agora para além de fazer chamadas também já pode enviar e receber mails, falar nos chats e pesquisar sites através do seu telemóvel ou de um computador com placa Unitel. Com o Serviço Chamadas e Internet no estrangeiro, mesmo longe estamos próximos de si. Para aderir, dirija-se a uma loja Unitel e faça uma boa viagem.

nº apoio ao cliente

19 192

www.unitel.ao



UNITEL

O próximo mais próximo.

Banco de Poupança e Crédito Privilegiar a inclusão social



**Paixão António
Júnior, Presidente
do Conselho de
Administração**

Afastado o espectro da crise cambial, o BNA iniciou um processo de introdução de medidas menos restritivas que aliviaram as instituições financeiras. De que modo é que este cenário influenciou a actividade do BPC, em 2010?

A adopção de medidas de controlo de política monetária menos restritivas, nomeadamente a redução do coeficiente de reservas obrigatórias de 30% para 25% em moeda nacional e 15% em moeda externa, e a introdução de novas facilidades de liquidez, permitiu melhorar os níveis de imobilização dos bancos e libertar fundos para a concessão do crédito. No domínio cambial, assistimos a um alargamento das sessões de compra e venda de moeda estrangeira no MCI (Mercado Cambial Interbancário), o que permitiu aos bancos imprimir maior dinamismo na realização das transacções com o exterior. Entretanto, é de referir que, apesar do impacto positivo das medidas de política monetária e cambial, estas são ainda insuficientes para atender à

atingir um desempenho satisfatório nos principais indicadores, destacando-se o retorno dos fundos investidos à volta de 30%.

Como é que as rubricas depósitos e crédito a clientes se comportaram? Houve diferenças significativas face a 2009?

Os depósitos de clientes tiveram um crescimento homólogo em torno dos 17,2%, reflectindo a evolução dos depósitos das empresas privadas em mais de 156%, fruto de uma estratégia activa, tendente à manutenção de fundos de grandes empresas, derivados, em grande medida, da regularização da dívida pública atrasada no final de 2010. Por outro lado, a carteira de crédito a clientes, ressentindo os efeitos das medidas restritivas adoptadas em 2009, cresceu apenas 17%, i.e. cerca de 4,6 p.p. abaixo da progressão verificada no ano anterior.

Que evolução regista o crédito nos produtos dirigidos a particulares? Tenderá a crescer no futuro? E o financiamento às empresas?

No segmento de particulares, a evolução do crédito foi moderada, apresentando um crescimento de 15,9 milhões de USD, para o qual contribuiu, essencialmente, o crédito destinado à aquisição e restauro de habitação, com 36%. Para o ano de 2011, estimando um aumento da taxa de bancarização, através de implantação de serviços que promovam a inclusão bancária e a literacia financeira da população, o BPC perspectiva aumentar em cerca de 17% o crédito concedido a este segmento, para o qual deverá contribuir, fundamentalmente, o crédito à habitação. A viabilidade deste produto passa pela alteração de políticas e de instrumentos, nomeadamente a política de fomento habitacional associada à bonificação das taxas de juros, pela promulgação da Lei da Terra, e melhoria dos processos relacionados com o registo predial e das hipotecas. No que toca às empresas, o banco, apoiando o relançamento da economia, tem concedido créditos às PME inseridas em sectores estratégicos do governo, nomeadamente agricultura, indústria e construção. Os montantes concedidos a estes sectores vêm ganhando peso na carteira global de crédito, em consonância com as respectivas taxas de crescimento e, consequentemente, posição na estrutura sectorial do PIB. É de relevar, também, o envolvimento do BPC na melhoria do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), se atendermos aos montantes concedidos em micro crédito, aliados ao programa de combate à pobreza do PES, do governo.

Em 2010 os depósitos de clientes do BPC tiveram um crescimento em torno dos 17,2%, reflexo da evolução dos depósitos das empresas privadas em mais de 156%.

crescente procura do crédito. Da análise do exercício de 2010, destacam-se, também, aspectos como o comportamento descendente das taxas de juro activas, o que, associado à manutenção das taxas passivas, provocou o estreitamento da margem de intermediação e a deterioração da qualidade dos activos, reflectida no rácio do crédito vencido, que atingiu patamares não vistos nos últimos cinco anos, traduzindo, efectivamente, o efeito da selecção adversa. Contudo, o BPC assistiu a uma evolução acelerada do Movimento Financeiro Alargado, o que, conjugado com as mais variadas políticas comerciais e financeiras, permitiu



Balcões em mais municípios

O facto do rácio de transformação dos depósitos em crédito ser relativamente baixo em Angola é uma vantagem, sobretudo se atendermos ao contexto mundial actual?

Não podemos considerar este facto como uma vantagem do sistema bancário angolano. Aliás, entendemos que o baixo rácio de transformação dos depósitos é resultado, por um lado, do grau anormal de imobilização dos depósitos em reservas compulsórias e, por outro, da escassez de fontes de financiamento alternativas.

Qual o cenário esperado para 2011? E de que forma as perspectivas de crescimento da economia angolana, a dois dígitos em 2012, alteram a estratégia do BPC?

Perspectiva-se para 2011 um crescimento de 20% dos depósitos totais e de 15% do crédito a clientes, o que possibilitará um retorno dos fundos investidos de 30% e uma taxa de crescimento sustentável que permita a criação de valor para a economia, para os accionistas e para os trabalhadores. Seguindo o objectivo de implantar pelo menos um balcão em todos os municípios do país, o BPC prevê inaugurar, em 2011,

40 novos balcões. É imprescindível uma rede com maior capilaridade e presença em todas as províncias, nomeadamente em todos os municípios, privilegiando a inclusão social e financeira.

Em sua opinião, como deverá crescer e evoluir a banca nacional?

A banca nacional deverá crescer a um ritmo mais acelerado nos próximos anos, reflectindo, por um lado, a recuperação económica e, por outro, a melhoria das condições de financiamento (redução das taxas de redesconto e do mercado interbancário). Entendemos que o Programa de Educação Financeira, que está ser levado a cabo pelo banco central, e as acções do governo no sentido de facilitar o acesso ao crédito (bonificação das taxas de juro para o crédito ao investimento e criação do Fundo de Fomento Habitacional) vão impactar, também, de forma bastante positiva o desempenho da banca. Outras acções poderão (a ser implementadas) reflectir-se positivamente na evolução da banca, tais como a regulamentação da legislação relativa às operações de *leasing* e *factoring* e a implementação efectiva da Central de Informação de Risco de Crédito, que tem um papel fundamental na salvaguarda dos fundos dos depositantes.

Empresas, particulares e Estado são pilares de crescimento

Nos próximos anos o banco continuará a focar os seus esforços na diversificação e na inovação dos produtos, na adequação das soluções tecnológicas ao negócio, na reestruturação dos processos internos e na capacitação dos recursos humanos, visando a melhoria da qualidade dos serviços, da produtividade e da rentabilidade da instituição. Mas esta focalização na melhoria, inovação e qualidade está aliada a uma estratégia de actuação do BPC para os próximos anos, que assenta em três linhas de negócio:

- Apoio ao sector empresarial e, em particular, às

PME, pois é entendido pelo BPC como o vector de desenvolvimento da economia;

- Apoio aos particulares, porque representam 95% da base de clientes do BPC, com a introdução de novos produtos (crédito à habitação) e melhoria dos serviços;
- Apoio ao Estado na concretização da política económica e social (participação no financiamento dos projectos com impacto na diversificação da economia e no fomento da actividade de micro crédito).

BPC LUA DE MEL

AGORA, TODOS PODEM IR DE LUA DE MEL.

Com o BPC LUA DE MEL todos podem ter umas férias românticas. Não precisa de ser recém casado, basta estar apaixonado. Passe mais tempo com a sua cara metade no banco de um resort.

Para mais informações, dirija-se a um balcão BPC.



BPC

O seu Banco de sempre.

Banco Kwanza Invest

Conhecer bem a realidade local



Marcel Krüse,
Director Geral
Executivo

O Banco Kwanza Invest, que sucedeu ao Banco Quantum Capital, criado em 2008, posiciona-se no segmento da banca de investimento e tem por objectivo “potenciar e viabilizar projectos em Angola passíveis de gerar mais-valias locais, criando riqueza, e contribuir para o desenvolvimento social e económico do país”. De acordo com Marcel Krüse, director geral executivo, a mudança de designação verificada visa fundamentalmente acentuar a identidade marcadamente angolana da instituição. “O Banco Kwanza Invest é um banco angolano com *know-how* internacional e não um banco estrangeiro, realidade que a designação anterior não transmitia correctamente. A escolha do nome Kwanza – nome da moeda angolana e do maior rio do país – teve como objectivo principal estabelecer uma ligação mais forte entre a designação do banco e os clientes locais”, explica o CEO. Concomitantemente com a mudança de designação, e a par da oferta de um conjunto de serviços que vão desde depósitos a prazo, câmbios, operações de pagamento locais e no estrangeiro e remessas de documentos – inerentes à actividade própria da banca comercial – o Banco Kwanza Invest vai apostar

fortemente no segmento da banca de investimento e no desenvolvimento de serviços inovadores no domínio da *internet banking*, tanto para clientes corporate como para empresários individuais.

Os clientes institucionais, incluindo empresas nacionais e internacionais de média e grande dimensão, bem como empresários e instituições públicas e privadas, são os que a instituição vai continuar a privilegiar, em especial na vertente de banca de investimento. Ao nível das operações, o Banco Kwanza Invest actua em todas as áreas de *Corporate Finance*, Fusões e Aquisições, *Private Equity* e ainda de Financiamento Estruturado de Capital de Risco e de Capital de Desenvolvimento. “Ao trabalhar com o Banco Kwanza Invest os nossos clientes têm acesso a mercados e a especialistas internacionais que detêm um conhecimento profundo dos sectores-chave da economia”, salienta Marcel Krüse.

Outra vertente que não é despreciable na actividade do banco é a de assessoria, que cobre praticamente todos os serviços bancários, desde a compra e venda de empresas e participações (actividades periféricas não centrais, imobiliária, entre outras), a transacções no mercado de capitais e de acções (OPV, colocações secundárias, colocações privadas) e estruturação de balanços (financiamento estruturado, aconselhamento de dívida).

Os sectores da saúde, electricidade, tratamento de águas residuais e transportes e a constituição de fundos de Capital de Risco são, para já, os eleitos como prioritários para o negócio daquele que foi o primeiro banco do país a cumprir os requisitos da Lei da Transparência (Lei 12/2010).

Gestão de Risco

Rigor como princípio de actuação

Neste reposicionamento perante o mercado, a abordagem da gestão de risco e de controlo interno assumem um papel determinante para o negócio. Papel a que não é alheio o novo modelo de *governance* adoptado – com um Conselho Directivo, representado pelo *chairman*, e um Conselho Executivo, representado pelo CEO – e que visa proteger da melhor maneira os interesses dos accionistas e *stakeholders*, indo, ao mesmo tempo, ao encontro da legislação em vigor, designadamente da Lei das Sociedades Comerciais, a Lei das Instituições Financeiras (13/05) e de todos os diplomas emanados pelo Banco Nacional de

“Ao trabalharem com o Banco Kwanza Invest, os nossos clientes têm acesso a mercados e a especialistas internacionais que detêm um conhecimento profundo dos sectores-chave da economia”, salienta Marcel Krüse.

Angola. Depois de ao longo de 2010 ter realizado um investimento significativo na criação da infra-estrutura, na definição de políticas e directrizes, na criação de processos e na formação de quadros, o banco implementou uma nova metodologia de gestão de risco conforme com o conjunto de métricas aprovadas pelo Conselho de Direcção. “O perfil de risco tipo do banco permaneceu inalterável, mas foram definidas outras prioridades, como a redução de posições de risco residuais. Basicamente, o que fizemos foi adoptar um conjunto de princípios de gestão de risco que procuram garantir o equilíbrio adequado entre risco e retorno.”

Kwanza Directo Plus

Soluções *online* para clientes *corporate* dirigido às empresas e utilizando uma ligação segura SSL e outros meios de segurança, o serviço Kwanza Directo Plus permite aos clientes acelerar os pagamentos – locais e estrangeiros – através da integração da contabilidade ou da gestão da tesouraria numa solução *online* segura. “Este novo serviço da área da banca comercial não deixará de conviver, contudo, com o alto padrão de serviços e produtos bancários que o Banco Kwanza Invest continuará a pôr à disposição dos seus clientes, num ambiente exclusivo de *private banking*, completamente focado na confidencialidade, rigor e modernidade”, sustenta o director executivo do Banco Kwanza Invest.

Conformidade no sector bancário de Angola Win-Win: um procedimento em que todos ganham

O sistema bancário angolano tem à sua disposição todos os instrumentos necessários para a criação de relações *win-win*.

A entrada em vigor da Lei nº 12/2010 de 9 de Julho de 2010 - a Lei de Combate ao Branqueamento de Capitais e Financiamento ao Terrorismo, respeitando e reflectindo as directrizes emitidas pela Financial Action Task Force/Groupe d'Action Financière (FAFT/GAFI) e pelo Acordo emitido pelo Comité de Supervisão Bancária de Basileia, em 2004, conhecido por Basileia II, trouxe ao mercado angolano as bases para uma actividade bancária acima de qualquer suspeita e a salvo de qualquer risco, para além dos inevitáveis e óbvios riscos do mercado.

É neste contexto, que o Banco Kwanza Invest se orgulha de ser a primeira instituição em Angola a implementar integralmente uma função independente de verificação de conformidade nos termos exigidos pela FAFT/GAFI e por Basileia II. A concretização deste importante passo permitiu lançar a operação comercial bancária em Janeiro de 2011 e disponibilizar novos serviços relacionados com transacções bancárias. A implementação destes importantes padrões éticos bancários internacionais fazem toda a diferença na actividade bancária em Angola, sobretudo para uma instituição que baseia a sua actividade na banca de investimento, banca corporativa, finanças corporativas e banca privada.

A conformidade é aferida por um conjunto de procedimentos de gestão e de fiscalização que são adoptados pelos bancos e que asseguram que todas as transacções efectuadas são legais, éticas e do melhor interesse dos clientes. Estes procedimentos permitem prevenir que um banco aceite clientes com riscos legais que possam afectar a sua reputação e, em última análise, a sua continuidade. Por outro lado, o Basileia II, ao determinar as regras de gestão de risco que os bancos estão a adoptar, de forma a conseguirem acompanhar as mudanças que as entidades reguladoras estão a operar, contribui também para prevenir a ocorrência de uma crise bancária internacional, assegurando que cada banco, individualmente, dispõe de níveis de capital suficientes para realizar as actividades que compreendem algum risco.

Banco Kwanza Invest

O seu parceiro de confiança em Angola

Todas as normas e procedimentos adoptados pelo Banco Kwanza Invest têm claros objectivos: contribuir para a promoção do crescimento e desenvolvimento da nação de forma a sustentar e ver crescer a confiança das instituições internacionais em relação à banca angolana e permitir, assim, maiores investimentos nas infra-estruturas, nas indústrias ou em outros sectores da economia. Desta forma é que poderemos receber maiores investimentos estrangeiros, que possibilitarão a redução não só das importações mas também dos níveis de desemprego.

Marcel Krüse
Director Geral Executivo, Banco Kwanza Invest

Standard Bank de Angola À conquista do mercado



Pedro Pinto Coelho,
Presidente da
Comissão Executiva

O Standard Bank de Angola já iniciou as suas operações. Qual o montante e de que forma está repartido o capital social da instituição?

Iniciámos as operações em Setembro de 2010. O capital é 100% do Grupo Standard Bank, mas estamos a finalizar as negociações com vista à entrada de parceiros locais. No entanto, o Standard Bank continuará a deter a maioria do capital.

Como tem evoluído a actividade do banco nesta fase inicial? Quais os segmentos de negócios prioritários?

A actividade tem evoluído muito positivamente. Temos angariado clientes muito bons e conseguido fidelizar esses clientes.

O Standard Bank de Angola é um banco universal, com área de banca de investimento e de retalho. O segmento *corporate* constitui uma prioridade, particularmente as grandes empresas, e muito em especial as do sector petrolífero, muito embora já tenhamos vários clientes de pequena e média dimensão. O Standard Bank é o maior banco em África, sendo considerado o melhor banco africano por diversas instituições. É nossa convicção que os clientes que têm maior preocupação com a qualidade do serviço e com a solidez da instituição financeira que escolhem como parceira preferem trabalhar com o Standard Bank.

Quantas agências esperam abrir a curto e a médio prazo? E quais as vossas previsões de crescimento?

Actualmente, temos duas agências e prevemos abrir mais três até ao final de 2011. A prazo, o nosso objectivo é ter entre a 50 a 60 agências para assegurar a cobertura de Luanda e das restantes províncias. Pretendemos ser um dos principais *players* do mercado angolano e, nesse sentido, prevemos registar um crescimento acelerado das operações, sobretudo durante os primeiros anos de actividade.

Tiveram no passado um escritório de representação em Angola. A opção de avançar com banco de direito local foi uma decisão estratégica?

Abrimos um escritório de representação em 2007, no entanto, tivemos durante muitos anos uma parceria com o grupo português Totta no Totta Standard em Angola. A decisão de avançar com um banco de direito local foi motivada pela importância que o mercado angolano tem no contexto do continente africano e pelo facto de vários clientes do grupo já estarem presentes neste país. Estrategicamente, Angola é hoje um mercado prioritário para o Grupo Standard Bank. O grupo mantém relações privilegiadas com clientes internacionais, em particular do continente africano, mas também dos BRIC, e está numa posição óptima para apoiar estes clientes nos seus investimentos em Angola.

Importa sublinhar ainda que o Grupo Standard Bank está presente nas principais praças financeiras mundiais, o que lhe permite 'apresentar' Angola à comunidade financeira internacional, facilitando-lhe o acesso ao mercado de capitais internacional.

Estratégia a longo prazo não descarta oportunidades imediatas

Como caracteriza o potencial de crescimento do sistema financeiro angolano? E que retrato traça dos seus actuais *players*?

É um sistema que está em constante evolução, o que é positivo para a economia do país. Inclusive, muito já foi alcançado no período pós-guerra.

Angola tem um conjunto significativo de *players* que operam numa concorrência saudável. Acreditamos que os próximos anos vão permitir ao mercado recuperar o atraso em relação a outros países do continente africano, designadamente no que diz respeito à introdução de legislação de produtos financeiros que já são uma realidade noutros mercados.

Crescer rápida e sustentadamente em Angola são os objectivos do último banco a arrancar com as suas operações no país. Por enquanto, o Standard Bank de Angola é detido a 100% pelo grupo sul africano mas correm negociações com vista à entrada de novos parceiros.

Como deverá crescer e evoluir a banca nacional?

A banca em Angola deverá evoluir no sentido de permitir ter instituições financeiras sólidas, bem capitalizadas e com uma qualidade de serviço adequada. A economia angolana tem já muitos clientes exigentes, que exigem do sistema financeiro solidez, capacidade de resposta às suas necessidades e preços competitivos.

De que forma as perspectivas de crescimento da economia angolana alteram a vossa estratégia?

O Standard Bank Angola está preparado para corresponder às perspectivas de forte crescimento da economia angolana. Não obstante o plano estratégico de longo prazo, já delineado, o mesmo pode ser ajustado em função das oportunidades de curto prazo.

Banca angolana tem papel importante no processo de consolidação do sector em África Nos últimos anos habituámo-nos a ver alguns bancos angolanos distinguidos pelas principais publicações internacionais da especialidade. Como caracteriza a banca nacional e a posiciona no contexto africano?

É bom para o mercado angolano que haja esta avaliação e este reconhecimento internacional, desde logo por incentivar as suas instituições financeiras a preocuparem-se em prosseguir uma melhoria contínua das suas operações, dos seus produtos e serviços e, em última análise, dos seus resultados. A banca nacional tem já um peso importante no contexto africano. Várias instituições angolanas surgem em diversos *rankings* entre as principais instituições africanas, o que reflecte a dimensão da economia angolana e permitirá, no futuro, que estas instituições sejam *players* importantes no processo de consolidação do sector financeiro em África.

O Grupo Standard Bank é um dos maiores grupos financeiros do continente africano. De que forma a dimensão e a relação com os diferentes mercados africanos servirão para alavancar a vossa actividade em Angola?

Somos o maior grupo financeiro africano, com uma capitalização bolsista de 22 biliões de USD e presença em 17 países de África, incluindo os vários Estados que fazem fronteira com Angola. Este é um aspecto diferenciador e determinante para o sucesso do Standard Bank em Angola, na medida em que se assiste hoje a um crescente aumento das trocas comerciais entre os países africanos. Também as multinacionais que estão presentes em vários países do continente dão preferência a instituições financeiras que tenham elas próprias uma presença forte em vários Estados em simultâneo.

Maior grupo financeiro em África

O Grupo Standard Bank é o maior grupo financeiro em África, com presença em 17 países, aos quais se somam ainda presenças nos centros financeiros de Nova Iorque, Hong Kong, Londres, São Paulo e Dubai. Paralelamente, o grupo tem uma parceria estratégica com o Industrial and Commercial Bank, da China.

As actividades do Standard Bank assentam em três pilares principais: banca comercial, de investimento e gestão de fortunas. Como parte do recente realinhamento das actividades, foram identificadas oportunidades para alavancar as infra-estruturas existentes e o conhecimento dos países que integram os mercados emergentes.



DAMOS CRÉDITO À ECONOMIA ANGOLANA.

DESDE 11% EM KWANZAS.

O BFA continua a apoiar o crescimento das empresas e o desenvolvimento da economia angolana com o Crédito ao Investimento BFA. O crédito em Kwanzas com a taxa mais baixa do mercado, agora desde 11%.

Para mais informações dirija-se a qualquer Balcão BFA ou consulte www.bfa.ao



N19728312

DUZENTOS KWANZAS



DUZE



BFA

Enqua Macro

A economia mundial continua a atravessar um dos períodos mais complexos da história, dificultando a avaliação de causas e consequências. O ano de 2010 ficou marcado por sucessivos sinais de aceleração e de abrandamento.

No seguimento da crise do *subprime* e das acentuadas quedas nos mercados accionistas que marcaram anos anteriores, a economia mundial continua a atravessar um dos períodos mais complexos da história, dificultando a avaliação de causas e consequências. O ano de 2010 ficou marcado por sucessivos sinais de aceleração e abrandamento. As economias dos países emergentes foram as primeiras a dar sinais de retoma, mas a necessidade de controlar a inflação, as taxas de câmbio e a gestão de questões sociais internas obriga estes países a tomar medidas estruturantes com impactos económicos incertos. Por outro lado, as dificuldades manifestadas pelas economias dos países mais desenvolvidos no controlo dos seus défices públicos originou a denominada crise das dívidas soberanas.

Na Zona Euro, a conjuntura global desfavorável, a desconfiança dos mercados e o forte desequilíbrio orçamental de alguns países levou a que a Grécia, Irlanda e Portugal fossem intervencionados pelo Fundo Monetário Internacional e pela União Europeia. A instabilidade vivida por estes países tem vindo a contagiar outras zonas da Europa, nomeadamente, países como Espanha e Itália, penalizando fortemente as suas condições de financiamento no mercado. Adicionalmente, a descida do *rating* da dívida pública de diversos países da Zona

dramento económico



Euro teve um impacto negativo directo nas condições de financiamento dos bancos europeus, nos seus requisitos mínimos de capital e, consequentemente, na sua capacidade de financiamento da economia.

A redução do défice orçamental foi identificada como o principal objectivo para 2011, em particular nas economias mais desenvolvidas, levando à redução do investimento público e à incerteza sobre a capacidade de retoma a curto prazo. São vários os países que continuam a enfrentar dificuldades. Nos Estados Unidos o aumento do défice público durante o primeiro semestre de 2011 levou à inédita descida do *rating* do país por uma das agências de *rating* norte-americanas. O impacto da crise das dívidas soberanas é tão vasto que o paradigma subjacente à avaliação do risco dos países e das empresas tem sido duramente criticado. Neste sentido, e colocando em causa a qualidade das avaliações efectuadas pelas agências de *rating* norte-americanas, o Banco Central Europeu tomou medidas extraordinárias passando a ignorar o *rating* dos colaterais de títulos de dívida pública dados pelos bancos da Zona Euro na obtenção de financiamento.

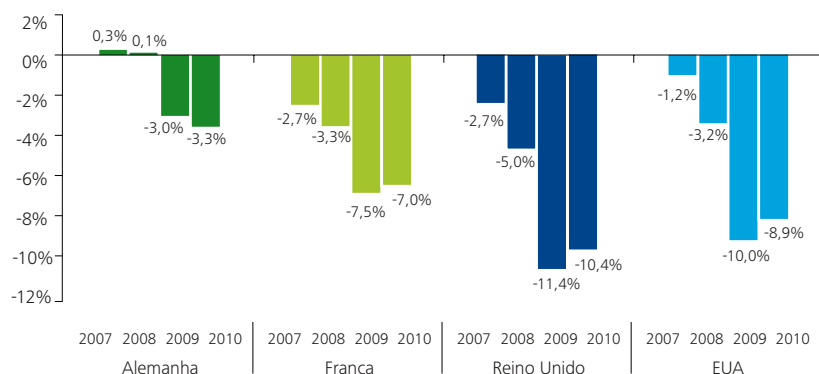
Adicionalmente, a agência de *rating* chinesa Dagong tem vindo a ganhar relevância e a Zona Euro tem como projecto criar uma agência de *rating* europeia.

Tal como no caso Europeu, também o governo dos EUA viu a sua actuação condicionada pela crise das dívidas soberanas, especialmente devido ao elevado valor da dívida pública e do seu défice externo. Estes factores reduzem a capacidade de implementação de programas de estímulo à economia, condicionando a retoma e com impactos significativos nos indicadores de confiança dos consumidores.

No entanto, 2010 foi o ano de regresso ao crescimento para a economia mundial, marcado pela moderada evolução económica dos Estados Unidos da América, da generalidade das economias emergentes e dos países exportadores de petróleo. Adicionalmente, verificou-se um aumento dos fluxos de comércio internacional. Os países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), apesar do impacto da crise, apresentaram taxas de crescimentos do PIB superiores a 15% em 2010 e, segundo as previsões do Fundo Monetário Internacional, terão crescimentos superiores a 10% em 2011. No caso da China, a crise europeia e norte-americana foi aproveitada para efectuar aquisições de diversas empresas e para reforçar o papel de financiador de dívida pública de diversos países, factores que poderão ter impacto a médio e longo prazo na importância deste país para a economia mundial.

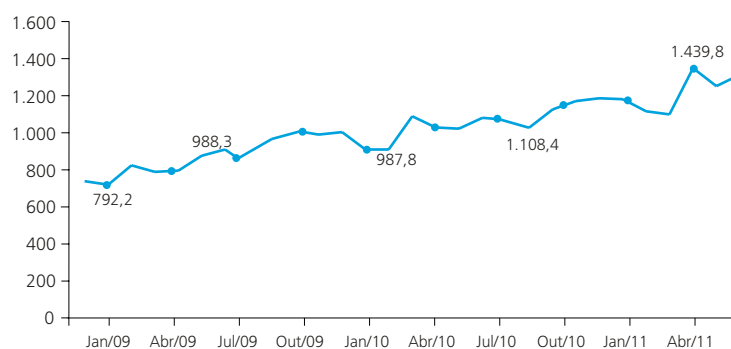
No primeiro semestre de 2011 a economia mundial continuou a crescer. Existe, no entanto, uma grande incerteza sobre a sustentabilidade deste crescimento nas principais economias mundiais, continuando a deixar os observadores atentos à evolução de um conjunto de factores. O risco de contágio na Zona Euro e a eventual necessidade de resgate de mais países europeus pode ter impactos políticos e económicos determinantes. A evolução dos conflitos no Norte de África e no Médio Oriente estão também no centro da análise política internacional e condicionam a evolução do ciclo económico. A tendência crescente mas instável do preço do petróleo deverá manter-se enquanto o futuro desta região permanecer incerto. Por outro lado, a capacidade de resposta do Japão ao desastre natural de Março de 2011 e a consequente crise energética no país vão marcar o desenvolvimento da região da Ásia e do Pacífico.

Défice Público - Percentagem do PIB (2007-2010)



Fonte: Governo Federal dos EUA, Eurostat

Exportações Mundiais (2009-2011 YTD)



Unidade: Mil milhões de USD

Fonte: Organização Mundial do Comércio

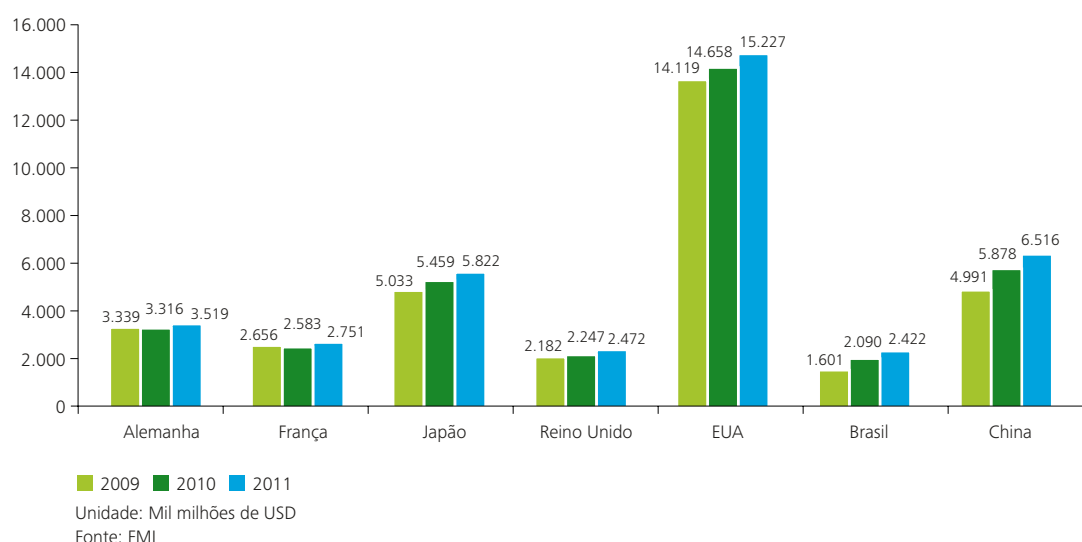
Principais Indicadores Macroeconómicos

Produto Interno Bruto

Analisando as principais economias mundiais observa-se que a crise das dívidas soberanas na Zona Euro teve como impacto a contracção do PIB durante 2010. Nas restantes economias, e apesar do contexto global de incerteza, verificou-se uma evolução positiva do PIB em 2010 e estima-se que este continue a crescer em 2011. Importa salientar que a China passou a ser a segunda economia mundial, tendo ultrapassado o Japão em 2010.

De acordo com as estimativas do Fundo Monetário Internacional, é esperado que o crescimento do PIB mundial se acentue até 2016, alavancado no desenvolvimento das economias emergentes.

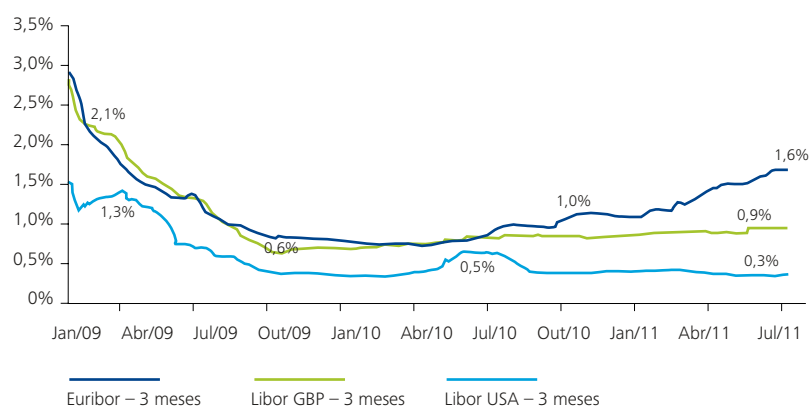
Valores do PIB (2009-2011)



Taxas de Juro

Durante o ano de 2010 verificou-se uma inversão da tendência de descida das taxas de juro europeias. Esta tendência acentuou-se em 2011 com o crescimento acentuado da taxa de referência do Euro. Por outro lado, as taxas de juro do Dólar Americano permanecem desde há dois anos em níveis mínimos, em consequência da actual política monetária americana.

Taxas de Juro (2009-2011 YTD)



Mercados Accionistas

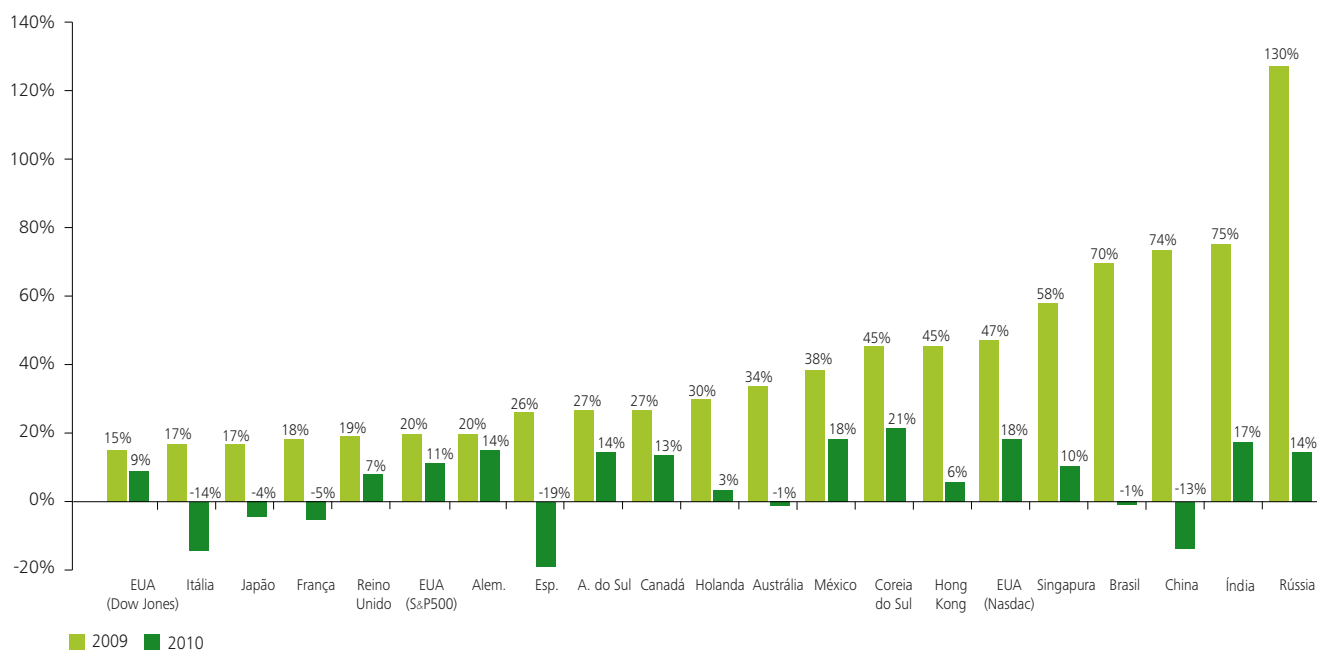
Após as quedas acentuadas dos índices bolsistas observadas em 2008, os ganhos em 2009 foram vistos como um prenúncio da retoma económica.

Em 2010 os resultados das bolsas de valores foram na sua maioria positivos, apesar de substancialmente inferiores aos do ano anterior.

No início de 2011 os principais índices de referência começaram a acumular perdas, com maior intensidade a partir do fim do primeiro semestre.

É expectável que esta evolução se venha a manter, principalmente devido ao impacto que os défices públicos excessivos terão na economia real, como consequência da partilha de esforços entre os estados e as entidades privadas nos ajustamentos necessários. No entanto, os comportamentos não são uniformes entre as economias mais desenvolvidas e os países emergentes, com relações económicas cruzadas a dificultar a análise previsional.

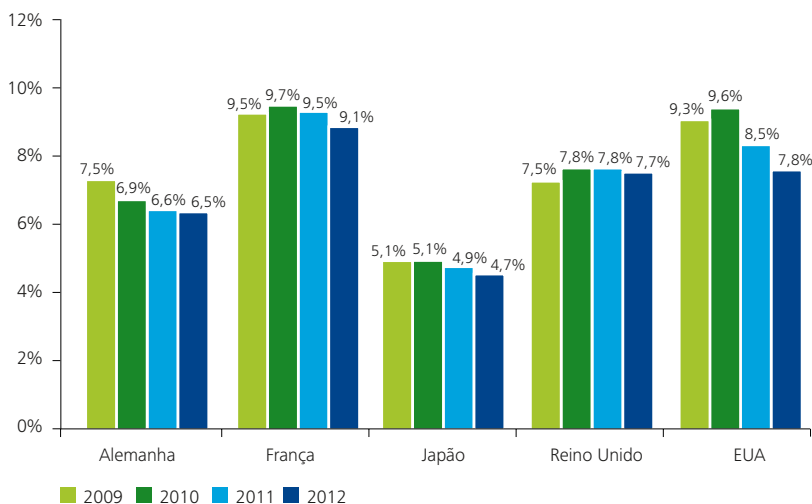
Evolução dos índices bolsistas (2009-2010)



Taxa de Desemprego

Segundo as estimativas do Fundo Monetário Internacional, a taxa de desemprego nas maiores economias mundiais atingiu o seu valor máximo em 2009 e 2010. Para 2011 e 2012, este organismo prevê uma redução, como consequência do relançamento destas economias e da respectiva criação de empregos. Alguns analistas defendem que esta redução poderá não se observar devido a um desempenho pior que o esperado em algumas das principais economias. Este efeito já foi observado durante o primeiro semestre de 2011 em que, devido ao agravamento das condições económicas, as previsões para o desemprego de alguns países foram revistas em alta.

Taxa de desemprego (2009-2012) - Percentagem de população activa

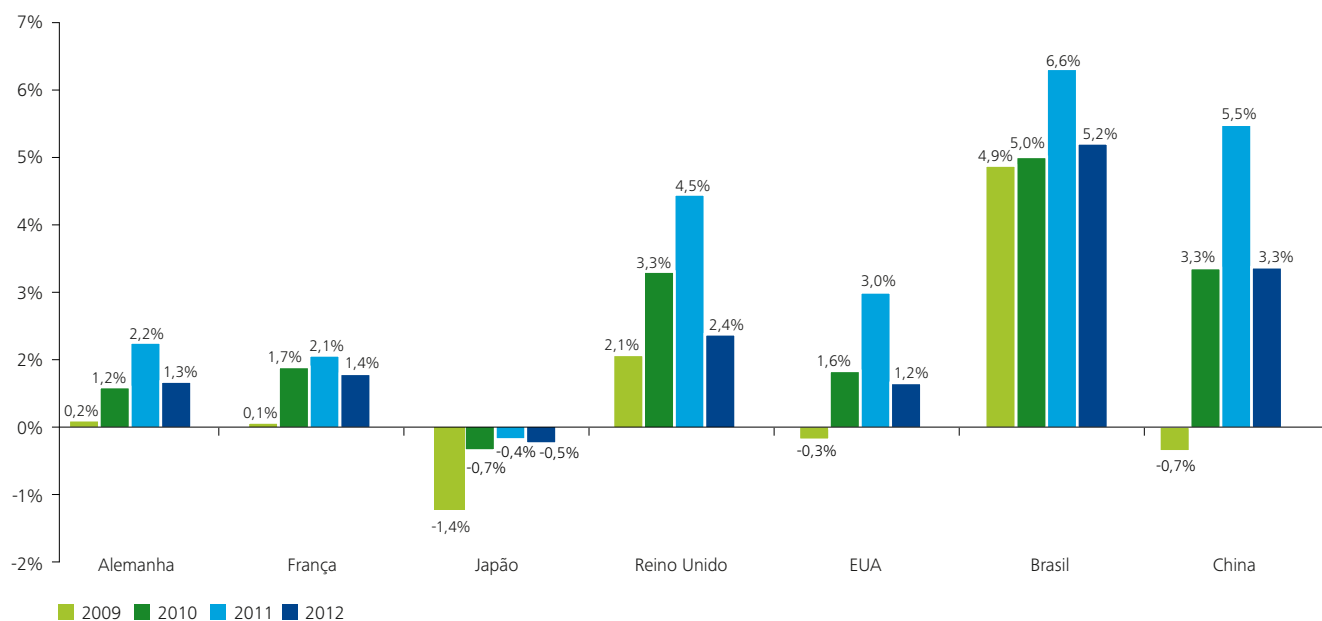


Taxa de Inflação

Tal como previsto no ano anterior, a inflação das principais economias mundiais atingiu um mínimo no ano de 2009, tendo em 2010 sido observado

um crescimento, que se prevê que se mantenha durante 2011. A previsão do FMI para 2012 é de redução da taxa de inflação.

Taxa de Inflação (2009-2012)



Petróleo

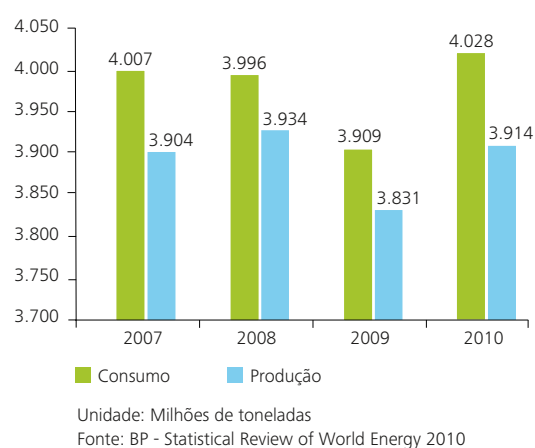
A flutuação dos preços de referência do petróleo apresenta uma tendência de crescimento desde o valor mínimo em Janeiro de 2009. Em 2011 o barril de Brent ultrapassou os 120 USD, estando este crescimento associado à volatilidade dos mercados de capitais, a conflitos regionais no Norte de África e no Médio Oriente e à depreciação do Dólar face ao Euro durante 2010 e 2011.

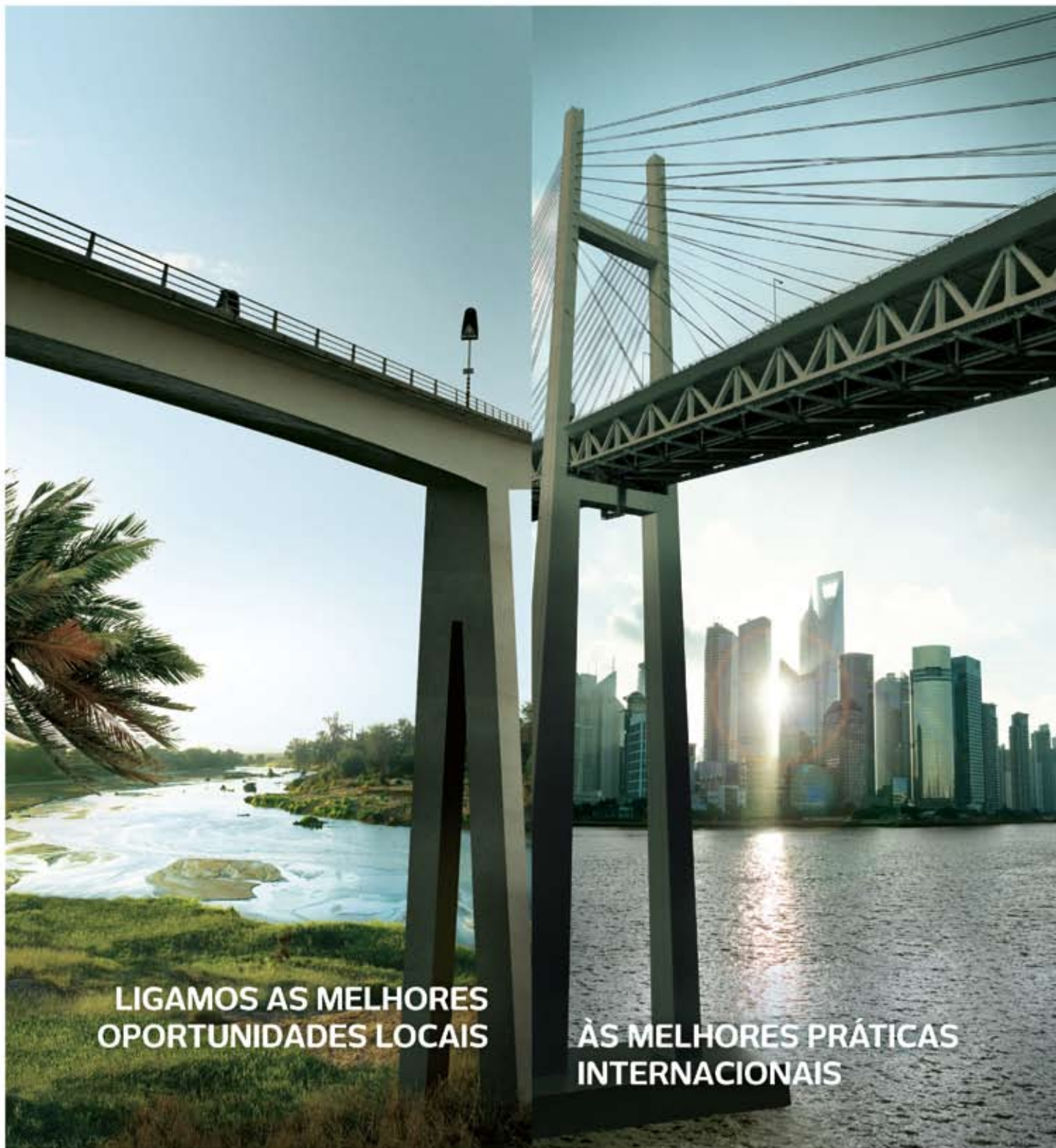
O aumento do preço do petróleo é ainda explicado pelo facto de o aumento do consumo em 2010 (+3,0%), não ter sido acompanhado pelo aumento da produção (+2,2%). O aumento do consumo entre 2009 e 2010 foi especialmente acentuado nos países emergentes: Brasil (+9,3%), Rússia (+9,2%), Arábia Saudita (+7,1%) e China (+10,4%).

Preço do Petróleo (2008-2011 YTD)



Consumo vs Produção de petróleo (2007-2010)





**LIGAMOS AS MELHORES
OPORTUNIDADES LOCAIS**

**ÀS MELHORES PRÁTICAS
INTERNACIONAIS**

E se existisse um banco angolano que fizesse a ponte entre as mais atractivas oportunidades de negócio em Angola e os mais elevados padrões internacionais de trabalho?

Esse banco existe: é o Kwanza Investimento. Graças a um conhecimento profundo do que se passa a nível local, o Kwanza Investimento



proporciona-lhe possibilidades de investimento únicas no mercado angolano. Além disso, os nossos serviços cumprem todas as normas internacionais no que diz respeito ao rigor, à transparência e competência. Somos o banco local que pensa global. E isso faz toda a diferença quando se procura um parceiro de confiança em Angola.

O seu parceiro de confiança.

A economia angolana

De acordo com o OGE para 2011, a economia terá crescido 4,5% em termos reais em 2010. O crescimento económico tem sido acompanhado pela estabilidade e pelo controlo das contas públicas.

Introdução

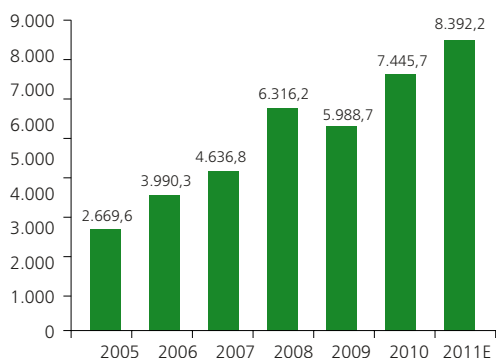
Ao longo do ano de 2009, a generalidade dos países Africanos sofreu impactos negativos influenciados pela crise financeira internacional. Devido à sua característica de país exportador de petróleo, Angola foi dos países mais afectados, mas também dos que mais depressa ultrapassou a crise. O processo de aceleração da economia angolana iniciou-se a partir do segundo trimestre de 2009 e manteve-se ao longo do ano de 2010, acompanhando a recuperação da procura mundial pelo petróleo e a subida do preço no mercado internacional.

Os acordos com o FMI impulsionaram o processo de estabilização da economia ao longo do ano de 2010, nomeadamente no que diz respeito ao equilíbrio das contas públicas. Para este fim contribuíram a recuperação do saldo orçamental dos sectores não petrolíferos e a implementação de uma política monetária que permitiu, acompanhando a evolução positiva do mercado petrolífero, recuperar o nível das reservas internacionais.

Foi ao longo do segundo semestre de 2010 que o Estado iniciou o processo de regularização das dívidas ao sector privado nacional e estrangeiro. Este processo teve impactos na dinamização da economia interna, nomeadamente nos sectores não petrolíferos e no aumento do grau de confiança dos agentes económicos.

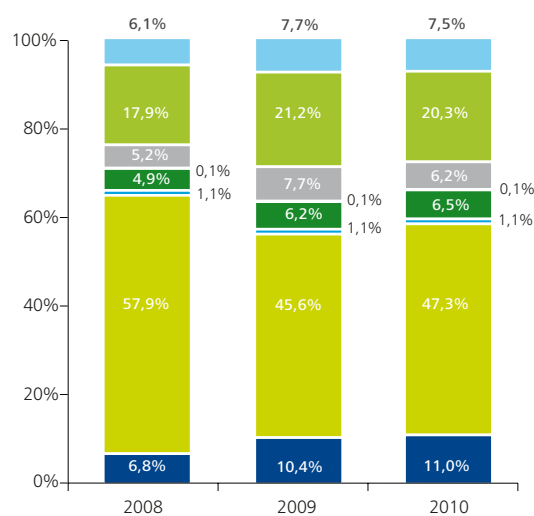


Evolução do PIB nominal de Angola (2005-2011E)



Unidade: Mil milhões de AKZ; Preços correntes
Fonte: Orçamento Geral do Estado 2011

Segmentação do PIB de Angola (2008-2010)



- Outros
- Serviços Mercantis
- Construção
- Energia Eléctrica
- Indústria Transformadora
- Diamantes e Outras Extractivas
- Petróleo Bruto e Gás
- Agricultura e Pecuária

Fonte: Orçamento Geral do Estado 2011

Principais Indicadores Macroeconómicos

Produto Interno Bruto

De acordo com o Orçamento Geral do Estado para 2011 a economia terá crescido 4,5% em termos reais em 2010. Apesar do processo de recuperação económica ter sido fortemente influenciado pela recuperação do sector petrolífero, nomeadamente pela sustentação do preço do barril acima dos 70 USD ao longo do ano de 2010, continuou a assistir-se à dinamização dos outros sectores da economia.

Estima-se que em 2010 a indústria petrolífera angolana tenha registado uma recuperação de 2,7%.

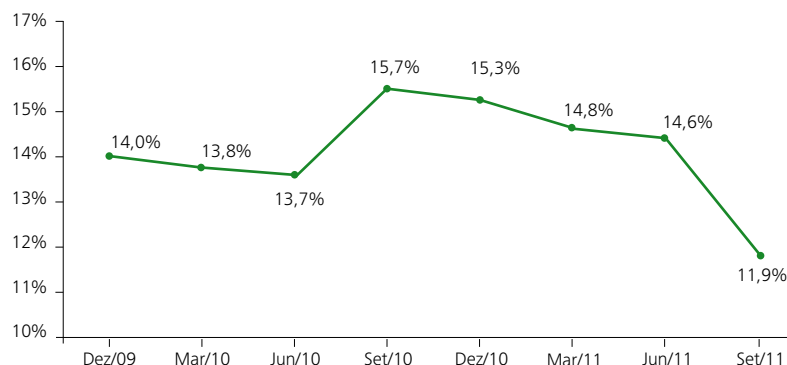
Por seu lado, o sector não petrolífero cresceu em 2010 cerca de 5,7%. Este valor representa um desaceleração face a 2009, fruto do desinvestimento no âmbito da política de contenção fiscal e do impacto das dívidas do Estado às empresas privadas. No entanto, é um crescimento significativo e o sector deverá nos próximos anos continuar a afirmar-se como motor de crescimento económico.

Taxa de Inflação

O crescimento económico do país tem sido acompanhado pela estabilização económica e pelo controlo das contas públicas. A política económica levada a cabo promoveu a desaceleração da inflação e a estabilização do mercado cambial nacional ao longo dos últimos anos. Apesar dos esforços das autoridades ao nível do controlo da inflação, esta quebrou no segundo semestre de 2010 o seu ciclo de desaceleração fixando-se no final do ano em 15,3%. A apreciação do Dólar Americano face ao Kwanza e os problemas estruturais, nomeadamente a dependência das importações para alimentar o mercado interno, continuam a prejudicar consideravelmente o índice de preços do consumidor.

Já durante o ano de 2011, observou-se uma diminuição deste indicador, situando-se nos 11,9% no mês de Setembro, o que demonstra a eficiência das políticas de controlo deste indicador macro-económico que têm vindo a ser implementadas.

Taxa de Inflação Homóloga (2009-2011)

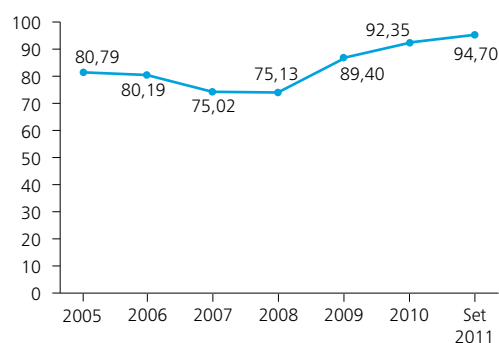


Fonte: Ministério das Finanças

Taxa de Câmbio

No início do ano de 2010, o Kwanza continuou a tendência de depreciação face ao Dólar Americano. A partir do segundo semestre de 2010, registou-se uma estabilização da taxa de câmbio, fruto da política de estabilização cambial do BNA e do impacto favorável decorrente do aumento das receitas fiscais do sector petrolífero e das reservas internacionais líquidas. Por outro lado, ao longo de 2011 verificou-se uma ligeira tendência de desvalorização do Kwanza face ao Dólar, tendo-se registado uma cotação de 94,7 para a taxa de referência do BNA de 30 de Setembro.

Taxa de Câmbio Média USD-AKZ (2005-2010)



Fonte: Estatísticas do BNA

Crédito à Economia

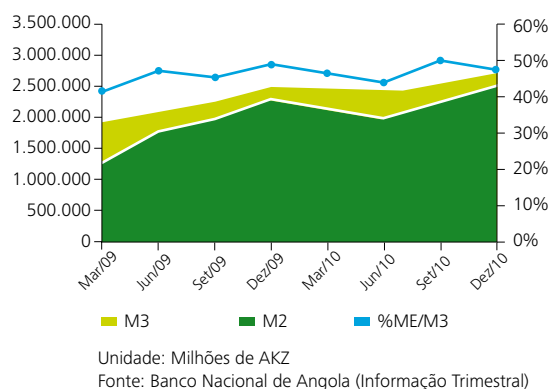
O crédito à economia cresceu cerca de 73%, passando de AKZ 770 mil milhões em 2009 para AKZ 1.335 mil milhões em 2010. Os sectores que mais recorreram ao crédito foram o Comércio, a Indústria de Transformação e os Serviços.

Tal como nos anos anteriores, a Agricultura, Pescas e Pecuária é um dos sectores com menos crédito concedido, representando apenas 2,7% do total, enquanto o seu peso no PIB atinge já cerca de 11%.

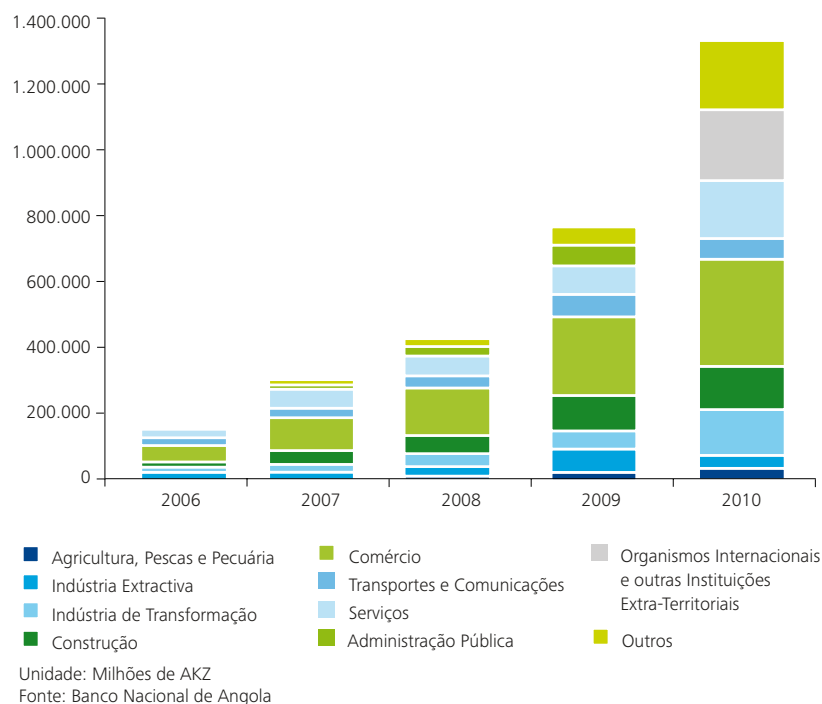
Massa Monetária¹

O crescimento da Massa Monetária manteve-se durante o ano de 2010, variando o M3 cerca de 7,7% e o M2 cerca de 13,2%. Por sua vez, verificou-se uma diminuição de cerca de 2,29 pontos percentuais do peso da moeda estrangeira no M3.

Evolução da Massa Monetária



Crédito à Economia por Sector de Actividade



¹ A Massa Monetária é composta pelo M1, M2 e o M3:

M1 (Moeda): compreende as notas e moedas em poder do público mais os depósitos à ordem de empresas, de particulares e do Governo Local, em moeda nacional e moeda estrangeira;

M2 (Moeda + Quase Moeda): M1 + os depósitos a prazo das empresas e de particulares, em moedas nacional e estrangeira, mais outras obrigações em moeda estrangeira de empresas e particulares;

M3 (Meios de Pagamento): M2 + os "Outros Instrumentos Financeiros" representados pelos Títulos do Banco Central em poder de entidades privadas, mais os Empréstimos e Acordos de Recompra quer em moeda nacional quer em moeda estrangeira, dos particulares e das empresas não financeiras privadas.

%ME/M3: Representa a percentagem de moeda estrangeira no total de meios de pagamento.

Perspectivas para 2011

Analisando o quadro macroeconómico definido pelo governo de Angola para efeitos de elaboração do Orçamento Geral do Estado de 2011, pode verificar-se que as perspectivas eram de sustentação e consolidação do crescimento. De acordo com as estimativas apresentadas esperava-se que o PIB nacional crescesse cerca de 7,6% em 2011, sustentado num crescimento de 2,3% para a produção petrolífera e de 11,2% dos sectores não petrolíferos.

No entanto, ao longo do ano de 2011 tem-se observado que a instabilidade da economia mundial e a incerteza quanto à recuperação têm gerado volatilidade no mercado petrolífero. Pelas suas características, o comportamento da economia angolana não é indiferente a este facto. As projecções revistas no final do primeiro trimestre de 2011 apontam para uma taxa de crescimento do Produto Interno Bruto de 3,6%. O desempenho revisto deve-se ao facto da produção petrolífera registar um decréscimo de cerca de 3,1%, assim como uma taxa de crescimento do sector não petrolífero de 7,7%. Este valor, apesar de inferior aos 11,2% inicialmente projectados, demonstra dinamismo e capacidade de sustentar crescimento num contexto económico desfavorável.

Dados gerais da economia de Angola (2010-2011)

	2010	OGE 2011	Proj. 2011
PIB nominal a preços correntes de mercado (mil milhões de Kz)	7.445,70	8.392,20	9.186,90
Taxa de crescimento real da economia (preços do ano anterior, i.e. descontado da inflação)	4,5%	7,6%	3,6%
Sector petrolífero	2,7%	2,3%	-3,1%
Sectores não petrolíferos	5,7%	11,2%	7,7%
Inflação anual global	13,0%	12,0%	12,0%
Produção petrolífera anual (milhões de barris)	695,7	693,9	620,5
Preço médio fiscal do petróleo bruto (USD)	65,3	68,0	95,4

Fonte: Relatório de fundamentação do pedido de autorização de créditos adicionais ao Orçamento de Estado de 2011 (Maio de 2011)

Em Julho de 2011 a taxa de inflação homóloga fixava-se em 14,1%¹, situando-se abaixo da previsão do FMI para este ano (15%). No entanto, esta taxa está acima dos valores previstos quer no Orçamento de Estado quer nas novas projecções do Governo no final do primeiro trimestre deste ano (12%). Em Setembro de 2011 este indicador registava valores aproximados das estimativas do Governo, situando-se nos 11,9%.

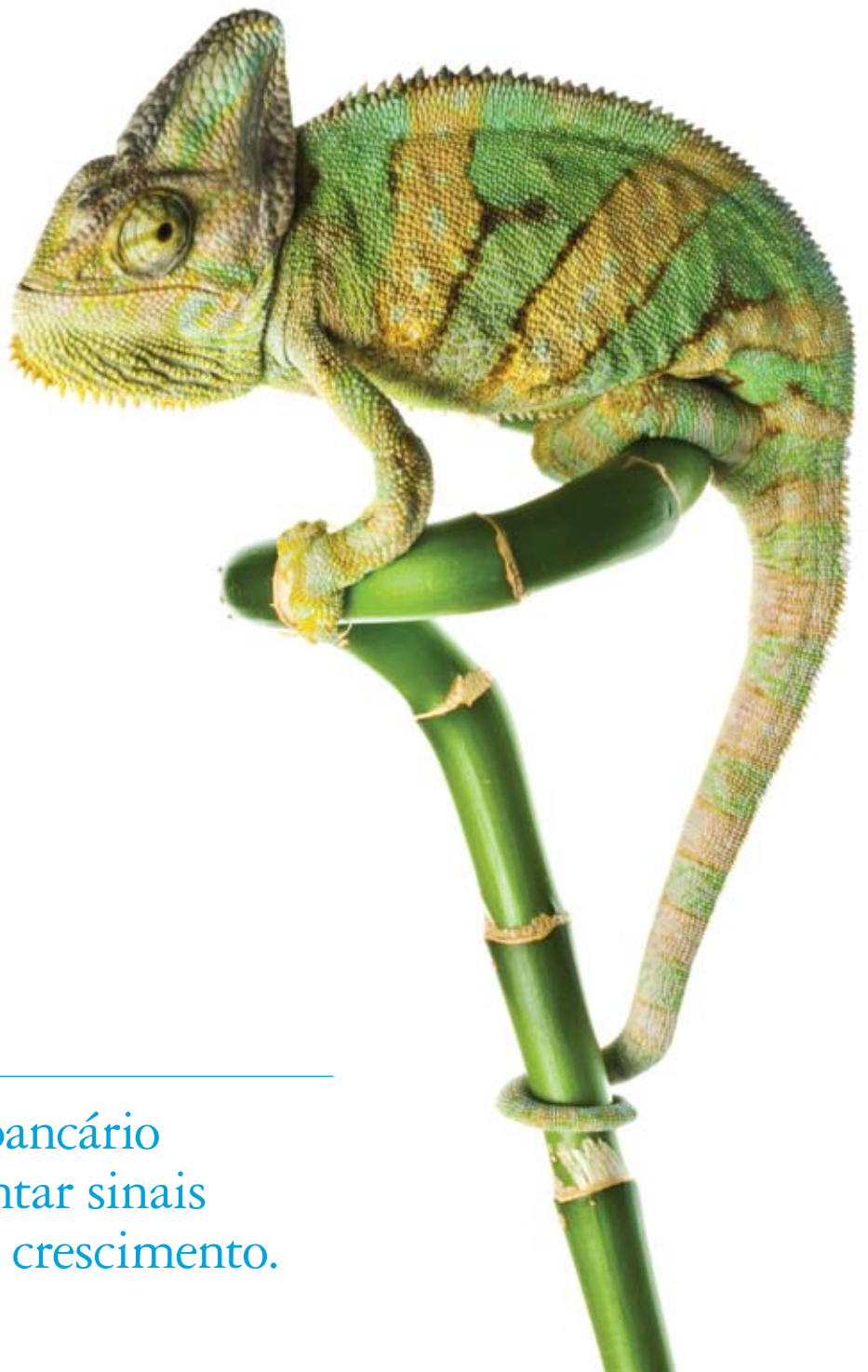
No início do mês de Agosto de 2011, registou-se uma diminuição dos preços do petróleo, invertendo-se a tendência de valorização desta *commodity* desenhada desde meados de 2010. Não obstante, no *World Economic Outlook* de Setembro de 2011, o FMI aponta para um cenário de aumento da procura de petróleo nos próximos dois anos, traduzindo-se num maior crescimento das economias dos países africanos exportadores de petróleo.

Deste modo, enquanto o FMI prevê para África um crescimento de 5,2% em 2011 e de 5,8% em 2012, para a média dos países exportadores de petróleo, o crescimento deverá ser superior, 6,0% e 7,2%, respectivamente. De acordo com as estimativas do FMI, Angola compara favoravelmente com os restantes países exportadores de petróleo, estimando-se taxas de crescimento de 3,8% para 2011 e de 10,8% em 2012, devendo continuar a reflectir também um desempenho positivo do sector não petrolífero.

¹ Fonte: Ministério das Finanças

Estudo

Banca *em Análise*



Em 2010 o sector bancário
continuou a apresentar sinais
de dinamismo e de crescimento.

Bases de Preparação do Estudo

A análise do sector resulta da compilação da informação pública disponibilizada pelos bancos que actuam no mercado e pelo Banco Nacional de Angola (BNA).

Para comparação, foram ainda recolhidos alguns dados referentes a outros mercados, nomeadamente o português, brasileiro, sul-africano e norte americano. Os valores agregados do sistema, salvo quando expressamente mencionado, resultam do somatório dos valores de todos os bancos considerados no estudo. Este inclui os bancos a operar em Angola durante o ano de 2010, com a excepção do Standard Bank e do Banco Valor. As contas do BCI apresentadas nesta edição são provisórias.

Devido às alterações relativas aos requisitos do reporte financeiro, as demonstrações financeiras de 2010 e de 2009 são apresentadas de acordo com o novo normativo CONTIF.

Os bancos a operar em Angola em 2010 eram os constantes na tabela ao lado.

Bancos em Angola em 2010

Sigla	Nome	Ano de início de actividade
BPC	Banco de Poupança e Crédito	1976
BCI	Banco de Comércio e Indústria	1991
BCGTA	Banco Caixa Geral Totta Angola	1993
BFA	Banco de Fomento Angola	1993
BMA	Banco Millennium Angola	1993
BAI	Banco Africano de Investimentos	1997
BCA	Banco Comercial Angolano	1999
SOL	Banco Sol	2001
BESA	Banco Espírito Santo Angola	2002
BRK	Banco Regional do Keve	2003
BMF	Banco BAI Micro Finanças	2004
BIC	Banco BIC	2005
BNI	Banco de Negócios Internacional	2006
BPA	Banco Privado Atlântico	2006
BDA	Banco de Desenvolvimento de Angola	2006
BANC	Banco Angolano de Negócios e Comércio	2007
VTB	VTB Africa	2007
FNB	Finibanco Angola	2008
BQC	Banco Quantum Capital ¹	2008
BCH	Banco Comercial do Huambo	2010
SBA	Standard Bank	2010
BVB	Banco Valor	2010

¹ Em 2011 passou a denominar-se Banco Kwanza Invest



Introdução

Em 2010 o sector bancário angolano continuou a apresentar sinais de dinamismo e crescimento. Os principais agregados de depósitos e crédito voltaram a registar crescimentos significativos, embora a um ritmo mais moderado do que em anos anteriores, fixando-se no final de 2010 em 2.665 mil milhões de AKZ e 2.571 mil milhões de AKZ¹, respectivamente.

O desenvolvimento do sector fez-se num contexto económico complexo, conforme referido anteriormente. Também no que diz respeito à regulação do sector, os bancos a operar em Angola tiveram que se adaptar a novas exigências e alterações significativas. As regras introduzidas em 2010 e 2011 vão no sentido de preparar o mercado financeiro angolano para a globalização e para o cumprimento de requisitos internacionais para o sector.

Após o período de implementação e adaptação, o ano de 2010 é o primeiro ano em que as demonstrações financeiras foram divulgadas de acordo com os princípios contabilísticos estabelecidos no Plano de Contas das Instituições Financeiras (CONTIF), que representam uma aproximação aos princípios e procedimentos estabelecidos nas normas internacionais de contabilidade (IFRS – *International Financial Reporting Standards*) emitidas pelo *International Accounting Standards Board* (IASB).

O novo normativo veio introduzir um conjunto de alterações quer ao nível de regras contabilísticas, quer ao nível de reporte financeiro, no sentido de uniformizar e sistematizar os procedimentos e critérios de registo contabilístico, estabelecer regras para divulgação

de informação, racionalizar e uniformizar o relato financeiro, de modo a possibilitar o acompanhamento do sistema financeiro, particularmente no que se refere à análise e controlo da evolução da actividade das instituições sob supervisão do Banco Nacional de Angola (BNA).

Relativamente à política monetária, em 2010 o BNA alterou o método de cálculo e os coeficientes das reservas obrigatórias, passando a considerar-se a moeda de captação, de acordo com um coeficiente de 25% para a moeda nacional e de 15% para a moeda estrangeira. Já no ano de 2011 o coeficiente das reservas mínimas obrigatórias para a moeda nacional foi reduzido para 20%. Por sua vez, registou-se uma redução da taxa de redesconto de 30% para 25% em 2010, a qual já durante 2011 voltou a registar uma redução para 20%.

No que diz respeito à política cambial, o BNA definiu como limite de exposição em moeda estrangeira um máximo de 20% dos Fundos Próprios Regulamentares (FPR), o qual deverá ser cumprido gradualmente durante um período de transição até Junho de 2012. Já em 2011, e para efeitos de apuramento dos activos ponderados pelo risco, as operações de crédito denominadas em moeda estrangeira passaram a ser ponderadas em 130%.

Estas alterações na regulamentação do sector inserem-se nos objectivos do banco central para promover a recomposição das reservas internacionais, o fortalecimento da moeda e, simultaneamente, estimular a actividade económica através de investimento privado e da concessão de crédito em moeda nacional.

¹ Fonte: Agregados Monetários de Depósitos e Crédito do BNA

Os principais agregados dos depósitos e do crédito registam crescimentos significativos, fixando-se no final de 2010 em 2.665 mil milhões de AKZ e 2.571 mil milhões de AKZ, respectivamente.

Meios Electrónicos de Pagamento

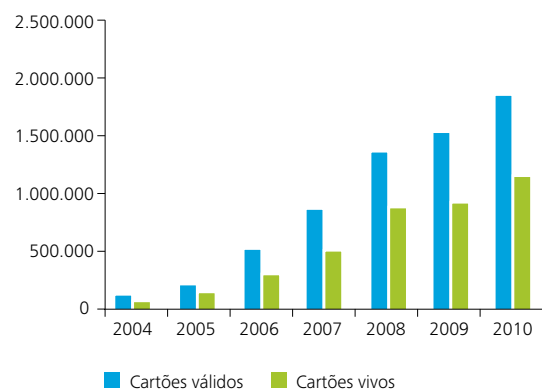
Os meios de pagamento eletrónicos continuam a registar um forte crescimento no mercado nacional. O número de cartões de crédito e débito vivos (com pelo menos uma utilização) aumentou cerca de 25% em 2010, tal como os cartões válidos que registaram um crescimento de 21%.

No que se refere à rede de terminais, o número de Caixas Automáticas (ATM) e Terminais de Pagamento Automático (TPA) registaram um crescimento de 30% e 60%, respectivamente. O número de ATM aumentou para 1.289 em 2010, comparativamente a 995 em 2009, e o número de TPA cresceu para 12.140 terminais em 2010 face a 7.587 em 2009.

Adicionalmente, o número de transacções em 2010 cresceu cerca de 48% face a 2009, registando-se um aumento de 47% nas transacções realizadas em ATM e de 68% nas efectuadas em TPA. Assim, verifica-se que a evolução do número de TPA foi acompanhada pelo aumento do volume de transacções, o que resulta de uma maior abertura por parte dos agentes económicos a este meio de pagamento.

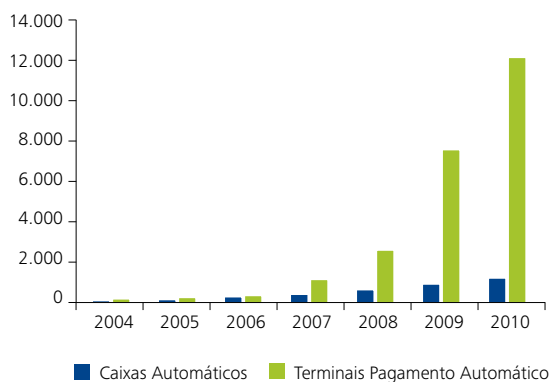


Cartões de Crédito e Débito



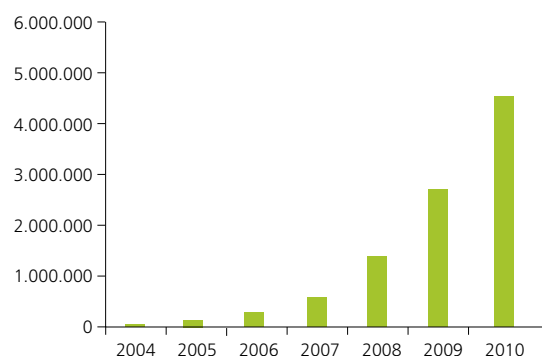
Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Rede de Terminais



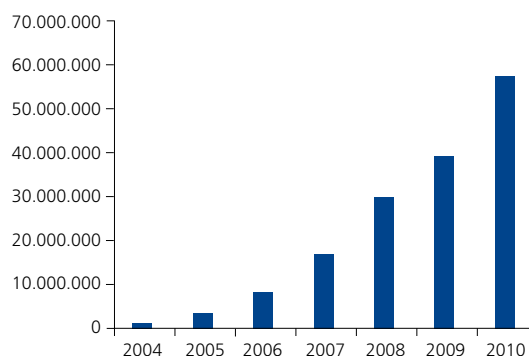
Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Transacções em TPA



Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Transacções em ATM



Fonte: Empresa Interbancária de Serviços

Estrutura de Activos Consolidada

Em 2010, o volume de activos agregado dos bancos angolanos cresceu cerca de 20%, não se verificando grandes alterações ao nível da estrutura da sua composição.

O peso do crédito sobre clientes na estrutura global de activos decresceu ligeiramente, de 38% para 37%, uma percentagem semelhante à do Brasil mas ainda distante de mercados mais maduros.

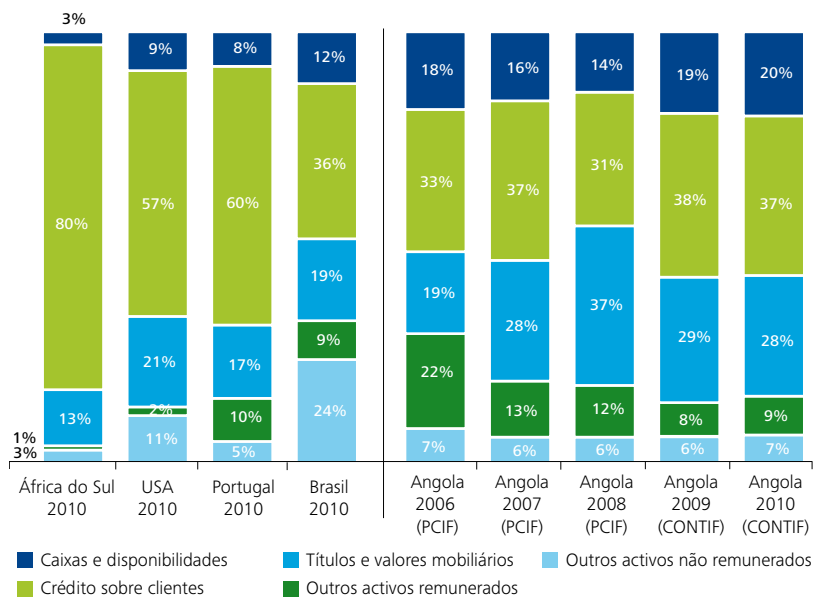
Relativamente às restantes componentes, interessa destacar um ligeiro aumento do peso dos outros activos remunerados.

Em conclusão, não há alterações significativas na estrutura de activos entre 2009 e 2010, apesar do crescimento significativo da base, o que mostra estabilidade no sector.

Na estrutura de financiamento do activo verificou-se uma diminuição do peso dos depósitos de clientes, de 67% para 64% em contrapartida do aumento do peso dos outros passivos, de 23% para 25%.

No que respeita à componente de fundos próprios o respectivo peso na estrutura de *funding* manteve a tendência de aumento, tendo passado de 10% para 11% entre 2009 e 2010.

Estrutura de Activos

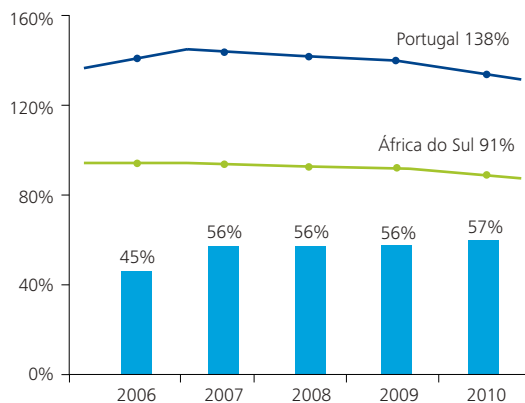


Fonte: Bancos Nacionais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

Crédito Líquido Sobre Depósitos

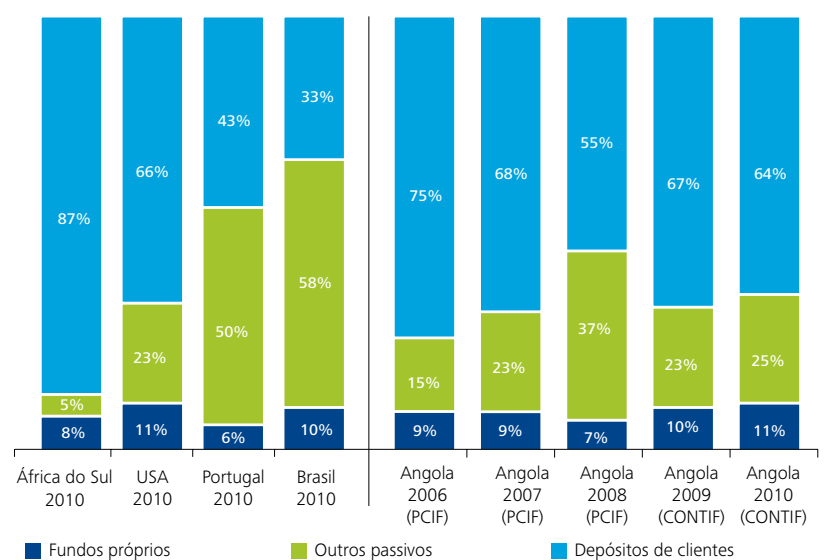
O ano de 2010 foi mais uma vez marcado pelo crescimento do crédito líquido sobre clientes, tendo sido este crescimento superior ao registado no volume de depósitos captados, o que justifica o ligeiro aumento do rácio de transformação de 56% para 57%.

Crédito Líquido Sobre Depósitos



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos; Bancos Nacionais

Estrutura de Funding



Fonte: Bancos Nacionais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

Nota: O rácio de transformação para os anos de 2006 a 2008 foi calculado com base nas demonstrações financeiras no plano de contas PCIF. Para os anos de 2009 e 2010, o indicador foi calculado com base nas demonstrações financeiras de acordo com o plano de contas CONTIF.

Ranking Total de Activos

2010			2009		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	18,9%	1	BAI	21,5%
2	BESA	17,8%	2	BESA	16,7%
3	BPC	16,4%	3	BFA	15,3%
4	BFA	14,5%	4	BPC	13,4%
5	BIC	11,0%	5	BIC	11,1%
6	BPA	4,4%	6	BPA	4,0%
7	BMA	3,0%	7	BNI	3,1%
8	SOL	2,9%	8	SOL	3,0%
9	BNI	2,7%	9	BMA	2,8%
10	BCGTA	2,3%	10	BDA	2,4%
11	BDA	2,0%	11	BCI	2,2%
12	BCI	1,6%	12	BCGTA	2,0%
13	BRK	1,1%	13	BRK	1,1%
14	BCA	0,6%	14	BCA	0,6%
15	FNB	0,4%	15	FNB	0,3%
16	BANC	0,3%	16	BANC	0,3%
17	BMF	0,1%	17	BMF	0,1%
18	VTB	0,1%	18	VTB	0,1%
19	BQC	0,03%	19	BQC	0,02%
20	BCH	0,02%			

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Total de Activos

O valor total dos activos das instituições financeiras em 2010 fixou-se em 4.112 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 20% face a 2009. A posição relativa entre os cinco maiores bancos manteve-se praticamente inalterada face ao ano anterior. O BAI é o banco com a maior representação neste indicador, 18,9%, seguindo-se o BESA com 17,8%. Os cinco maiores bancos representam 78,6% do total do sector (78,0% em 2009).

Depósitos de Clientes

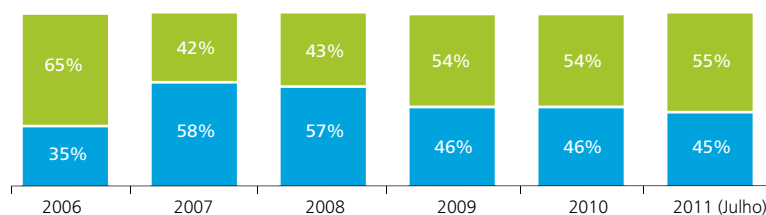
Visão Agregada

O valor total dos depósitos de clientes no sector bancário angolano em 2010 foi de 2.623 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 14% face a 2009.

A estrutura de depósitos por moeda manteve-se inalterada no ano de 2010. De acordo com informação do BNA, em Dezembro de 2010 permanece a preferência por depósitos em moeda estrangeira, com 54% do valor total de depósitos de clientes, enquanto a moeda nacional representa 46%, não se verificando alterações relevantes até Julho de 2011. No que se refere à composição dos depósitos de clientes por natureza, o valor dos depósitos à ordem situa-se acima dos 1.608 mil milhões de AKZ, enquanto os depósitos a prazo ultrapassam os 1.014 mil milhões de AKZ. Devido à evolução do mercado e ao aumento da oferta de novos produtos, verifica-se a manutenção da tendência de diminuição do peso dos depósitos à ordem, que representavam 70% do total dos depósitos em 2009 e que passaram a 61% em 2010, em linha com o verificado nos últimos anos.

Nota: Os valores para os anos de 2006 a 2009 foram apurados pela soma das demonstrações financeiras dos bancos no plano de Contas PCIF. Os valores para os anos de 2009 (CONTIF) e 2010 (CONTIF) (à direita do gráfico) foram apurados pela soma das demonstrações financeiras de acordo com o normativo CONTIF.

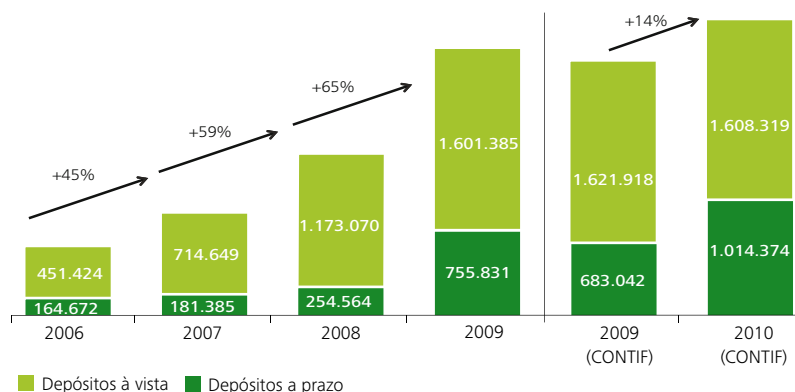
Estrutura de Depósitos por Moeda



Moeda Estrangeira Moeda Nacional

Fonte: Agregados BNA

Composição dos Depósitos de Clientes



Depósitos à vista Depósitos a prazo

Unidade: Milhões de AKZ

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Posição Relativa dos Bancos

Com base na informação pública referente a 2010 disponibilizada pelos bancos, no que respeita aos depósitos de clientes, a posição relativa entre os cinco maiores bancos manteve-se inalterada face ao ano anterior. O BAI permanece líder com uma quota de 21,3%, seguindo-se o BFA com 19,7%.

Os cinco maiores bancos detêm no seu conjunto uma quota de mercado de 77,7%, valor inferior ao de 2009, que se situava nos 80,6%.

Com base no agregado de captação de fundos de clientes disponibilizado pelo BNA, a posição relativa dos cinco principais bancos mantém-se idêntica.

A quota de mercado destes bancos no seu conjunto ascende a 79,3%.

Ranking de Depósitos de Clientes

2010			2009		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	21,3%	1	BAI	25,8%
2	BFA	19,7%	2	BFA	19,8%
3	BIC	13,3%	3	BIC	13,2%
4	BPC	13,2%	4	BPC	12,0%
5	BESA	10,2%	5	BESA	9,8%
6	BPA	5,6%	6	BPA	4,8%
7	SOL	4,1%	7	SOL	3,9%
8	BNI	2,8%	8	BMA	2,4%
9	BMA	2,7%	9	BNI	2,2%
10	BCGTA	2,5%	10	BCI	2,0%
11	BCI	1,7%	11	BCGTA	1,9%
12	BRK	1,3%	12	BRK	1,1%
13	BCA	0,7%	13	BCA	0,7%
14	FNB	0,4%	14	BANC	0,2%
15	BANC	0,3%	15	FNB	0,2%
16	VTB	0,1%	16	BMF	0,1%
17	BMF	0,05%	17	VTB	0,04%
18	BQC	0,02%			
19	BCH	0,01%			

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Ranking de Captação de Fundos de Clientes

2010			2009		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BAI	20,6%	1	BAI	25,7%
2	BFA	19,2%	2	BFA	17,6%
3	BPC	16,1%	3	BPC	16,6%
4	BIC	12,9%	4	BIC	12,5%
5	BESA	10,5%	5	BESA	8,5%
6	BPA	5,6%	6	BPA	4,4%
7	SOL	4,0%	7	SOL	3,6%
8	BNI	2,6%	8	BNI	2,9%
9	BCGTA	2,3%	9	BCI	2,2%
10	BMA	1,8%	10	BMA	2,1%
11	BCI	1,6%	11	BCGTA	1,7%
12	BRK	1,3%	12	BRK	1,0%
13	BCA	0,7%	13	BCA	0,7%
14	FNB	0,4%	14	BANC	0,3%
15	BANC	0,3%	15	FNB	0,2%
16	VTB	0,1%	16	BMF	0,1%
17	BMF	0,1%	17	VTB	0,02%
18	BQC	0,02%	18	BQC	0,00%
19	BCH	0,01%			

Fonte: BNA

Crédito a Clientes

Visão Agregada

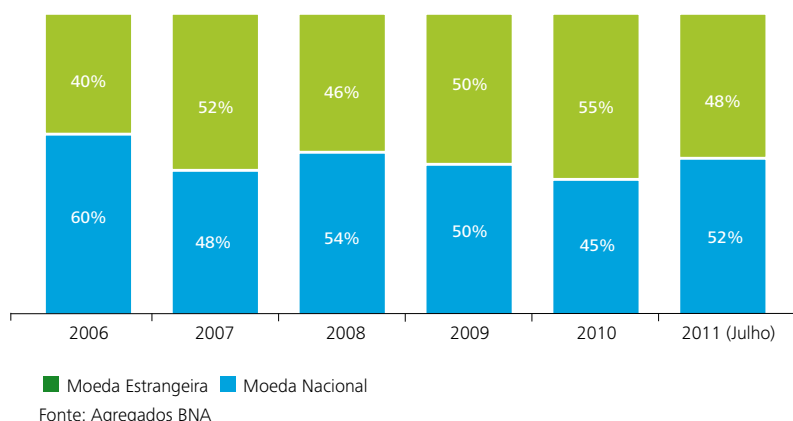
O total de crédito interno no final de 2010 corresponde a 2.571 mil milhões de AKZ, face a um valor de 2.241 mil milhões de AKZ¹ no final de 2009.

A repartição do crédito por moeda alterou-se em 2010 quando comparado com 2009, tendo o peso de moeda estrangeira aumentado de 50% para 55%.

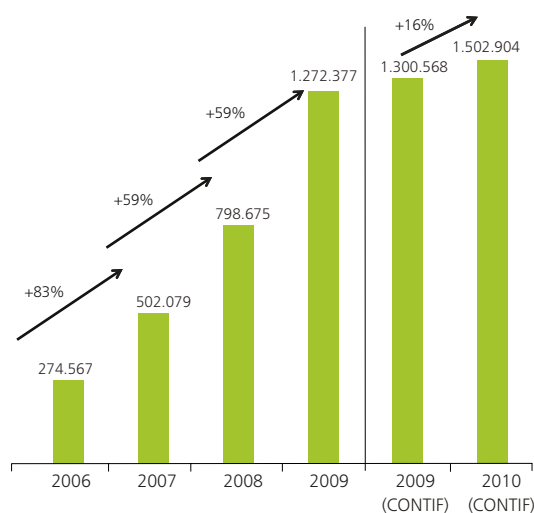
No entanto, durante 2011 verificou-se uma inversão desta situação. De acordo com a informação do BNA de Julho de 2011, os créditos em moeda nacional passaram a representar cerca de 52% do crédito total. Esta alteração da estrutura por moeda deve-se em parte à promoção do crédito em moeda nacional fruto da redução das taxas de juro dos TBC's e de alterações regulamentares que limitaram a concessão de crédito em moeda estrangeira.

No que respeita ao crédito líquido a clientes, manteve-se a tendência de crescimento, embora a um ritmo menos expressivo do que em anos anteriores. O seu valor agregado ultrapassou os 1.503 mil milhões de AKZ em 2010, o que corresponde a um crescimento de 16% face ao ano anterior.

Estrutura de Créditos por Moeda



Crédito a Clientes



Unidade: Milhões de AKZ

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Nota: Os valores para os anos de 2006 a 2009 foram apurados pela soma das demonstrações financeiras dos bancos no plano de Contas PCIF. Os valores para os anos de 2009 (CONTIF) e 2010 (CONTIF) (à direita do gráfico) foram apurados pela soma das demonstrações financeiras de acordo com o normativo CONTIF.

¹ Fonte: Agregados Monetários de Crédito do BNA



Posição Relativa dos Bancos

Ao nível do crédito a clientes, o grupo dos cinco maiores bancos mantém-se inalterado, embora com posições relativas distintas do ano de 2009. O BESA passou a deter uma quota de 22,9% devido a um crescimento muito expressivo no volume de crédito a clientes face ao ano anterior, seguindo-se o BPC com uma quota de 19,4%.

Os cinco maiores bancos detêm no seu conjunto uma quota de mercado de 79,3%, o que compara com 81,2% em 2009.

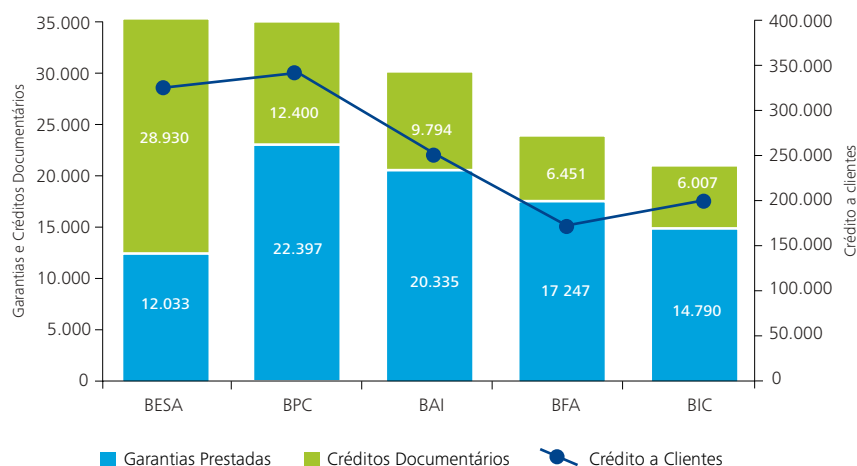
Ranking de Crédito a Clientes

2010			2009		
Ranking	Banco	Quota	Ranking	Banco	Quota
1	BESA	22,9%	1	BAI	21,1%
2	BPC	19,4%	2	BPC	18,9%
3	BAI	15,3%	3	BESA	16,6%
4	BIC	12,0%	4	BIC	12,6%
5	BFA	9,7%	5	BFA	12,0%
6	BPA	4,7%	6	BNI	4,8%
7	BNI	3,7%	7	BMA	3,0%
8	BMA	3,6%	8	BPA	2,8%
9	SOL	2,0%	9	BCI	1,8%
10	BCI	1,7%	10	SOL	1,7%
11	BDA	1,5%	11	BRK	1,4%
12	BRK	1,2%	12	BDA	1,2%
13	BCGTA	1,2%	13	BCGTA	1,2%
14	FNB	0,3%	14	BCA	0,4%
15	BCA	0,3%	15	FNB	0,3%
16	BANC	0,2%	16	BANC	0,1%
17	BMF	0,1%	17	BMF	0,1%
18	VTB	0,04%	18	VTB	0,01%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

No que se refere às garantias prestadas e créditos documentários, em 31 de Dezembro de 2010, os cinco maiores bancos (BESA, BPC, BAI, BFA e BIC) apresentavam os volumes registados no gráfico abaixo:

Garantias prestadas e Créditos documentários



Unidade: Milhões de AKZ

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Resultados

Visão Agregada

O produto bancário do sector aumentou em 2010 para cerca de 287 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 23% face a 2009.

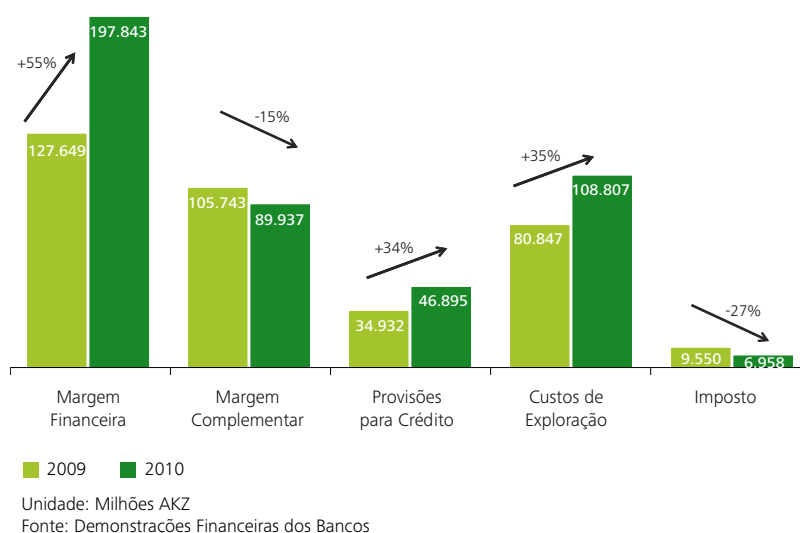
Este crescimento resultou em grande medida do aumento verificado na margem financeira, de 128 para 198 mil milhões de AKZ.

As provisões para crédito registaram em 2010 um crescimento de 34%, situando-se em cerca de 47 mil milhões de AKZ, o que compara com cerca de 35 mil milhões em 2009.

Os custos de exploração ascenderam a 109 mil milhões de AKZ, o que representa um crescimento de 35% face a 2009, reflexo do esforço dos bancos angolanos no crescimento das suas operações através do reforço da presença física em todo o país e do aumento do número de colaboradores.

O total de resultado líquido do sector cresceu 25%, para cerca de 128 mil milhões de AKZ em 2010 face aos 103 mil milhões em 2009.

Componentes do Resultado¹



Ranking de Resultados Líquidos

2010			2009		
Ranking	Banco	Resultado	Ranking	Banco	Resultado
1	BESA	30.489	1	BAI	20.654
2	BFA	24.068	2	BFA	19.886
3	BAI	21.124	3	BESA	16.842
4	BPC	17.166	4	BIC	13.292
5	BIC	13.160	5	BPC	11.130
6	BPA	3.955	6	BCGTA	4.050
7	BCGTA	3.848	7	BPA	3.437
8	BMA	3.018	8	BNI	3.012
9	BNI	2.948	9	SOL	2.943
10	SOL	2.473	10	BCI	1.877
11	BCI	1.524	11	BMA	1.590
12	BDA	1.407	12	BDA	1.191
13	VTB	893	13	BRK	1.170
14	FNB	819	14	FNB	607
15	BCA	689	15	BCA	531
16	BANC	408	16	BANC	483
17	BRK	183	17	BMF	120
18	BMF	79	18	VTB	64
19	BQC	39	19	BQC	3
20	BCH	-77			

Unidade: Milhões de AKZ

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Posição Relativa dos Bancos

No que se refere aos resultados, os cinco maiores bancos apresentam os maiores resultados líquidos, com destaque para o BESA, que apresentou um crescimento de cerca de 81% relativamente a 2009.

Os resultados líquidos dos cinco maiores bancos representaram cerca de 83% do total.

¹ De notar que a aplicação do plano de contas CONTIF às demonstrações financeiras de 2009 resultou na reafecção de valores anteriormente registados na margem complementar para a margem financeira.

Rentabilidade

Visão Agregada

No ano de 2010 verificou-se uma redução na rentabilidade dos capitais próprios médios (ROAE), que se situou nos 33,2%, em comparação com os 39,9% obtidos em 2009.

Indicadores de Rentabilidade¹

	2010	2009	2008	2007	2006
Margem financeira (em % dos activos médios)	5,2%	3,6%	4,6%	4,8%	4,2%
Margem complementar (em % dos activos médios)	2,4%	4,1%	3,0%	3,7%	4,6%
Retorno dos activos médios (ROAA)	3,4%	3,4%	3,3%	2,9%	3,1%
Taxa de alavancagem	9,3	10,6	13,7	11,0	10,7
Retorno dos fundos próprios médios (ROAE)	33,2%	39,9%	41,9%	32,1%	33,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Posição Relativa dos Bancos

No que respeita à rentabilidade, destaca-se o VTB com 65%, o BESA com 60%, o BFA com 44%, o Banco SOL com 34% e o FNB e o BAI com 33%.

Ranking de Rentabilidade (ROAE)¹

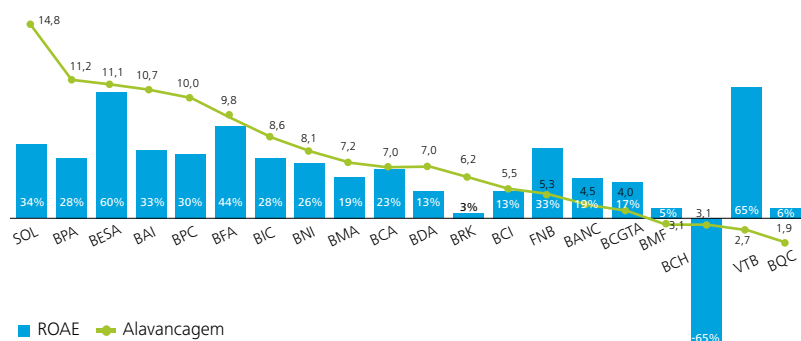
2010			2009		
Ranking	Banco	ROAE	Ranking	Banco	ROAE
1	VTB	65%	1	SOL	61%
2	BESA	60%	2	BESA	60%
3	BFA	44%	3	BPA	48%
4	SOL	34%	4	FNB	44%
5	FNB	33%	5	BFA	43%
6	BAI	33%	6	BAI	43%
7	BPC	30%	7	BIC	42%
8	BPA	28%	8	BNI	39%
9	BIC	28%	9	BANC	37%
10	BNI	26%	10	BPC	33%
11	BCA	23%	11	BCGTA	26%
12	BMA	19%	12	BCA	22%
13	BANC	19%	13	BCI	19%
14	BCGTA	17%	14	BRK	18%
15	BCI	13%	15	BMA	17%
16	BDA	13%	16	BMF	10%
17	BQC	6%			
18	BMF	5%			
19	BRK	3%			
20	BCH	-65%			

¹ Os indicadores de rentabilidade para os anos de 2006 a 2009 foram calculados com base nas demonstrações financeiras do plano de contas PCIF.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Verifica-se alguma correlação entre a taxa de rentabilidade e o nível de alavancagem apresentado pelos Bancos. Importa salientar que o aumento do grau de alavancagem poderá aumentar o potencial de receita mas expõe o banco a maiores riscos. Deste modo, caso fosse possível analisar a rentabilidade por unidade de risco poderiam verificar-se alterações no que diz respeito ao ranking da rentabilidade.

ROAE vs Grau de Alavancagem



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Eficiência

Visão Agregada

Em 2010 verificou-se um aumento do indicador de custos gerais de exploração sobre o produto bancário (rácio *cost to income*), como resultado do esforço de expansão e consolidação da actividade dos bancos, bem como do crescimento mais moderado do produto bancário.

Deste modo, este indicador aumentou para 37,8%, face aos 34,5% de 2009, situando-se a níveis mais próximos de 2008.

Indicadores de Eficiência¹

	2010	2009	2008	2007	2006
Cost to income	37,8%	34,5%	37,7%	44,3%	47,9%
Rácio de eficiência	2,6	2,9	2,7	2,3	2,1
Custos operacionais (% Activos)	2,9%	2,7%	2,9%	3,7%	4,2%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Posição Relativa dos Bancos

Ao nível dos rácios de eficiência, destacam-se o BESA com um rácio de *cost to income* de 19,7%, o FNB com 25,5%, o VTB com 30,1%, o BAI com 32,4% e o BFA com 34,5%.

Cost to Income¹

2010			2009		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BESA	19,7%	1	BCGTA	23,1%
2	FNB	25,5%	2	BAI	23,5%
3	VTB	30,1%	3	BIC	24,3%
4	BAI	32,4%	4	BESA	24,9%
5	BFA	34,5%	5	BFA	29,0%
6	BPC	36,8%	6	FNB	32,8%
7	BIC	37,7%	7	BNI	41,9%
8	BCGTA	38,2%	8	BPC	45,7%
9	BPA	49,3%	9	BRK	46,5%
10	BNI	53,2%	10	SOL	50,6%
11	BMA	53,5%	11	BPA	51,5%
12	BDA	53,8%	12	BANC	57,7%
13	BCA	61,3%	13	BMA	62,5%
14	BCI	63,2%	14	BCI	62,9%
15	BANC	65,9%	15	BCA	67,0%
16	SOL	71,8%	16	BMF	80,7%
17	BRK	86,3%			
18	BMF	89,1%			
19	BQC	139,5%			

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

¹ Os indicadores de eficiência para os anos de 2006 a 2009 foram calculados com base nas demonstrações financeiras do plano de contas PCIF.

Conclusão

Ao longo do ano de 2010 a economia angolana continuou o percurso de recuperação que já tinha iniciado em finais de 2009. Voltaram a registar-se taxas de crescimento positivas do PIB, quer no sector petrolífero quer nos sectores não petrolíferos.

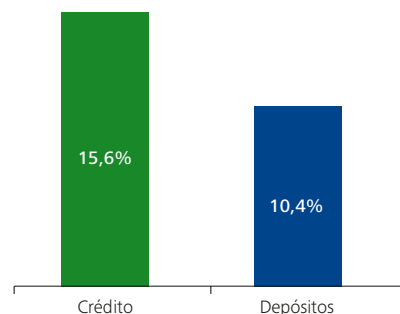
A evolução do sector bancário acompanhou a dinâmica de crescimento económico em todos os agregados, tendo registado uma taxa de crescimento dos depósitos de cerca de 14%, do crédito concedido a clientes de 16% e dos resultados líquidos de 25%.

A regulamentação evoluiu no sentido de fortalecer a moeda nacional e de preparar as instituições financeiras para a globalização e para o cumprimento dos requisitos internacionais do sector.

Durante o ano de 2011 o desenvolvimento da actividade bancária em Angola tem ocorrido num contexto de instabilidade global, que se traduz em volatilidade nos diversos mercados internacionais, incluindo o mercado do petróleo. A economia angolana não se tem mostrado indiferente a estes comportamentos. No entanto, as projecções mais recentes do Governo para o ano de 2011 apontam para uma continuidade do crescimento global da economia estimando-se uma taxa de crescimento do PIB de cerca de 3,7%. Este valor é ainda mais significativo se tivermos em conta que se projecta uma contracção do sector petrolífero de cerca de 3,1%.

Relativamente ao sector bancário, no primeiro semestre de 2011 verificou-se um crescimento acentuado dos principais agregados. De acordo com o BNA, os depósitos apresentam um crescimento de 10,4%, o que representa uma aceleração significativa da taxa de crescimento face a 2010. No crédito, a taxa de crescimento fixa-se em 15,6%, pelo que se mantém a tendência de crescimento da taxa de transformação.

Taxa de Evolução dos Agregados de Depósitos e Crédito até Julho de 2011



Fonte: Agregados BNA



Demonstrações Financeiras dos Bancos

Balanço Consolidado

Demonstração de Resultados Consolidada

Indicadores Consolidados

Balanços dos Bancos

Demonstrações de Resultados dos Bancos



Balanço Consolidado

Milhões de Kwanzas

Activo	31-12-2010	31-12-2009
Disponibilidades	800.194	669.188
Aplicações de Liquidez	372.046	253.046
Títulos e Valores Mobiliários	1.143.276	990.864
Instrumentos Financeiros Derivados	0	3
Créditos no Sistema de Pagamentos	4.356	477
Operações Cambiais	5.072	6.951
Créditos	1.502.904	1.300.568
Outros Valores	106.215	83.436
Inventários comerciais e Industriais	3.737	7.688
Imobilizações	174.337	124.009
Total do Activo	4.112.138	3.436.231

Passivo

Depósitos	2.622.693	2.304.960
Captação para Liquidez	509.674	418.075
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	205.538	168.730
Instrumentos Financeiros Derivados	0	34
Obrigações no Sistema de Pagamentos	147.627	37.801
Operações Cambiais	14.342	23.137
Outras Captações	116.442	108.358
Adiantamentos de Clientes	1.047	0
Outras Obrigações	38.563	33.561
Provisões	14.462	10.637
Total do Passivo	3.670.389	3.105.294

Fundos próprios

Capital	112.686	84.178
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	8.709	7.337
Reservas e Fundos	156.111	124.108
Resultados Potenciais	6.029	5.970
Reserva de Reexpressão	0	0
Resultados Transitados	30.070	6.509
(-) Dividendos antecipados	0	0
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	-68	-47
Resultado do Exercício	128.211	102.882
Total de Fundos Próprios	441.749	330.937
Total do Passivo e Fundos Próprios	4.112.138	3.436.231

Demonstração de Resultados Consolidada

Milhões de Kwanzas

	31-12-2010	31-12-2009
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	323.362	212.524
2. Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-125.519	-84.875
3. Margem Financeira (1+2)	197.843	127.649
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	2.469	3.376
5. Resultados de Operações Cambiais	51.590	70.481
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	35.878	31.887
7. Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garantias	-46.895	-34.932
8. Resultados de Intermediação Financeira (3+4+5+6+7)	240.885	198.459
9. Custos Administrativos e de Comercialização	-108.807	-80.847
10. Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	-3.778	-6.198
11. Outros Proveitos e Custos Operacionais	6.434	7.345
12. Outros Proveitos e Custos Operacionais (9+10+11)	-106.151	-79.700
13. Resultados de Imobilizações Financeiras	-4	-1
14. Resultado da Actualização Monetária Patrimonial	-1.318	-5.798
15. Resultado Operacional (8+12+13+14)	133.414	112.961
16. Resultado não Operacional	1.755	-528
17. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0
18. Resultado antes dos Impostos e outros Encargos (15+16+17)	135.169	112.433
19. Encargos sobre o Resultado Corrente	-6.958	-9.550
20. Resultado do Exercício (18+19)	128.211	102.882

Indicadores Consolidados¹

	2010	2009	2008	2007	2006	2005
DIMENSÃO E CRESCIMENTO						
Crescimento de depósitos a clientes (%)	13,8%	65,1%	59,3%	45,4%	70,1%	64,3%
Crescimento de crédito a clientes (%)	15,6%	59,3%	59,1%	82,9%	102,7%	44,0%
Crescimento dos activos	19,7%	29,2%	93,3%	62,1%	63,8%	47,0%
SOLIDEZ E LIQUIDEZ						
Fundos próprios/activo total (%)	10,7%	9,5%	7,3%	9,1%	9,3%	9,1%
Crédito líquido a clientes sobre depósitos de clientes (%)	57,6%	54,0%	55,9%	56,0%	44,6%	37,4%
Depósitos a prazo sobre depósitos totais (%)	38,7%	32,1%	17,8%	20,2%	26,7%	23,3%
QUALIDADE DOS ACTIVOS						
Provisões de crédito/ crédito total (%)	6,5%	4,2%	4,7%	3,8%	5,2%	6,4%
PERFORMANCE						
Rentabilidade dos fundos próprios médios (ROAE) (%)	33,2%	39,9%	41,9%	32,1%	33,9%	42,5%
Rentabilidade dos activos médios (ROAA) (%)	3,4%	3,4%	3,3%	2,9%	3,1%	4,1%
Receitas líquidas de juros / activos médios (%)	5,2%	3,6%	4,6%	4,8%	4,2%	5,7%
Margem complementar/ activos médios (%)	2,4%	4,2%	3,0%	3,7%	4,6%	3,9%
Produto bancário bruto / activos médios (%)	7,6%	7,8%	7,6%	8,4%	8,8%	9,6%
PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA						
Custos de exploração/ produto bancário bruto (%)	37,8%	34,5%	37,7%	44,3%	47,9%	40,1%
Custos de exploração/ activos médios (%)	2,9%	2,7%	2,9%	3,7%	4,2%	3,9%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

¹ Os indicadores consolidados para os anos de 2005 a 2009 foram calculados com base nas demonstrações financeiras do plano de contas PCIF.

Balanços dos Bancos

2010	Milhões de Kwanzas									
	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA	BIC	BPC	BCGTA	BRK
Activo										
Disponibilidades	239.714	7.127	12.909	22.467	23.942	116.661	102.615	128.738	23.848	11.160
Aplicações de Liquidez	62.241	2.426	2.303	4.218	3.747	57.780	27.710	127.944	10.273	6.289
Títulos e Valores Mobiliários	206.379	7.118	14.584	29.266	250.155	259.487	128.099	94.012	30.847	2.825
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Créditos no Sistema de Pagamentos	275	135	0	12	8	0	2	0	2.472	1
Operações Cambiais	0	0	0	1.457	0	1.436	396	0	147	0
Créditos	229.418	4.512	26.235	53.791	343.973	145.913	181.050	291.890	18.610	18.728
Outros Valores	8.447	674	4.891	1.148	69.849	1.908	2.611	3.488	356	3.016
Inventários comerciais e Industriais	0	0	0	0	81	0	0	0	0	0
Imobilizações	29.216	1.509	5.546	11.210	39.396	14.390	8.470	27.034	6.227	2.128
Total do Activo	775.692	23.501	66.466	123.570	731.151	597.575	450.952	673.106	92.780	44.147
Passivo										
Depósitos	558.603	19.250	44.302	72.004	266.374	515.686	347.964	345.057	65.901	34.659
Captação para Liquidez	9.300	0	5.685	29.471	397.955	8.767	25.607	16.264	98	75
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	116.186	0	0	0	0	0	0	87.636	0	0
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Obrigações no Sistema de Pagamentos	3.148	169	743	1.418	216	1.694	2.425	134.960	259	306
Operações Cambiais	6.453	131	47	500	0	1.443	398	1.690	1.118	1
Outras Captações	3.277	59	0	0	133	0	15.838	5.827	0	1.660
Adiantamentos de Clientes	1.047	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras Obrigações	4.008	503	3.203	2.566	311	3.410	5.165	10.858	1.466	113
Provisões	897	47	310	508	0	5.841	1.241	3.600	733	198
Total do Passivo	702.919	20.160	54.290	106.467	664.989	536.842	398.638	605.893	69.574	37.013
Fundos próprios										
Capital	14.787	1.309	2.532	3.809	14.565	3.522	2.415	31.672	8.575	4.000
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	29	83	176	0	0	451	7.155	0	802	0
Reservas e Fundos	36.214	1.223	3.275	10.274	7.635	31.439	24.783	18.030	9.403	2.935
Resultados Potenciais	667	58	3.168	0	0	1.254	0	0	577	3
Reserva de Reexpressão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultados Transitados	0	0	1.502	0	13.474	0	4.801	346	0	13
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	-47	-20	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado do Exercício	21.124	689	1.524	3.018	30.489	24.068	13.160	17.166	3.848	183
Total de Fundos Próprios	72.773	3.341	12.176	17.102	66.162	60.733	52.314	67.213	23.205	7.135
Total do Passivo e Fundos Próprios	775.692	23.501	66.466	123.570	731.151	597.575	450.952	673.106	92.780	44.147

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Balanços dos Bancos

2010	Milhões de Kwanzas									
	BMF	SOL	BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BQC	BCH
Activo										
Disponibilidades	1.844	39.233	31.225	24.394	3.103	1.763	2.701	5.897	530	322
Aplicações de Liquidez	930	10.091	11.226	3.155	427	41.287	0	0	0	0
Títulos e Valores Mobiliários	140	34.724	47.306	19.565	1.636	12.949	571	3.556	0	59
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Créditos no Sistema de Pagamentos	198	478	47	0	0	0	678	49	0	0
Operações Cambiais	0	836	595	206	0	0	0	0	0	0
Créditos	1.115	29.398	71.142	55.979	2.818	22.770	620	4.937	0	4
Outros Valores	422	1.689	4.366	939	1.087	604	24	155	523	19
Inventários comerciais e Industriais	0	0	0	0	0	3.656	0	0	0	0
Imobilizações	721	3.980	13.026	8.367	1.569	286	136	558	246	326
Total do Activo	5.370	120.428	178.932	112.605	10.639	83.314	4.729	15.153	1.299	730
Passivo										
Depósitos	1.309	108.479	147.182	74.140	7.748	0	2.036	11.282	478	240
Captação para Liquidez	2.092	0	13.429	0	389	0	541	0	0	0
Captações com Títulos e Valores Mobiliários	0	272	0	1.444	0	0	0	0	0	0
Instrumentos Financeiros Derivados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Obrigações no Sistema de Pagamentos	201	392	63	1.249	27	0	35	322	0	0
Operações Cambiais	0	1.943	597	0	17	0	0	0	4	0
Outras Captações	0	3	0	19.149	0	70.495	0	0	0	0
Adiantamentos de Clientes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outras Obrigações	44	680	1.298	2.586	91	856	336	677	139	252
Provisões	0	540	374	88	7	62	12	0	4	0
Total do Passivo	3.646	112.308	162.943	98.656	8.280	71.414	2.960	12.280	625	492
Fundos próprios										
Capital	1.597	1.378	7.313	6.039	1.750	4.019	1.400	1.332	375	300
Reserva de Actualização Monetária do Capital Social	0	0	0	0	0	0	0	0	0	15
Reservas e Fundos	49	718	1.009	2.582	202	5.282	22	721	314	0
Resultados Potenciais	0	301	0	0	0	0	0	0	0	0
Reserva de Reexpressão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultados Transitados	0	3.250	3.713	2.380	0	1.192	-545	0	-55	0
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
(-) Acções ou Quotas Próprias em Tesourarias	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado do Exercício	79	2.473	3.955	2.948	408	1.407	893	819	39	-77
Total de Fundos Próprios	1.724	8.120	15.989	13.949	2.360	11.900	1.769	2.873	674	237
Total do Passivo e Fundos Próprios	5.370	120.428	178.932	112.605	10.639	83.314	4.729	15.153	1.299	730

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Demonstração de Resultados

2010	Milhões de Kwanzas									
	BAI	BCA	BCI	BMA	BESA	BFA	BIC	BPC	BCGTA	BRK
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	53.657	1.349	6.387	8.858	58.676	41.476	33.605	72.767	5.796	3.060
2. Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-18.493	-312	-2.067	-2.628	-22.775	-16.353	-17.904	-22.501	-1.995	-1.487
3. Margem Financeira (1+2)	35.164	1.036	4.320	6.230	35.901	25.123	15.701	50.266	3.801	1.573
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	-23	0	0	0	0	-4	2.284	0	0	205
5. Resultados de Operações Cambiais	10.433	893	1.445	3.283	1.764	8.313	7.011	5.322	3.562	622
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	4.356	622	1.049	1.944	4.074	2.311	1.553	9.677	1.066	726
7. Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garantias	-13.599	-149	846	-1.868	-2.806	-2.584	-1.187	-21.133	-613	-399
8. Resultados de Intermediação Financeira (3+4+5+6+7)	36.331	2.402	7.660	9.590	38.933	33.158	25.361	44.133	7.815	2.727
9. Custos Administrativos e de Comercialização	-16.160	-1.564	-4.309	-6.134	-8.241	-12.347	-10.017	-24.001	-3.222	-2.697
10. Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	-432	-16	90	-4	0	-822	-110	-1.810	-530	-91
11. Outros Proveitos e Custos Operacionais	467	11	-1.089	34	-147	3.260	2.042	911	210	0
12. Outros Proveitos e Custos Operacionais (9+10+11)	-16.125	-1.569	-5.309	-6.104	-8.388	-9.909	-8.086	-24.900	-3.542	-2.788
13. Resultados de Imobilizações Financeiras	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14. Resultado da Actualização Monetária Patrimonial	0	0	0	0	0	0	-1.357	0	0	0
15. Resultado Operacional (8+12+13+14)	20.206	833	2.351	3.486	30.545	23.249	15.919	19.232	4.274	-60
16. Resultado não Operacional	1.076	0	-7	10	4	-110	280	-114	104	244
17. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18. Resultado antes dos Impostos e outros Encargos (15+16+17)	21.282	833	2.344	3.496	30.549	23.138	16.199	19.118	4.378	183
19. Encargos sobre o Resultado Corrente	-158	-143	-820	-477	-60	930	-3.039	-1.953	-530	0
20. Resultado do Exercício (18+19)	21.124	689	1.524	3.018	30.489	24.068	13.160	17.166	3.848	183

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Demonstração de Resultados

2010	Milhões de Kwanzas									
	BMF	SOL	BPA	BNI	BANC	BDA	VTB	FNB	BQC	BCH
1. Proveitos de Instrumentos Financeiros Activos	548	10.342	13.363	8.793	768	2.354	231	1.324	0	7
2. Custos de Instrumentos Financeiros Passivos	-207	-6.014	-5.453	-5.014	-236	-1.750	-24	-306	0	-1
3. Margem Financeira (1+2)	341	4.328	7.910	3.780	533	604	207	1.018	0	6
4. Resultados de Negociações e Ajustes ao Valor Justo	0	0	0	6	8	-5	0	0	0	0
5. Resultados de Operações Cambiais	1	2.252	986	1.309	803	1.848	877	864	1	0
6. Resultados de Prestação de Serviços Financeiros	358	1.659	2.551	1.605	195	965	315	579	272	0
7. Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa e Prestação de Garantias	-89	-626	-1.254	-433	-91	-320	-19	-568	0	0
8. Resultados de Intermediação Financeira (3+4+5+6+7)	612	7.613	10.192	6.267	1.448	3.091	1.380	1.892	273	7
9. Custos Administrativos e de Comercialização	-624	-5.919	-5.640	-3.566	-1.015	-1.836	-421	-627	-381	-84
10. Provisões sobre Outros Valores e Responsabilidades Prováveis	0	-236	-132	3	0	137	-5	0	181	0
11. Outros Proveitos e Custos Operacionais	0	737	-220	206	22	0	13	-18	-4	0
12. Outros Proveitos e Custos Operacionais (9+10+11)	-624	-5.418	-5.992	-3.357	-993	-1.699	-414	-645	-205	-84
13. Resultados de Imobilizações Financeiras	0	0	0	0	-5	0	0	0	0	0
14. Resultado da Actualização Monetária Patrimonial	14	0	0	0	0	0	26	0	0	0
15. Resultado Operacional (8+12+13+14)	1	2.195	4.200	2.910	450	1.392	993	1.247	68	-77
16. Resultado não Operacional	102	278	-245	38	-8	15	86	12	-8	0
17. Resultado Cambial de Conversão para USD	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18. Resultado antes dos Impostos e outros Encargos (15+16+17)	103	2.473	3.955	2.948	442	1.407	1.080	1.258	61	-77
19. Encargos sobre o Resultado Corrente	-24	0	0	0	-35	0	-187	-439	-21	0
20. Resultado do Exercício (18+19)	79	2.473	3.955	2.948	408	1.407	893	819	39	-77

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Especialista em empresas.
Especialista em si.



Investimos em si.

Como maior banco privado de Angola, o BAI assume a sua responsabilidade como motor do tecido económico do País, trabalhando com os seus Clientes numa relação de parceria, sejam estes particulares, entidades públicas ou privadas. Esta relação baseia-se em valores como a confiança, a seriedade e a transparência.

É por isso que o BAI é um banco especialista em empresas. Mas também em si.



Rua Major Ganhagui, 35, PO Box 6022 - Luanda
Tel: (+244) 222 492 600/492 399 - Fax: (+244) 222 235 454
www.bancobai.ao





PRÉMIOS SIRIUS

Distinguir a excelência, promover o futuro.

Queremos premiar Líderes. Os que inspiram.
Os que se distinguem. Os que apresentam
desempenhos brilhantes.

Os Prémios Sirius, promovidos pela Deloitte, visam homenagear a excelência e as boas práticas do tecido empresarial angolano e, assim, distinguir os verdadeiros responsáveis pelo desenvolvimento e crescimento do país.

Saiba mais em:
www.deloitte.co.ao
ou contacte infoangola@deloitte.com

Deloitte.

"Deloitte" refere-se à Deloitte Touche Tohmatsu Limited, uma sociedade privada de responsabilidade limitada do Reino Unido, ou a uma ou mais entidades, às quais referir-se firmes membros, sendo cada uma delas uma entidade legal separada e independente. Para saber a descrição detalhada da estrutura legal da Deloitte Touche Tohmatsu Limited e suas firmas membros consulte www.deloitte.com/global/about

© 2011 Deloitte & Touche – Auditoria Limitada

Media Partner

EXPANSÃO